

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em Memória Social

DIANA ILIESCU

OCUPA MINC RJ:

MEMÓRIAS COLETIVAS DE UMA OCUPAÇÃO

POLÍTICO-CULTURAL



Rio de Janeiro

2024

Diana Iliescu

OCUPA MINC RJ:

MEMÓRIAS COLETIVAS DE UMA OCUPAÇÃO

POLÍTICO-CULTURAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço. Projeto de Pesquisa: Memória Política na América Latina (Núcleo de Memória Política – NUMEP).

Orientador: Prof. Dr. Javier Lifschitz

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

I Iliescu, Diana
OCUPA MINC RJ: MEMÓRIAS COLETIVAS DE UMA OCUPAÇÃO
POLÍTICO-CULTURAL / Diana Iliescu. -- Rio de Janeiro :
UNIRIO, 2024.

99

Orientador: Prof. Dr. Javier Lifschitz .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória
Social, 2024.

1. Memória Política do Rio de Janeiro . 2. Ocupação. 3.
Ministério da Cultura. I. Título.

OCUPA MINC RJ:

MEMÓRIAS COLETIVAS DE UMA OCUPAÇÃO

POLÍTICO-CULTURAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço. Projeto de Pesquisa: Memória Política na América Latina (Núcleo de Memória Política – NUMEP).

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Javier Lifschitz

Prof. Dr. Sergio Luiz Silva

Prof. Dr. Ivana Bentes

Dedico este trabalho à minha mãe,
Miriam Oliveira Mariano, com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador Prof. Dr. Javier Lifschitz por ter me acompanhando nesta trajetória de desenvolvimento de mestrado, desde a ideia inicial até a defesa final, tendo sido um grande parceiro em todos os momentos, incluindo as ações desenvolvidas pelo NUMEP – Núcleo de Memória Política do PPGMS da UNIRIO.

Agradeço com carinho aos professores da minha banca de defesa Prof^a. Dr^a. Ivana Bentes, Pró-Reitora de Extensão da UFRJ e Prof. Dr. Sergio Luiz da Silva, da UNIRIO que gentilmente se colocaram à disposição deste trabalho, assim como o Prof. Ms. Antônio Rubens de Meira Coelho, da UCP, suplente da banca, que sempre me deu todo o seu apoio e amizade.

A todos os meus professores e colegas do curso de mestrado da Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO, pelas trocas e aprendizados recebidos, pelas horas de aulas e discussão e pela grata convivência durante o curso. Deixo meu agradecimento especial ao colega Pablo Mendonça Kaschner pela ajuda na revisão do texto.

Aos meus companheiros da OCUPA MINC RJ, recebam toda minha gratidão pelo tempo vivido, compartilhado e inventado, que este trabalho procura retratar – a partir de um dos vários recortes possíveis – e manter para sempre vivo na memória coletiva deste país que tanto sofre, mas não hesita em se levantar em resistência.

À minha família e meus amigos próximos, por todo apoio dado para que eu conseguisse chegar ao fim desta empreitada, à minha mãe Miriam, meu pai Marcelo, meu pai 2 Wolfgang, meu irmão Daniel, minha cunhada Rafaela, e às queridas Aline, Joice, Cris, Lilian e Lívia, que estiveram comigo nos dias e noites de intenso trabalho e comoção. À minha amiga-irmã Nely que além de tudo também fez a tradução do resumo para o inglês. Ao cachorro Tom, às cadelinhas Lili e Lalá e ao gato Hobsbawn.

Aos meus colaboradores do Instituto Municipal de Cultura de Petrópolis, o qual presido entre 2021 e 2024, por toda a dedicação à cultura de Petrópolis, e sem cujo trabalho eu não conseguiria ter tempo para escrever esta dissertação.

RESUMO

Este trabalho acadêmico se caracteriza por analisar e discutir, a partir de fontes primárias, as memórias políticas coletivas da ocupação político-cultural Ocupa MinC RJ que aconteceu de maio a setembro de 2016 na cidade do Rio de Janeiro, em função da extinção do Ministério da Cultura pelo governo interino de Michel Temer, instituído após o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Apresentamos o registro de memórias coletadas através de entrevistas com os ocupantes como forma de contribuir para a compreensão desta ação política que demonstrou a mobilização do setor cultural como resistência às mudanças impostas pelo então governo federal.

Palavras – chave

Memória política; Ministério da Cultura; Ocupação; Ocupa MinC; Resistência.

ABSTRACT

This academic work aims to analyze and discuss, based on primary sources, the collective political memories of the political-cultural occupation Ocupa MinC RJ, which took place from May to September 2016 in Rio de Janeiro. This occupation arose in response to the extinction of the Ministry of Culture by the interim government of Michel Temer, following the impeachment of President Dilma Rousseff. We present a record of memories collected through interviews with the occupants, aiming to contribute to the understanding of this political action, which highlighted the mobilization of the cultural sector as an act of resistance against the changes imposed by the federal government at the time.

Keywords

Political Memory, Ministry of Culture, Occupation, Ocupa MinC, Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ATOS POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS	13
1.1 Antecedentes da Ocupa MinC	13
1.2 Aspectos Metodológicos	25
2 “O GOLPE VEIO QUENTE, NÓS JÁ TÁ FERVENDO!”	
2.1 A Ocupa MinC no Palácio Gustavo Capanema	29
2.2 GT de Comunicação	37
2.3 GT de Segurança	43
2.4 GT de Infraestrutura	47
2.5 GT de Programação	50
2.6 GT de Articulação Política	55
2.7 GT Jurídico	57
2.8 Planetárias	58
2.9 Ocupa MinC pelo Brasil	59
2.10 GTs temporários	63
2.11 GT Formação de Sereias	64
2.12 Atos de rua	70
2.13 Escrachos	70
2.14 Ambulantes	74
2.15 Desocupação.....	76
3 “AHA UHU! O CANECÃO É NOSSO!”	
3.1 A Ocupa Canecão	80
CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

INTRODUÇÃO

Brasil, 2016. Dilma Rousseff, a primeira Presidenta mulher do país é afastada do cargo por um processo de impedimento repleto de questionamentos jurídicos. A principal justificativa baseia-se no que se convencionou chamar de “pedaladas fiscais”. Uma vez aceita a abertura do processo de afastamento por votação na plenária da Câmara dos Deputados, o vice-Presidente da República assume o governo de forma interina. Dentre as primeiras providências de Michel Temer, estava a extinção de diversos Ministérios, incluindo o Ministério da Cultura, o MinC, órgão federal responsável pelas políticas públicas do setor cultural.

Artistas e trabalhadores da cultura ficaram indignados – não apenas pelo retrocesso na estrutura do Estado brasileiro, eliminando um órgão fundamental da democracia brasileira¹ – mas “primeiramente”², com a transferência de poder fora de período eleitoral, através de um instrumento não ortodoxo. Em linguagem popular, através de um golpe parlamentar.

A revolta popular dos artistas a estes acontecimentos manifesta-se por meio da ocupação dos principais prédios públicos representativos da gestão da cultura no país. Da Paraíba ao Acre, do Amapá ao Rio Grande do Sul, os prédios das representações regionais do MinC, FUNARTE e IPHAN são tomados por assembleias populares, que decidem por permanecer coletivamente nestes locais até a derrubada das mudanças impostas.

No Rio de Janeiro, os manifestantes ocupam o Palácio Capanema - sede regional do MinC/RJ e sede nacional da FUNARTE (Fundação Nacional de Artes), localizado na Avenida Graça Aranha, centro da capital. A ação tem início na manhã da segunda-feira dia 16 de maio, quatro dias após a publicação da extinção do Ministério da Cultura em Diário Oficial da União.

Um grupo de cinquenta artistas, produtores e realizadores culturais cariocas, que havia marcado encontro no café do Teatro da Firjan, do lado oposto da rua, avança em passo firme e decidido em direção à entrada do histórico prédio sustentado por pilotis e decorado por

¹ O Ministério da Cultura foi criado em 1985, por separação da pasta da Cultura do MEC, que permaneceu sendo o Ministério da Educação.

² O termo “primeiramente” ficou famoso no período após um estudante iniciar sua resposta para uma repórter televisiva dizendo: “Primeiramente, fora Temer”, frase que virou meme, sendo repetida inúmeras vezes pela população brasileira até as eleições de 2018.

azulejos. Quando a segurança percebeu o risco, tenta fechar a pesada porta de vidro. Tarde demais. Os manifestantes adentram o amplo saguão do térreo, sobem para o segundo andar e ocupam o salão adornado com o enorme mural pintado por Cândido Portinari com representações de trabalhadores brasileiros. Ali, se aglomeram entre os mais diversos apoiadores que não paravam de chegar. Assim se inicia a Ocupa MinC RJ – a maior em quantidade de ocupantes e público e a mais longa em tempo – ocupação de resistência artístico-política contra o impedimento da Presidenta da República.

No início daquela tarde, já com participação maciça de agentes culturais e políticos, realizaram a primeira assembleia da ocupação, que define, em primeiro lugar, que ela não teria data para acabar. Em seguida, são taxativos em suas intenções: o espaço público é lugar de luta política.

A Ocupa MinC RJ foi uma ação política e cultural de grandes proporções que, ocupando o território público de onde se profere o discurso oficial do Estado, ressignificou sua função social, através de corpos vivificados e criativos atuando em novas formas de convivência, práticas cotidianas e atuações políticas, com uma intensidade de produção cultural sem precedentes – durante os quase quatro meses que durou – e com uma capacidade de encantamento coletivo arrebatadora. Este trabalho de mestrado tem como objetivo agenciar e analisar o que foi a Ocupa MinC RJ, através do ponto de vista da memória política dos atores sociais que realizaram a ocupação, para a consolidação destas memórias por escrito.

Foram inúmeros participantes, desde as preparações, até a desocupação final do Canecão. Alguns tiveram atuação destacada na organização inicial, outros se juntaram ao grupo ao longo do processo. Muitas pessoas visitaram, realizaram atividades, declararam apoio e ajudaram com doações. Um grupo de pessoas permaneceu ativo durante todo o tempo da ação política – estes são o foco desta pesquisa, pois puderam criar uma visão de conjunto dos desdobramentos das atividades realizadas. Segundo levantamentos dos próprios ocupantes, houve uma média de 70 pessoas dormindo diariamente na Ocupa. Muitos que atuavam intensamente não passavam a noite acampados, dormiam em suas casas, e retornavam pela manhã para se dedicarem às tarefas no local.

Ao utilizarmos o conceito de memória coletiva (HALBWACHS, 1990), procuramos definir como recorte o grupo de memória sob o qual estamos nos debruçando: o conjunto dos ocupantes. Em um primeiro momento, levantamos a possibilidade de definir os grupos afetivos em consonância com os Grupos de Trabalho (GTs) criados espontaneamente pela própria ocupação. Grupos que foram o instrumento de organização e logística internas para execução dos objetivos propostos, sendo eles, inicialmente, GT de Articulação Política, GT

de Programação, GT de Comunicação, GT Jurídico, GT de Infraestrutura, GT de Segurança. Ao longo dos dias, foram sendo criados novos grupos de trabalho em atendimento às demandas que surgiam, como o GT Mar, GT Formação de Sereias, GT de Criação e GT de Permacultura. Percebemos, porém, que o conjunto completo dos ocupantes possuía uma unidade afetiva em comum e tornou-se, portanto, o nosso grupo de memória estudado.

Cabe destacar que a autora deste trabalho também foi ocupante do Ocupa MinC RJ, estando deste o primeiro dia no Palácio Capanema até o último dia no Canecão. Com sua barraca de camping, passou a dormir a maior parte das noites e a realizar as refeições dentro da ocupação. Em algum momento do dia, passava em casas próximas de amigos e familiares para tomar banho e realizar outras tarefas domésticas. Levou sua câmera Canon T2i, seu computador Macbook, um gravador de áudio Zoom H4N, uma extensão de 20m utilizada no palco, um roteador de internet, entre outros acessórios, para contribuir diariamente com o GT de Comunicação. Entre suas tarefas diárias, estava a produção de conteúdo audiovisual e textual, a organização do *clipping* de imprensa contendo todas as notícias publicadas em mídia nacional e internacional sobre a Ocupa MinC e o atendimento a visitantes e jornalistas, tendo sido fonte de algumas matérias internacionais, incluindo uma realizada por Dom Phillips para o jornal *The Washington Post*³, e outra por Germán Aranda para o *El Mundo*⁴.

Como entendemos que a Ocupa MinC é fruto de um momento amplo de mobilizações sociais através de novas formas de ações políticas, relembramos no Capítulo 1 as manifestações de massa que tomaram o mundo, no início do século XXI – algumas das quais surgiram de forma surpreendente, articulando-se pelas novas tecnologias de comunicação através de internet e mídias sociais. Na tentativa de situar nosso objeto de pesquisa nesse contexto ampliado, trazemos para a dissertação análises sobre estas diferentes ações realizadas nos últimos 20 anos, que muito embora tenham acontecido a grandes distâncias geográficas, tiveram influência sobre o contexto brasileiro por meio das redes de comunicação contemporâneas.

Trazemos a conjuntura nacional a partir da análise dos fatos políticos relacionados às manifestações populares no nosso país – que vêm de antiga tradição de atos de rua. Muitas das ações recentes compartilharam táticas de ocupação de espaços públicos semelhantes às que ocorreram ao redor do globo. Passamos pelas manifestações de 2013 e por seus desdobramentos na sociedade brasileira, em especial, para os agentes culturais, personagens

³ https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/brazilian-politics-takes-a-satanic-turn-and-temer-is-in-hot-water/2016/05/22/723f6268-201c-11e6-b944-52f7b1793dae_story.html

⁴ <https://www.elmundo.es/internacional/2016/05/22/57420853468aebcf098b45a5.html>

principais desta pesquisa. Chegamos até o impeachment de 2016, fato gerador da Ocupa MinC – ação que ocupou, a nível nacional, as representações públicas regionais de Cultura dos 26 estados e Distrito Federal do Brasil.

Ao nos debruçarmos especificamente sobre o terreno em que se constituiu a Ocupa MinC RJ, trazemos o foco para a cidade do Rio de Janeiro. Apresentamos alguns aspectos do processo político-cultural que se desdobrou nesta cidade como resultado das jornadas de junho de 2013, e que surgiram também em reação às mudanças nas políticas públicas exercidas pelas gestões municipal e estadual frente aos grandes eventos previstos para os anos seguintes: a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Ao final deste primeiro capítulo, apresentamos nossa metodologia de pesquisa.

No Capítulo 2, entramos na ação da ocupação propriamente dita. A partir do ponto de vista dos relatos dos ocupantes, buscamos entender a sua instalação e consolidação como organização social autônoma de resistência política e cultural e suas formas de ação política.

Inclinando-nos sobre o cotidiano da ocupação, resgatamos as memórias diárias dos realizadores culturais que ali viveram, sobretudo no que tange à sua forma de organização coletiva, a emergência de novos formatos de coexistência, a afirmação de suas lutas políticas e a realização de atividades artísticas e culturais. Estamos interessados em um tipo específico de ocupação de prédios públicos, organizado por um coletivo político-cultural heterogêneo e representativo da sociedade. Tratamos, ainda, das pressões que o movimento de ocupação sofreu e a expulsão dos manifestantes do Palácio Capanema.

No Capítulo 3, apresentamos o segundo momento da ocupação, chamado de Ocupa Canecão. Mostramos como a ação, após a expulsão do Capanema, tomou novo fôlego ocupando a antiga casa de shows Canecão e realizando diversas manifestações durante os Jogos Olímpicos de 2016. Esta etapa igualmente sofreu diversas pressões, resistindo por mais um mês, até seu esgotamento, em negociação com a reitoria da UFRJ.

Na conclusão, reforçamos todas as contribuições que a Ocupa MinC trouxe para o setor cultural e para a cultura política do Rio de Janeiro nos anos que se seguiram. A constatação da formação de um legado simbólico oriundo da experiência da Ocupa MinC RJ nos inspira a escrever este trabalho.

1 ATOS POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS

1.1 Antecedentes da Ocupa MinC

O início do terceiro milênio é marcado por uma cena trágica – ações insólitas desafiam a lógica de funcionamento das sociedades. Em setembro de 2001, explosões causadas pela colisão de aviões comerciais contra os dois arranha-céus do World Trade Center em Nova York, em um dos atentados mais ousados de todos os tempos, inauguraram o século XXI demonstrando que tudo que é sólido desmancha no ar.

Este fato sinistro horrorizou a população mundial, mas também gerou sentimentos ambíguos. Como reconhece Chomsky (2012), havia então um tanto de questionamento direcionado contra a postura imperialista dos Estados Unidos, e não apenas vindo do Oriente Médio. O 11 de setembro representa um terrível ato terrorista. Mas, ao mesmo tempo, trouxe um breve suspiro de esperança simbólica para povos historicamente oprimidos ao suscitar a possibilidade de enfrentamento de uma dominação econômica e política considerada inescapável. A história, que teria então mansamente chegado ao fim⁵, reiniciava de forma abrupta. Ao largo das sensações inicialmente provocadas, a tragédia gerou mudanças determinantes nas políticas de segurança norte-americana e mundial, especialmente em termos de controle de fluxos de capital e de pessoas, influência que se estende até os dias de hoje.

Desde então, a revolução tecnológica acelerou-se e nos colocou frente a enormes desafios. As ferramentas geradas pelos avanços técnicos permitem-nos tanto aprimorar nossa capacidade de ação, como também gerar feridas profundas nos pactos que a humanidade vem construindo coletivamente em nome do avanço da civilização, como por exemplo, na disseminação das *fake news* (notícias falsas). Após a popularização da internet, novas formas de sociabilidade se desenvolveram de norte a sul do planeta, atingindo os mais distantes rincões da Terra. Muito mudou desde que nos despedimos do segundo milênio, se as relações de classe e dominação continuam as mesmas, as formas de interação social entre as pessoas sofreram uma revolução gradual. O uso cada vez mais intenso e disseminado da rede mundial influencia diretamente comportamentos, emoções, consumo e o desenvolvimento das subjetividades como

⁵ Referência ao livro *O fim da história e o último homem* de Francis Fukuyama que anunciava que a estabilidade da História teria sido alcançada pela democracia liberal do final do século XX, o ponto final da evolução sociocultural da humanidade.

um todo. A internet tornou-se uma ferramenta de comunicação e poder, a mais efetiva e abrangente da contemporaneidade.

A construção do discurso político e ideológico tem cada vez mais sido pautada pelos aparatos tecnológicos, cujo formato de rede pode levar a reações em cadeia. Novas gerações baseiam cada vez mais suas interações sociais nas novas mídias interativas. E a cada reviravolta da revolução tecnológica, com o advento de inúmeras ferramentas, novos efeitos da rede mundial de internet vêm à tona para complexificar ainda mais as relações políticas e sociais. A população, como um todo, deixou de ser apenas consumidora de informações e tornou-se também produtora e disseminadora de conteúdo, utilizando-se da rede mundial para organizar e divulgar suas manifestações, ações e opiniões políticas.

Podemos localizar o início da onda contemporânea de manifestações populares em Seattle, EUA, durante a reunião da Organização Mundial do Comércio de 1999. Nas palavras de Maurizio Lazzarato (2006), foi nesta ocasião em que se criou um novo campo de possíveis – um marco na inauguração de diferentes possibilidades de vida, a partir da demanda de agenciamentos, dispositivos e instituições capazes de lidar com novas relações econômicas, sociais e políticas. Diz o autor que “os dias de Seattle foram, antes de mais nada, um agenciamento corporal, uma mistura de corpos (com suas ações e paixões), composta de singularidades individuais e coletivas” que em sua multiplicidade executaram “pequenas e grandes invenções de novos dispositivos de fazer e dizer a política” (LAZZARATO, 2006, p. 21 e 22). Muitos corpos, revoltados e insatisfeitos, presentes e ativos no espaço público, inventavam novas formas de ação política, formas estas que se desdobraram ao longo das duas décadas seguintes, como veremos adiante.

No extremo norte, nas terras geladas da Islândia, temos um caso emblemático de como manifestações populares geraram mudanças significativas na sociedade e na governança de um país. Uma crise financeira gerada pelo fracasso do modelo de riqueza especulativa levou o povo islandês à criação de uma nova Constituição, escrita de forma colaborativa pela própria população, através de um aparato de participação coletiva pela internet (CASTELLS, 2012). A origem desta crise residiu na especulação do mercado financeiro, que em última instância, derrubou a qualidade de vida da sociedade islandesa. Através de empréstimos fraudulentos utilizando ações como caução, os três principais bancos do país compravam ações entre si, elevando artificialmente o seu preço e turbinando seus balanços. Quando a perspectiva da economia islandesa foi rebaixada para números negativos em 2006, o Banco Central tomou grandes empréstimos para comprar reservas em moeda estrangeira. A situação foi aos poucos se tornando insustentável. Para honrar dívidas de curto prazo, os bancos inventavam novos

procedimentos criativos, sem garantias, até confirmarem-se insolventes em 2008. A crise revelou-se o maior desastre da economia da Islândia gerando prejuízos de 7 vezes o tamanho de seu PIB e levantou a população para o que ficou conhecido como a Revolução das Painelas.

Em certo dia de outubro de 2008, cerca de 200 pessoas protestaram na frente do Banco Central pedindo a renúncia de seus dirigentes. No dia seguinte, Hordur Torfason, cantor e ativista, sentou-se com sua guitarra em frente ao Althing, o prédio do parlamento islandês, e pôs-se a cantar contra os *banksters* – neologismo para banqueiros gangsters. O protesto musicado passou a ser semanal, ocupando a mesma praça da capital todos os sábados - e inspirando diversos protestos, em especial os europeus, como os dos *Indignados* da Espanha.

As imagens dos protestos de Reykjavik rodaram a internet e foram se avolumando, até que em janeiro de 2009, transformaram-se em tumultos com enfrentamentos entre polícia e manifestantes. De um lado, batidas sincopadas em painelas e caçarolas, do outro, sprays de pimenta e gás lacrimogênio. A revolta pedia a renúncia do governo e a elaboração de uma nova constituição que substituísse a carta magna de 1944. Os protestos continuaram até que as eleições foram antecipadas e garantiram a derrota dos dois principais partidos do país. A nova primeira-ministra era mulher, homossexual e empossou um gabinete composto por metade feminina. Os três bancos foram nacionalizados, sendo que dois voltaram à gestão privada dos credores, mas contando com participação do Estado. O novo governo abriu processo judicial contra os responsáveis pela crise, incluindo o ex-primeiro-ministro. A revolução foi coroada com a criação da nova Constituição organizada pelo CAC, Conselho da Assembleia Constitucional, composto e eleito pelos cidadãos, que recebeu 16 mil sugestões, a maioria através da internet, e após meses de deliberações online e 15 versões do texto, aprovou a versão final por unanimidade.

A lei constitucional inicia com as seguintes palavras: “Nós, o povo da Islândia, desejamos criar uma sociedade justa e com oportunidades iguais para todos”. Segundo Castells (2012), o processo de criação e aprovação desta nova constituição desmente a noção da ineficácia da democracia participativa. Pelo contrário, segundo o autor, o aprofundamento democrático das sociedades contemporâneas pode vir justamente do exemplo desta ilha gelada de 320 mil habitantes com sua inédita conquista coletiva.

Nesta mesma época, o mundo vivia o reflexo do estouro da bolha do mercado imobiliário dos Estados Unidos (conhecida como a crise dos *subprimes*) que gerou a maior crise sistêmica capitalista desde 1929 e afetou o funcionamento do núcleo central do sistema financeiro globalizado contemporâneo (TORRES FILHO, 2014). Para evitar a falência generalizada dos bancos, governantes optaram por comprometer a saúde financeira dos

Estados Nacionais, que aplicaram montantes trilionários no sistema financeiro. A crença na eficiência da autorregulação dos mercados foi abalada de uma vez por todas, colocando em cheque o pilar da teoria econômica neoliberal.

Para se reequilibrarem, os Estados adotaram políticas de austeridade fiscal, reduzindo investimentos, direitos sociais e criando novas formas de exploração do trabalho. Os Estados que mantinham políticas públicas redistributivas tiveram suas avaliações rebaixadas pelas agências classificadoras de risco (MARTINS, 2020). Diante dos cortes de gastos, enormes manifestações populares eclodiram nos países mais afetados, como Portugal, Espanha, Irlanda e Itália. O caso mais grave de todos foi na Grécia com sua dívida pública insolvente, que levou a população a contínuos protestos de rua. As políticas de austeridade desmontaram o sistema político grego, liberando caminho para o Syriza, um partido de esquerda, chegar ao poder. O novo Primeiro-Ministro abriu referendo popular sobre a proposta da União Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional de pagamento das dívidas públicas. Mais de 60% da população votou no “não”. No entanto, os credores gregos estrangularam o país de tal forma que o fizeram capitular contra a vontade popular. A Praça Syntagma, na capital Atenas, transformou-se no principal palco das inúmeras manifestações contra a carestia e o desemprego reinantes. Em todos os lugares, as formas de ação eram as mesmas: ocupações de praças, uso de redes de comunicação digitais alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional (SOARES CARNEIRO, 2012).

Slavoj Zizek, ao analisar os manifestantes do século XXI, diz que eles não são sonhadores, mas sim “o despertar de um sonho que está se transformando em pesadelo” (2012, pg. 17). No discurso que proferiu no Zuccotti Park durante as ações do Occupy Wall Street, ele descreve a cena típica de desenhos animados na qual o personagem chega em um precipício e continua caminhando, sem perceber que o chão acabou. O tipo segue mexendo as pernas, cada vez mais rápido, e só então, quando olha para baixo, se dá conta de que vai cair. Segundo o filósofo, o que os manifestantes estavam fazendo na ocupação, era justamente lembrar aos homens de poder de olharem para baixo.

Em dezembro de 2010, na Tunísia, o vendedor de frutas e verduras Mohamed Bouazizi colocou fogo no próprio corpo como protesto contra o pagamento de propina à polícia local para conseguir trabalhar. O registro da cena em vídeo rodou o mundo através da internet estimulando uma série de eventos de protesto contra as medidas pouco democráticas do governo tunisiano e o comportamento violento de sua polícia. A revolta se espalhou de tal forma que o ditador Ben Ali teve que abandonar o país com sua família. Porém, o povo não se deu por satisfeito com um governo provisório. As movimentações continuaram com comboios de carros

de várias partes do país rumando para a capital Túnis e concentrando-se na Praça Kasbah, onde estão localizados o Palácio do Governo e vários Ministérios. A população ocupou o espaço público da praça, montando barracas e realizando debates de forma permanente por semanas seguidas. Os muros foram pintados com palavras de luta e todas as ações eram transmitidas pela internet através de mídias sociais – o que garantiu enorme engajamento popular. A TV Al Jazeera, transmitida para todos os países de língua árabe, também teve um papel importante na cobertura das manifestações, que clamavam por empregos, melhorias na educação, um novo regime eleitoral, direitos regionais em oposição ao centralismo, além de mais democracia. (CASTELLS, 2012).

Este acontecimento na Tunísia foi o despertar do que ficou conhecido como Primavera Árabe, que a seguir tomou o norte da África e o Oriente Médio através de manifestações e revoltas em massa que trouxeram à esfera pública questionamentos coletivos sobre o significado e o exercício de democracia e governança. Após o estopim lançado pelo vídeo da auto-imolação do jovem tunisiano, a comoção gerada despertou a indignação da população árabe como um furacão rasgando o mapa. Segundo George Joffé (2011), as causas do levante remetem à recusa dos países em tolerar a participação popular no processo de governança e à alta global sem precedentes nos custos de alimentos e energia nos finais de 2010. O povo em estado de primavera derrubou os regimes de Mubarak no Egito, Kadhafi na Líbia, Abdullah Saleh no Iêmen e iniciou uma guerra civil sangrenta na Síria, por reação do governo de Bashar al-Assad.

Em muitos outros países, como na Espanha, o cenário político ganhou novos tons, com a organização popular puxada pelas novas gerações que questionavam principalmente o atual *modus operandi* do Estado, influenciado de forma determinante por um modelo econômico direcionado ao mercado financeiro. Com mais de um terço dos jovens desempregados e cortes na saúde, educação e serviços sociais, entre outras medidas impopulares para manter o país na zona do Euro, os espanhóis inspiraram-se no exemplo da Islândia e das revoluções árabes e conclamaram sua população às ruas, no movimento que começou como 15M – data da primeira grande manifestação – mas que logo ficou conhecido como *Indignados* (CASTELLS, 2012). De acordo com a visão de David Harvey (2012, pgs. 60 e 61), “o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado”.

Seguindo a ocupação da Puerta del Sol de Madrid e da Praça Catalunya de Barcelona, mais de cem cidades espanholas rapidamente organizaram ocupações de espaços públicos. O movimento se desdobrou por diferentes formas de ativismo como, por exemplo, através de

marchas vindas de diferentes pontos do país para Madrid, que passando por cidades e aldeias recrutavam novas adesões até a confluência final na Puerta del Sol, no dia 23 de julho de 2011, com cerca de 250 mil pessoas. As articulações seguiram pelas redes sociais e culminaram na organização de uma grande manifestação em quase mil cidades, de 82 países do mundo, no dia 15 de outubro do mesmo ano: “Unidos pela mudança global”. Neste dia, se juntaram em torno de 500 mil pessoas em Madrid e 400 mil em Barcelona (CASTELLS, 2012).

O mundo voltava a respirar através de levantes populares. Segundo Soares Carneiro (2012) na introdução do livro de artigos “Occupy”, escrito a muitas mãos no calor da hora, aquele período suscitava comparações com o ano de 1968 ou mesmo com a primavera dos povos de 1848. O contexto era semelhante: crise social, econômica e financeira, e a “voz das ruas passou a ocupar o cenário, deslocando velhos aparatos políticos”. Vivia-se então a “eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto” com reivindicações particulares, mas com muitas semelhanças na forma e na solidariedade coletiva.

No Chile, a revolta dos estudantes e sindicatos foi por educação pública e gratuita para todos. Em Wall Street, a pauta principal foi a denúncia contra bancos e corporações e se espalhou para diversas cidades estadunidenses, chegando a parar por um dia em greve geral o porto de Oakland. Os 99% clamavam pelo fim da ganância desenfreada dos 1% mais ricos que concentram uma quantidade cada vez maior da riqueza mundial.

Ainda segundo Manuel Castells (2012, pg. 157), “ao longo da história, movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da mudança social”. Uma vez que movimentos e ações políticas contemporâneas tenham sua origem em mobilizações nas redes sociais, eles só se tornam movimentos de fato ao ocuparem os espaços urbanos, seja na ocupação permanente de espaços públicos como praças ou prédios, seja na persistência das manifestações de rua. Segundo o autor, a característica horizontal das redes favorece a cooperação entre os manifestantes e reduz a necessidade de lideranças formais, gerando um novo formato organizacional. As tomadas de decisões nestes casos são realizadas em assembleias abertas a todos os participantes, “reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana”. Castells sugere que um dos principais legados dos movimentos sociais em rede seria justamente a possibilidade de reaprender a conviver em uma verdadeira democracia.

No Brasil, a onda de protestos em massa chegou em junho de 2013, detonada pelo aumento de vinte centavos na passagem de ônibus, surpreendendo por sua potência e alcance. No dia 6 de junho, o Movimento Passe Livre (MPL) realizou uma passeata em São Paulo com 2 mil pessoas. Nos dias seguintes, o movimento convocou novos atos, que foram agregando uma quantidade enorme de pessoas, além de novas pautas de reivindicação. Segundo Ruy

Braga (2013, pgs. 53 e 58), “entre os dias 19 e 23 de junho, cerca de 400 cidades, incluindo 22 capitais, saíram em manifestações e passeatas”, aglutinando “um pico de cerca de 3 milhões de manifestantes nas ruas.”

Manifestações contra aumento de passagens nos transportes públicos no Brasil remontam ao início da primeira década do milênio. Em 2003, Salvador organizou a ação de ocupação de ruas conhecido como Revolta do Buzu, e Florianópolis, em 2004 e 2005, as Revoltas da Catraca. A partir destas ações, teve início a Campanha Nacional pelo Passe Livre, que resultou na criação do Movimento Passe Livre em uma plenária do Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2005, cuja proposta ia além de congelar preços de passagens: definia o transporte público como direito universal, e que portanto, deveria ser garantido pelo Estado com custo zero ao consumidor (TAVARES, 2018).

Antes de 2013, outras manifestações em formato de ocupação de espaços públicos já haviam ocorrido no país, como por exemplo o #OcupeBrasília de 2011. Jovens da União Nacional dos Estudantes acamparam na frente do Congresso Nacional por duas semanas, reivindicando 10% do PIB para a Educação, financiados por 50% do Fundo Social do Pré-Sal e a totalidade dos *royalties* do petróleo (UNE, 2012). Tão logo acordavam na Esplanada, os 200 estudantes vindos de várias partes do país seguiam para os gabinetes dos deputados e senadores da bancada do seu estado e tratavam com cada um deles, e com seus assessores, sobre o financiamento do ensino público brasileiro. Nas galerias do Congresso, encontravam com jornalistas dos mais diversos veículos e aproveitavam para amplificar sua mensagem.

Reforçada por esta intensiva estratégia política da UNE, mas também pela forte pressão de outras entidades do setor educacional, além da articulação de deputados, senadores e integrantes do Governo, a pauta saiu vitoriosa junto com o Plano Nacional de Educação (PNE) na Comissão Especial de Educação da Câmara. A sessão da aprovação no dia 26 de junho de 2012 foi histórica, culminando com deputados, estudantes e professores pulando juntos ao som de “Pula, sai do chão, quem defende a educação!”⁶. O texto seguiu para o Senado e dois anos depois foi sancionado pela Presidenta da República.

No ano seguinte, mesmo com a grande tradição nacional de movimentos sociais e manifestações políticas e reivindicatórias, os atos de 2013 surpreenderam pela quantidade de pessoas que se mobilizaram de maneira rápida, de forma aparentemente espontânea⁷ e por terem

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=youvzGwYOP4> visualizada em 22/01/2023.

⁷ A expressão “aparentemente espontânea” pressupõe que a movimentação de massa pode ter sido estimulada por campanhas em mídias sociais em função de interesses políticos nacionais e internacionais.

levado diferentes classes sociais às ruas, juntando diversos protestos em uma grande multidão. Segundo Ricardo Antunes (2013, pg. 40), foram “movimentos muito heterogêneos, polissêmicos e até mesmo policlassistas”, chegando inclusive a ser “plurideológicos” com conflitos internos entre aqueles que queriam expulsar representantes partidários e os que defendiam suas bandeiras. Nas palavras de Javier Lifschitz (2013, pg. 701):

O fato é que naqueles dias de junho um modelo de representação política extravasou. Não havia liderança, não havia partido. Um movimento de massas sem representação, sem mediação [...]. Uma multidão sem partidos e sem uma identidade social explicitada, deslocando-se em direção a lugares legitimados do poder para expressar suas reivindicações. Não se tratava de legitimar o movimento garantindo seu reconhecimento político. Ele existia em si e se autovalidava como tal.

De acordo com Ruy Braga (2013, pg.58), as Jornadas de Junho foram “a maior onda de mobilização popular da história brasileira”, tendo início em São Paulo capital e se espalhando por todo o Brasil:

Os eventos na cidade de São Paulo foram o gatilho que disparou uma enorme onda de indignação social. De fato, junho de 2013 entrará para a história das rebeliões sociais no Brasil. Os jovens do MPL não poderiam imaginar que estariam sacudindo o país, numa explosão que só teve similar na campanha pelas eleições diretas, em 1984, ainda sob a ditadura militar (BRAGA, 2013, pg. 53).

As interpretações do que aconteceu naquele inusitado mês e seus desdobramentos ainda são objeto de divergências, e provavelmente compõem um prisma de muitas verdades. Por um lado, é certo de que se tratou de “um momento extraordinário de imaginação social, de ruidocracia, em que as forças vivas da sociedade expressaram outros desejos: de democracia direta, de repúdio da velha política, de crise da democracia representativa” (BENTES, 2017). Por outro, aqueles dias plenos de emoção levaram a um retrocesso conservador na política brasileira, coroado pela eleição para Presidente da República em 2018 de um capitão reformado do Exército, representante de forças retrógradas e descompromissadas com a própria democracia. É bem possível que tenha havido a utilização da indignação despertada por estes movimentos em favor da derrubada do projeto de um governo progressista, voltado à remediação das injustiças sociais, para a instalação de um outro, comprometido com os interesses da exploração predatória do meio-ambiente e com a manutenção da desigualdade e da violência social. Ainda que o governo progressista, então no poder, não tenha alcançado plenamente seus objetivos, despertou na população a possibilidade real de alcançá-los:

[...] as massas tomaram as ruas a fim de exigir o cumprimento daquilo que, em 1988, foi prometido pela Constituição brasileira: o direito à saúde e à educação públicas, gratuitas e de qualidade; o direito ao lazer, à moradia e à mobilidade; o direito a um salário que garanta condições dignas de vida para todos (BRAGA, 2013, pg. 58).

Andrew Kurybko, em seu livro sobre as guerras híbridas (2015), chama a atenção para o uso de estratégias de guerra indireta na desestabilização política de países foco de interesse do grande capital. Neste sentido, localizamos também forças internacionais em ação através de aparatos de comunicação em rede que influenciaram o imaginário coletivo da população, estimulando a desobediência política em massa e suscitando mudanças que nem sempre levaram a melhorias sociais. Ousamos dizer que o levante conservador que levou a classe média brasileira às ruas na sequência dos atos de 2013, pode ser interpretada como a “Revolução do Pato Amarelo”, uma espécie de revolução colorida nos termos da teoria das guerras híbridas, estimulada por ações financeiramente impulsionadas através de mídias sociais que associaram à classe política a causa de todas as mazelas econômicas e éticas do país. Representada pelo gigante pato de plástico de olhos cruzados (conotando sua morte), réplica exponencial de um brinquedo infantil, a campanha “Chega de pagar o pato” realizada pela Fiesp, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, em 2015, levou milhares de pessoas às ruas pedindo pela queda da presidenta eleita, fato consumado menos de um ano após o início da campanha, e passados três das Jornadas de Junho.

Por outro lado, levantamos a hipótese de que as manifestações massivas de 2013 abriram novas possibilidades de ativismo e articulação para a população civil, inclusive as que permitiram a existência concreta de uma ação política como a Ocupa MinC poucos anos depois. Muitas das iniciativas que brotaram naqueles dias efervescentes ainda existem e continuam a se desdobrar, em especial no que tange ao ativismo cultural, étnico, de gênero e sexualidade. As pautas de costumes acirraram-se desde então, com forte organização de ambos os lados do espectro ideológico. Por todo o país, centenas de coletivos se formaram no bojo das grandes manifestações, e muitos deles começaram a utilizar as táticas de ocupação de espaços públicos como instrumento de luta política, em consonância com o que estava acontecendo ao redor do mundo. Podemos dizer que o espírito do tempo foi se enriquecendo com novos tons de entusiasmo.

No Rio de Janeiro, tivemos diversas ações: a Ocupa Cabral, a Ocupa Câmara Rio, a ocupação da Aldeia Maracanã, greves (de garis, petroleiros, professores, metroviários, aviários), protestos contra remoções de moradores de locais onde haveria construções para

os grandes eventos esportivos, como a Vila Autódromo, e grandes movimentos por justiça social, como o #Cadê o Amarildo? contra a morte e ocultação de cadáver de um pedreiro da Rocinha pela Polícia Militar carioca. Segundo as palavras de Beatriz Tavares (2018, pg. 76):

Tem muita gente que pensa 2013 como junho, pela quantidade assustadora de gente que foi para as ruas de uma vez só, aquela intensidade da multidão. Mas 2013 para mim é persistência. Quando se encerrou a fase dos grandes atos, ainda no final de junho, foram surgindo as ocupações. Câmaras Municipais ocupadas em inúmeras cidades brasileiras. Ocupa Cabral numa esquina do Leblon, lembrando ao governador que o café da manhã já seria indigesto e seu sono nunca mais tranquilo. No Rio de Janeiro, a coisa persistiu, com altos e baixos, até pouco depois da final da Copa, em julho de 2014.

O segundo semestre de 2014 foi marcado pela campanha e eleição presidencial, tendo de um lado o campo representado pela reeleição da Presidenta Dilma, herdeira política do Presidente Lula, ambos do Partido dos Trabalhadores, e de outro todos aqueles que se organizaram como oposição para derrubá-los, instaurando um novo governo mais identificado à direita do eixo político, encabeçados por Aécio Neves do PSDB. Com a sociedade agitada como estava desde o ano anterior, houve uma intensa polarização eleitoral. Dois grandes campos afetivos invadiram o imaginário coletivo brasileiro, um tendo o verde-amarelo da bandeira nacional tremulando ao som de vuvuzelas sobre dancinhas em flashmob, outro no clássico vermelho-sangue das inspirações revolucionárias e trabalhistas. Houve uma cisão da população em duas frentes distintas, algo que ainda não conhecíamos com tamanha intensidade. As eleições federais foram vencidas por Dilma Rousseff, pela segunda vez.

Logo a seguir, em 2015, o Governo de São Paulo, gerido pela oposição, propôs uma reestruturação do sistema educacional estadual incluindo o fechamento de 200 escolas e o remanejamento de alunos e professores. A revolta foi geral e levantou uma série de protestos e ocupações de escolas em pelo menos 60 cidades. Situação semelhante aconteceu no Paraná frente à decisão do governador, também da oposição, de fechar 100 unidades de ensino. A comunidade escolar puxada pelos alunos mobilizou-se em diversos atos públicos e ocupações, disseminados em massa pela internet, que conseguiram por fim reverter as medidas.

No ano seguinte, diante de novos cortes na Educação, da Emenda Constitucional de congelamento de gastos públicos e da publicação da Medida Provisória 746/2016 que modificou as diretrizes e bases da educação, promulgadas já pelo governo interino de Temer, os estudantes paranaenses reocuparam escolas por todo o estado (BOUTIN & FLACH, 2017). Com força epidêmica, o movimento tomou projeção nacional, alcançando um número total de

1.197 instituições de ensino ocupadas por todo o país, entre escolas e universidades, segundo registro da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES, 2016).

Todos estes acontecimentos nos levam a avaliar que após 2013 as manifestações de rua não perderam fôlego no país, ao contrário, assumiram novas formas e atores sociais. Daquele momento catártico inicial, sabemos que muitas marcas foram deixadas no imaginário popular, especialmente dos jovens. Se política e ativismo eram temas fora de moda na primeira década do século XXI, na segunda, a situação estava completamente invertida, e aqueles que não iam para a rua ou emitiam opiniões políticas pareciam deslocados do contexto nacional.

Se a memória constitui um vínculo identitário, como sugere Pollak (1989), e que está em constante disputa, seria então a memória um dos elementos diferenciadores dos novos grupos nos quais se divide nossa população, as lembranças e interpretações de cada um deles a respeito do que ocorreu no país, sob o ponto de vista político e econômico, nos últimos anos? Assim nos ensina Elizabeth Jelin:

Hay una lucha política activa acerca del sentido de lo ocurrido, pero también acerca del sentido de la memoria misma. El espacio de la memoria es entonces un espacio de lucha política. (JELIN, 2002, p. 6).⁸

Dessa forma, procuramos ter sempre a consciência do processo de enquadramento das memórias aqui relatadas, uma vez que, voltando a Pollak (1989, pg. 9) “estudar as memórias coletivas constituídas [...] implica preliminarmente a análise de sua função.” No caso das memórias políticas devemos ter mais clareza ainda, pois seu enquadramento faz parte de uma ação intencional dos agentes de memória e dos autores das pesquisas que as analisam.

Em 2016, a temperatura social estava mais do que elevada. A contestação do resultado das eleições presidenciais de 2014 pelo candidato derrotado, as mudanças na política econômica da presidenta eleita, os trabalhos da Comissão da Verdade que analisou os crimes cometidos durante a ditadura militar, o distanciamento da mandatária de suas bases eleitorais, o terreno movediço da política nacional, a aprovação de pautas bomba no Congresso, o uso cada vez mais disseminado das redes sociais sem regulamentação, muitos elementos mantinham o cenário instável. As crises política e econômica forneceram o tônus conjuntural onde se enroscaram uma jovem Constituição e uma democracia de raízes superficiais.

A instauração do processo de impeachment contra Dilma Rousseff foi autorizada no dia 17 de abril de 2016 em votação no plenário da Câmara dos Deputados, cuja sessão foi

⁸ “Há uma luta política ativa sobre o significado do que aconteceu, mas também sobre o significado da própria memória. O espaço da memória é então um espaço de luta política.” (Tradução livre da autora).

acompanhada pelo país inteiro. A primeira presidenta mulher do Brasil estava sendo acusada de crime de responsabilidade em virtude da abertura de créditos suplementares por Decreto Presidencial sem autorização do Congresso Nacional (Constituição Federal Art. 85, VI, e Art. 167, V; e Lei Nº 1.079 de 1950, Art. 10, Item 4, e Art. 11, Item 2) e da contratação supostamente ilegal de operações de crédito (Lei Nº 1.079 de 1950, Art. 11, Item 3). O deputado Eduardo Cunha presidia a mesa e fez a chamada nominal que autorizava o voto de cada deputado, que o dedicava ao que lhe era mais caro – como sua própria família ou um torturador da época da ditadura militar. Poucos se referiram aos trabalhadores brasileiros que os elegeram. A votação resultou em 367 votos SIM; 137 votos NÃO, 7 abstenções e 2 ausências, autorizando, portanto, a instauração de processo contra a sra. Presidenta da República.

Se alguns extratos do povo brasileiro comemoraram, outros se desesperaram, tal qual uma final de Copa do Mundo. A votação foi assistida em massa pela população brasileira, através da televisão e nos grandes telões instalados na Esplanada dos Ministérios em Brasília, local que foi dividido por um grande muro de tapumes, tendo de um lado os partidários do governo, trajados prioritariamente de vermelho, e de outro, os ativistas da oposição, em verde e amarelo.

O momento foi dramático, já que nenhum dos dois lados tinha certeza da vitória de suas posições. O resultado numérico chegou ao cair da noite, levando os defensores da democracia a grandes angústias. A autora deste trabalho estava em Brasília, assistiu à votação pelos telões, tirou fotos e ao final do dia, presenciou a alegria golpista dos amarelos em carros de luxo, bradando contra os vermelhos, que caminhavam a pé vindos da Esplanada em direção à rodoviária.

Este dia fatídico marcou o início da passagem de mãos do poder político que se mantivera por 14 anos incompletos com a esquerda progressista tendo à frente o Partido dos Trabalhadores. Na falta de maioria nas urnas para inverter as pautas governamentais, a oposição utilizou uma brecha jurídica baseada em “pedaladas fiscais”, um argumento altamente contestável por especialistas do mundo inteiro.

Entre 17 de abril e 12 de maio de 2016, data da notificação de posse do governo interino, viu-se no acompanhamento diário das notícias políticas vindas de Brasília a consolidação daquilo que para muitos tratava-se de um golpe de Estado. Uma vez aceito o processo de *impeachment* pelo Senado, o Vice-Presidente Michel Temer assumiu a gestão do país de forma interina, instaurando reformas organizacionais imediatas que incluíram a extinção dos Ministérios da Cultura, das Comunicações, das Mulheres, da Igualdade Racial, dos Direitos

Humanos, do Desenvolvimento Agrário e a Controladoria Geral da União. Estas ações foram o início do desmonte de décadas de conquistas em políticas públicas que beneficiavam a população brasileira. Além da extinção de pastas e junção de outras, o ministério de Temer chamou a atenção por não ter mulheres ocupando cargos de ministras, o que não ocorria desde a redemocratização.

No limiar do encerramento do primeiro mês de instalação do processo de *impeachment*, seguida pela posse do governo interino e extinção de ministérios, teve início uma grande resistência por parte do setor cultural. Segundo Valmir Santos⁹, a primeira das Ocupas MinC foi a de Curitiba, ainda na madrugada do dia 13 de maio:

[...] a atriz Nena Inoue afirma que o raciocínio dos seus pares foi o seguinte: “Ocupa, depois pensa”. Horas após a notificação da presidente Dilma Rousseff sobre a abertura de processo de *impeachment* e da posse do vice provisório, em 12 de maio, um grupo de 38 pessoas já aderidas ao movimento “Cultura contra o Golpe” trocou a plataforma das redes sociais pela presença, à noite, no Núcleo de Estudos da Fotografia, na região central. Na ocasião, refletiram e elegeram como foco o Iphan, único equipamento do MinC em Curitiba [...].

No domingo, dia 15 de maio pela manhã, cerca de 500 pessoas fizeram uma manifestação na Praça da Liberdade de Belo Horizonte. O coreto da praça foi coberto com uma enorme faixa com os dizeres "Fora Temer" e um carro de som amplificava discursos contra o *impeachment*. Uma equipe de reportagem da Rede Globo tentou cobrir o ato mas foi impedida sob gritos de “golpistas”. Horas mais tarde, centenas de artistas e militantes de movimentos sociais da capital mineira ocuparam o prédio da Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), protestando contra a extinção do Ministério da Cultura. A assembleia ali dentro reunida decidiu que a ocupação não teria data para acabar.

Destas ações e de outras semelhantes, desdobrou-se o maior movimento de ocupações culturais da história do Brasil: a Ocupa MinC, que atingiu a totalidade dos 27 estados da federação, incluindo Distrito Federal, de forma simultânea, e ressignificou o uso dos espaços públicos federais vinculados à Cultura.

1.2 Aspectos Metodológicos

Memória é algo que os homens constroem a partir de suas relações sociais. É através do convívio social que as memórias se estabelecem enquanto narrativas compartilhadas por

⁹ <http://teatrojornal.com.br/2016/05/ocupas/>

uma comunidade afetiva. Referenciados em Bourdieu (2003), reforçamos que a memória é um conjunto de forças em disputa no campo simbólico que dessa forma se configura também como um campo de construções intencionais e estratégicas. A memória política diferencia-se do caráter espontâneo da memória social por conta de sua característica inerente de intencionalidade, como propõe Javier Lifschitz (2014), derivando daí, portanto, a clareza que temos de que as memórias aqui agenciadas carregam consigo o comprometimento ético e político da autora.

Em um primeiro momento deste trabalho, pensamos em dividir os grupos de memória de acordo com o Grupos de Trabalho criados pela própria Ocupação. Porém, logo entendemos que estes grupos eram muito fluidos e diversos agentes transitavam entre vários deles. De modo que decidimos considerar como nossa comunidade afetiva que preserva uma memória em comum, o conjunto de todos os ocupantes da Ocupa MinC RJ.

A metodologia de pesquisa nesta dissertação consistiu, inicialmente, na leitura de obras que tratam da inscrição da memória social e, em especial, da memória política, nosso campo de estudos. Ampliando o campo, passamos por diversos autores que se debruçaram sobre a questão das manifestações populares das últimas décadas, em especial, aqueles que trataram das ocupações e ações políticas no Brasil e no mundo. Fizemos ainda uma pesquisa sobre a Ocupa MinC através de ferramentas de busca na internet, em bibliotecas virtuais, catálogos on-line, textos e vídeos disponibilizados na rede, utilizando índices de assuntos e palavras-chave, para levantar o que já foi dito sobre o tema, incluindo teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso escritos por outros participantes.

Chamou-nos a atenção o fato de que, entre os trabalhos desenvolvidos por quem vivenciou a Ocupa MinC RJ, até agora somente as mulheres ocupantes se dedicaram a escrever sobre esta experiência. Podemos citar as teses de doutorado “Estética dos protestos: atores e personagens na cena política de 2013 a 2016” de Ana Lucia Pardo (UERJ) e “Olha eu aqui de novo!: a tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável” de Beatriz Tavares (PUC-RJ) já defendidas, as teses de Marcela Camargo e Dyonne Boy em desenvolvimento, a dissertação de mestrado “Corpos em estado permanente de revolta: vídeo/atos na Ocupa MinC RJ” de Barbara Vida Fares (UFF) e a monografia “Ocupa Minc RJ” de Carla Farias (UFRJ).

Após esta etapa, nosso trabalho consistiu na separação e análise de todo o material produzido durante a Ocupa MinC RJ, tais como vídeos (Ocupa TV e diversos registros), fotografias, postagens em redes sociais, cartazes, materiais gráficos, zines, panfletos e *clipping* de imprensa.

Ainda como fontes primárias, realizamos entrevistas com agentes ocupantes que

construíram a Ocupa MinC RJ na sua prática cotidiana. Participantes da ação foram convocados a deixar seu depoimento oral, através de entrevistas abertas e semiestruturadas sobre suas percepções e memórias a respeito dos acontecimentos, reflexões e experimentações vivenciadas durante a ocupação. O formato semiestruturado das entrevistas permitiu que os entrevistados ficassem à vontade para deixar seu pensamento alcançar as lembranças que lhes eram mais significativas e que, portanto, pudessem enriquecer este registro, abrindo novos olhares para a análise da autora.

Dentre as perguntas semiestruturadas, levantamos questões a respeito do que foi a Ocupa MinC RJ, como e por que ela começou, como se desdobrou, que apoios recebeu, como se sustentava. Tratamos da relação da ocupação com a imprensa nacional e internacional, como era o dia-a-dia dos ocupantes, qual foi o papel das mulheres, como a Ocupa se organizava sem lideranças, qual o papel das “planetárias” (assembleias), como se organizavam os Grupos de Trabalho. Questionamos qual foi a importância desta ocupação para a resistência política de 2016, o que a Ocupa MinC RJ significou, quais foram os legados do movimento, quais os principais conflitos, quais foram os limites da ação.

No início da pesquisa, entrevistamos livremente duas figuras essenciais para a instalação e o funcionamento da ação ocupante, o produtor cultural Julio Barroso, mais conhecido como Julinho da Glória, do GT de Programação, e o diretor teatral Marcus Galiña, do GT de Articulação Política e do GT de Criação, como um estudo, e para trazer à tona a memória de momentos determinantes da ocupação. Na pesquisa planejada e baseada na metodologia proposta, realizamos 16 entrevistas com pessoas que tiveram atuação constante e intensa na Ocupa MinC RJ. Para representar diferentes perfis dos ocupantes, optamos por realizar 5 entrevistas com moradores da periferia incluindo de fora da cidade do Rio de Janeiro e 11 moradores do centro e zona sul da cidade; 9 entrevistas com mulheres, 6 com homens e 1 mulher trans cuja mudança de identidade se deu após a ocupação. Devido ao período de restrições da pandemia de covid-19, as entrevistas foram realizadas de forma online através da plataforma *zoom*, gravadas e transcritas.

Sabemos que 16 ou 18 vozes são apenas um recorte limitado desta realidade vívida e pulsante que foi a Ocupa MinC RJ, que contou com uma média de 70 pessoas dormindo diariamente, centenas de colaboradores e milhares em público. Temos clareza que este trabalho não pretende nem de longe esgotar as narrativas possíveis e fundamentais sobre esta ação histórica. Trazemos apenas mais uma pequena contribuição para a memória coletiva da Cultura e da Política do Rio de Janeiro. Tampouco conseguimos entrevistar todos que queríamos. Convidamos um integrante da Mídia Ninja dentre os mais ativos na

ocupação para deixar seu depoimento. Ele demonstrou interesse, mas não agendava a entrevista. A autora insistiu mais algumas vezes, porém os quatro meses do período de entrevistas da pesquisa se passaram sem que esta entrevista pudesse ser realizada.

Como desenvolvimento posterior deste nosso trabalho, após a defesa da dissertação, o material levantado poderá se unir ao vasto material de arquivo audiovisual disponível, na construção de um filme documentário sobre a Ocupa MinC RJ. A obra poderá ser realizada de forma coletiva, assim como a maioria dos processos relativos ao tema, e poderá ser distribuída para salas de cinema, televisão, festivais e internet. Na dissertação de mestrado “Corpos em estado permanente de revolta: vídeo/atos na Ocupa MinC RJ”, apresentada para a Universidade Federal Fluminense, a autora Barbara Vida Mefano Fares, também ocupante, elencou 417 vídeos produzidos e postados na página do Facebook da Ocupa MinC RJ, de autoria coletiva. Além deste material, contamos com mais de 10 *gigabytes* de gravações audiovisuais, preservadas em *hard disks* e captadas por inúmeros ativistas, em especial, pelos integrantes do Grupo de Trabalho de Comunicação da ocupação que contou com integrantes da Mídia Ninja, do CUCA da UNE e vários profissionais voluntários.

2 “O GOLPE VEIO QUENTE, NÓS JÁ TÁ FERVENDO”

2.1 A Ocupa MinC RJ no Palácio Gustavo Capanema

No Rio de Janeiro, vários coletivos estavam discutindo sobre como reagir à situação política do país. Artistas da cena teatral carioca, organizados como “Teatro pela Democracia”, já vinham se reunindo para traçar estratégias de garantia de direitos e debater temas ligados à manutenção de suas atividades, em constante ameaça de perda de apoio pelo poder público.

Também estavam em ebulição os integrantes do “Reage Artista”, coletivo formado no início de 2013, quando a Prefeitura do Rio de Janeiro fechou diversos teatros públicos por falta de alvará de bombeiros, na esteira da tragédia da Boate Kiss, em Santa Maria do Sul (RS)¹⁰. Dyonne Boy, 48 anos, produtora cultural e ocupante entrevistada para este trabalho, explica como surgiu o grupo “Reage Artista”:

Depois daquele incêndio da boate Kiss, o Sérgio Leitão (então Secretário de Cultura da cidade do Rio de Janeiro), resolveu fechar todos os teatros da cidade do Rio de Janeiro, que é a maior rede da América Latina, sem prazo para reabrir, sem obra, sem orçamento para reformar, sem prazo para abrir e na verdade o que ele queria era vender tudo. [...] O “Reage” surge de um diálogo entre a Dri Schneider e o Galiña no Facebook. Eles começam a conversar “que absurdo essa coisa do Sérgio Leitão! Reage artista! Vamos para a porta da Prefeitura agora. Vamos, vamos!” e aí foram 300 malucos, juntos, nesse diálogo de Facebook e ali começou um movimento “bom, então vamos continuar conversando”. Era reuniões na Casa da Glória que tinham 400 pessoas no início, era um negócio enorme, e era na época do “ocupar”. Eu me lembro que a gente se alfabetizou na linguagem do ocupar, essa linguagem manual do tipo “olha, está falando muito/continua/concordo”, isso tudo era a linguagem do ocupar e a gente aprendeu ali, na Casa da Glória. Então a gente se comunicava dessa forma. É, eu me lembro desses dois sinais. Que era isso “conclua!” e tipo “concordo” [...] e a coisa dos GTs, de você entender que têm vários assuntos que perpassam a cultura. Foi uma universidade mesmo (Dyonne Boy).

Em 21 de março de 2016, artistas ligados a estes dois coletivos, dentre outros, haviam

¹⁰ Em 27 de janeiro de 2013, um incêndio na Boate Kiss, matou 242 pessoas e intoxicou diversas outras, por conta de fogos de artifício lançados durante um show. Posteriormente verificou-se que a boate não tinha as condições necessárias de segurança contra incêndio. A partir deste trágico episódio, mudaram as regras para liberação de espaços para atividades culturais e de entretenimento, impactando todo o território brasileiro.

organizado um ato na Fundação Progresso, com diversos trabalhadores da cultura, ainda levantando a bandeira “Não vai ter golpe”. Segundo Fátima Verônica (44 anos, atriz), também entrevistada, “além desses encontros presenciais, também estavam acontecendo reflexões nesse mundo virtual da rede social de diversos grupos”. Havia, portanto, uma fermentação de debates a respeito do que fazer em termos de resistência à iminente derrubada da presidenta legitimamente eleita.

Após a nomeação do governo interino no dia 12 de maio, muitos coletivos começaram a se organizar para ações de resistência. De acordo com Isabel Gomide (57 anos, atriz), ocupante entrevistada, a movimentação carioca seguiu da seguinte forma:

Eu faço parte do movimento Reage Artista e dentro do Reage a gente já estava nessa, pensando o que poderíamos fazer. O Galiña jogou uma provocação para o Julinho Barroso, que me ligou e aí, Julinho e Galiña falando “cara, temos que ocupar o Capanema!” [...] Então, eu conversei com o Ivan Sugahara, que era uma pessoa que também estava no Teatro Pela Democracia e aí o Ivan me chamou para uma reunião e chegando nessa reunião, dei de cara com pessoas que eu nem imaginava encontrar, que era Mídia Ninja [...] ali no prédio em frente ao Calouste [...] e tinha também Rodrigo Sellos e chamaram algumas pessoas do cinema. [...] A gente falou “o que a gente vai fazer? O que podemos fazer?”. Ficou uma questão de a gente fazer uma reunião maior, ampliada. [...] Nessa primeira reunião, foi muito um retrato do que foi a ocupação e que eram essas três forças políticas, teatro, cinema e a mídia independente [...] Ali a gente fechou que ia ter a ocupação na segunda-feira, porque a gente achava que um dia de semana o prédio estaria aberto, a gente ia entrar de manhã junto com os funcionários.

Nos dias seguintes, outras duas reuniões se sucederam para a organização da ação ocupante. No sábado 14 de maio, reuniram-se entre 80 e 100 pessoas na sede da Cia dos Atores, na Escadaria Selarón, na Lapa e no domingo dia 15 em um espaço de cinema dentro da Fundação Progresso. Segundo Fátima Verônica:

A gente fez duas reuniões bem pragmáticas mesmo, de tomada de decisão, de como agir em relação a qual seria nossa ação, nossa resposta à atitude do Temer de acabar com o Ministério da Cultura [...] foram reuniões importantes para a equalização de quem nem se conhecia tanto, de quem estava ali com disponibilidade, de quem estava atento ao que estava acontecendo, então precisou ter esse encontro mesmo para rolar essa equidade de ideias, de atitudes, acho que também para encontrar uma compatibilidade de ação, de pensamento.

Segundo Mauro Marques (56 anos, ator, professor e fotógrafo), ocupante entrevistado: “Nós fizemos a reunião no dia 14, lá na Companhia dos Atores. No dia 15, à noite, nós fizemos

uma reunião já de organização, de como seria [...] o esquema, como a gente se planejava”. Dessa reunião no domingo, Isabel Gomide relembra: "Nessa a gente dividiu os GTs. [...] Porque ali foi uma reunião mais objetiva. O que a gente tem que fazer? A gente tem que se preocupar com a segurança. A princípio, era Segurança, Comunicação, que a gente sabia que tinha que propagar para fora, e Infraestrutura, eram os GTs que a gente tinha.”

Como Iara Roccha, e outros integrantes da rede de pontos de cultura haviam criado um evento no Facebook para um “abraço”¹¹ no Palácio Capanema, a ser realizado no dia seguinte, 16 de maio, o grupo da ocupação decidiu aderir a esse evento como estratégia de segurança. Segundo Mauro Marques: “Quando nós entrássemos, algumas horas depois, nós tínhamos ali um grupo que de alguma maneira garantisse a nossa segurança porque nós tínhamos muita preocupação, afinal de contas, estávamos começando ali esse processo de governo autoritário com o Temer e nós não sabíamos o que poderia acontecer.” Estratégias espontâneas acabaram se reforçando umas às outras, e atingiram um objetivo final em comum.

A ação de abraço da Iara foi naquela época (em que) os eventos de Facebook estavam bombando. [...] Aí a gente botou um gás e a gente combinou assim “vamos aproveitar que vai ter esse evento e a gente nos protege porque as pessoas vão estar no lado de fora nos protegendo [...]”. A gente não falou nada, a gente combinou de não falar para ninguém e aí éramos, acho que 30 pessoas (Isabel Gomide).

Ainda na reunião presencial do dia 15, na véspera da ação, os participantes criaram e espalharam uma convocação pelas redes sociais, despistando do horário real da ocupação:

ARTISTAS, UNI-VOS! Acabaram com o MINC. Vamos aceitar? NÃO. Artistas, uni-vos!!! Amanhã (segunda, 16/05) às 13h vamos todos, artistas de todas as áreas, fazer um ABRAÇAÇO NO CAPANEMA (Sede do MinC no Rio) e gritar: FORA TEMER!!! O MINC É NOSSO!!! O movimento TEATRO PELA DEMOCRACIA estará presente. Confirmem presença! Compartilhem! Convidem os amigos! #ForaTemer #MincÉNosso #StopCoupInBrazil #ContraGolpe #TeatroPelaDemocracia.

No dia seguinte, o grupo se encontrou próximo ao Palácio Capanema. Como explica Gomide: “... a gente combinou das 11 da manhã no Teatro do Sesi, que é bem na esquina, na Firjan, [...] Estava aberto, a gente ficou ali, tomamos um cafezinho no teatro, todo mundo de mochila. Era uma coisa tão escancarada que se alguém quisesse, já saberia. Todo mundo de mochila, edredom [...] barraca de camping. Foi muito lindo. E todo mundo excitadíssimo,

¹¹ Abraço é o nome de um álbum do cantor e compositor Caetano Veloso lançado em 2012.

parecia um monte de criança, todo mundo excitadíssimo “vamos, vamos, vamos!”.

Mauro Marques preocupou-se em mapear o território antes da ação, refletindo sobre a melhor estratégia para a entrada dos ocupantes, como nos conta abaixo:

Primeiro eu fui lá antes, eu fui perguntar para eles (seguranças) o que estava rolando e se alguma (coisa) já tinha vazado que ia ter a ocupação, aí eles falaram “vai ter algum movimento aí. Nós não podemos falar” porque eles desconfiaram de mim. Mal sabiam eles que eu era um dos organizadores ali. Aí eu falei “tudo bem”. Eu dei uma olhada, vi que só tinha uma porta porque o Capanema estava em obras e aqueles pilotis todos estavam fechados, porque ali é um espaço de passagem pública, mas estava tudo fechado, só tinha uma porta de entrada. Aí a nossa sorte foi que eu fui lá olhar antes porque percebi que ali era um risco (Mauro Marques).

Logo em seguida, o grupo de artistas e agitadores culturais atravessou a rua e caminhou com passos firmes em direção à entrada do Palácio Capanema. As cenas desta chegada foram registradas em vídeo por câmeras e celulares, dando início aos inúmeros registros realizados nos meses seguintes. Uma dessas filmagens foi realizada por Mauro Marques, que teve ação determinante na entrada dos ocupantes:

Eu estou indo e gravando as pessoas, mais para pegar as pessoas que estavam indo para a ocupação e eu percebi a movimentação dos segurança fazendo gestos e falando, e quando eu olho, o porteiro que trabalhava lá - depois a gente virou amigo dele - ele estava fechando a porta, eu saí correndo e segurei a porta e quando eu segurei a porta, ele me agarrou por trás e a porta atrás de mim, aí eu me empurrei para trás e nisso entrou todo mundo (Mauro Marques).

Assim que Mauro Marques se jogou pra trás com o segurança, Ique Larica Gazolla (42 anos, cineasta) segurou a porta de vidro para que o “mulão”¹² pudesse entrar, e Marcus Galiña tratou de apaziguar os segurança falando “não, calma, está tranquilo!”, como nos lembra Gazolla. Dessa forma, o conjunto de ocupantes adentrou o Edifício Gustavo Capanema, uma parte subiu de elevador, outros pela escada, até se encontrarem todos no segundo andar no qual estão os afrescos de Cândido Portinari, e ali se instalaram de forma permanente. Trouxeram consigo barracas, colchões, alimentos e materiais com os quais escreveram cartazes que foram logo afixados em pontos estratégicos e pediam: “Cuidado com o patrimônio”, “Não comer no carpete”, “Não fumar”, “Fora Temer!”, “Fica MinC!” e denúncias de “Golpe”.

Começava ali a ação político-cultural de resistência que sacudiu o cenário cultural do

¹² “Mulão” quer dizer grupo de pessoas, turma, aglomerado, expressão utilizada por Ique Gazolla na sua entrevista para esta pesquisa.

Rio de Janeiro e entrou para a história da cidade. A Ocupa MinC RJ foi uma experiência política e cultural coletiva que emergiu no bojo da crise político-institucional brasileira da segunda década do século XXI, uma ação política de ocupação que reuniu diferentes setores da cultura unidos contra o golpe e as mudanças impostas pelo governo interino instituído após o afastamento da Presidenta Dilma Rousseff em maio de 2016, principalmente contra a extinção do Ministério da Cultura.

Começa a galera chegar lá embaixo, vem para a manifestação e a gente começa a avisar para os amigos “ocupamos”. Inclusive colocamos fotos no evento “venham para cá, a gente ocupou o Capanema, estamos ocupados. Venham todos para cá!”. E aí o evento bombou e fizeram um cordão, deram as mãos ao prédio e foi lindíssimo. Teve falas, Jandira Feghali, lembro da fala da Jandira, nós tivemos alguns parlamentares ali. Foi muito forte, muito forte. Esse foi o primeiro dia. Aí a gente teve plenária o dia inteiro, na sala Portinari, para entender, a gente estava ali, e agora? Como faz? Como vai ser isso? E muita briga, muita força política ali se batendo e muita filmagem, na verdade, não estávamos entendendo o que estávamos fazendo (Bel Gomide).

A imprensa não tardou a chegar e espalhar aos quatros ventos o acontecimento. O jornal O Estado de São Paulo, o Estadão, publicou que “Com gritos de "Ocupar e resistir", "Fora Temer" e "Golpe não, cultura, sim", o grupo se instalou com colchões e mantimentos”. A matéria informa que os ocupantes pedem doações de alimentos e produtos de limpeza pelo Facebook. As bandeiras são a saída do presidente em exercício Michel Temer, a volta do MinC e a manutenção dos programas tocados até o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

O grupo O Globo, através de sua plataforma de internet, anunciou que “Segundo representantes dos grupos de trabalho, ouvidos pelo G1, muitos já vão dormir no local a partir desta segunda-feira (16). Não há, por enquanto, uma pauta de negociação. Segundo eles, isso seria reconhecer o governo do presidente em exercício, Michel Temer, que os manifestantes alegam ser ilegítimo.”.¹³

Desde o princípio, os ocupantes do Capanema deixaram claro que não iriam dialogar com o governo golpista. Outros grupos de artistas tomaram posição diversa. Integrantes da Associação de Produtores de Teatro do Rio (APTR), Sindicato da Indústria Audiovisual e do Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música propuseram diálogo com o presidente interino para pressioná-lo. Apesar de utilizarem estratégias diferentes, todos os grupos estavam frontalmente reivindicando a volta do Ministério da Cultura.¹⁴

¹³ <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/grupo-ocupa-predio-no-centro-do-rio-contr-o-fim-do-ministerio-da-cultura.html> (Acesso em 02/11/23).

¹⁴ <https://www.estadao.com.br/cultura/artistas-fazem-protesto-em-predio-do-minc-no-rio/> (acesso em 02/11/23).

O ator e humorista Bemvindo Sequeira, filiado ao PCdoB, foi fonte de matéria da Rede Brasil Atual e pertencia ao grupo daqueles que não apoiavam nenhuma negociação:

Não tem diálogo com Temer, não tem de saber se vai ter secretária mulher ou não, ou homem, ou se vai ser um traveco, não interessa, ele não tem legitimidade nem para acabar com ministério, nem para nomear ninguém para ministério nenhum. É um golpista que tomou o poder de assalto, com a ajuda daqueles malandros, salafrários, que você viu no dia 17.¹⁵



Figura 1 – Primeiros momentos da ocupação no salão Portinari, 16/05/16. Foto Diana Iliescu

Centenas de pessoas circularam pelo Edifício Capanema neste dia. O clima geral era de grande excitação. O responsável pela representação do Ministério da Cultura no Estado do Rio de Janeiro, Adair Rocha, recebeu os ocupantes com satisfação e entusiasmo – postura que o tornou réu em processo que se estendeu por muitos anos adiante – assim como diversos outros funcionários do MinC e suas autarquias.

¹⁵ Em referência à sessão de 17 de abril, na qual os deputados aprovaram o processo de *impeachment*. In: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/ativistas-ocupam-palacio-capanema-contr-extincao-do-ministerio-da-cultura-7914/> (Acesso em 02/11/23)

Na parte da tarde, os ocupantes desceram para o mezanino, e ali realizaram a primeira assembleia da ocupação, no *hall* em frente aos elevadores, que contou com uma grande quantidade de pessoas. Com a bandeira do Brasil ao centro, e com ordem para inscrição de falas, cada manifestante pode exprimir suas opiniões e desejos de como conduzir a ocupação recém-iniciada. As falas eram predominantemente políticas e traziam uma análise conjuntural da situação do país. Muitos reforçavam a orientação de todos tomarem muito cuidado com o patrimônio histórico que havia no prédio, incluindo a própria construção. A plateia reagia com palmas e palavras de ordem cantadas.

Havia muitos profissionais de cultura das mais diversas linguagens, incluindo algumas personalidades importantes da vida cultural do país, como os cineastas Silvio Tendler e Ruy Guerra. Havia também políticos, estudantes, advogados e outros trabalhadores, especialmente do setor artístico.



Figura 2 – Primeira assembleia Ocupa MinC RJ, 16 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu

Então eu fiquei lá em cima escrevendo o texto com Marcos Galiña, acho que tinha mais gente escrevendo, não sei, não me lembro muito bem de quem estava escrevendo e em seguida a gente desce para fazer leitura desse texto no saguão, ali no mezanino, sabe? Ali no saguão, antes de entrar para o mezanino, onde tem os elevadores e tal e aí a gente faz uma leitura desse manifesto e na verdade fazemos várias leituras desse manifesto durante os

primeiros dias de ocupação. Isso para mim foi o mais contundente da ação de entrada (Fatima Verônica).

Enquanto as falas se sucediam, um pequeno grupo de comunicadores tratava de montar uma estação coletiva de trabalho, dando início ao GT de comunicação. No primeiro momento, montaram mesas que serviram de suporte para computadores e equipamentos audiovisuais, no final do mezanino. Lá começaram a descarregar imagens captadas pelas câmeras e editar os primeiros vídeos sobre a ocupação.

Mais tarde, os ocupantes fizeram o reconhecimento da área, entre hall de entrada, mezanino e segundo andar, e organizaram-se em grupos de trabalho com tarefas específicas. Ao cair da noite, ajeitaram-se em colchonetes e sacos de dormir no Salão Portinari e adjacências no segundo andar, aquele que abrigava a representação estadual do Ministério da Cultura. Segundo as palavras de Ique Larica Gazolla, “ali (o Salão Portinari) também era um lugar onde foram veladas grandes personalidades, e de repente, ali tinha um movimento de vida.”

O GT de comunicação começou a funcionar, logo, a cidade toda já sabia, o Brasil inteiro já sabia que havíamos ocupado (...) aí tivemos a noite, o Povo sem Medo nos encontrou, também nesse vídeo aqui do Povo sem Medo chegando e nós dialogando com eles lá de cima e a partir dali nós fundamos alguns GTs: GT de infraestrutura, que cuidava da alimentação, da estrutura do prédio, da organização, tinha o GT da comunicação, que fazia toda essa parte de mídias, tinha o GT de segurança, que controlava a saída e entrada, então nós fizemos até uma coisa de ter uma pulseira para a gente saber quem entrava e quem saía, tínhamos postos de segurança, nos organizamos porque nosso maior medo era que chegasse algum louco qualquer e jogasse tinta, por exemplo, em um quadro daquele ou estragasse o tapete do Niemeyer e criminalizasse a ocupação (Mauro Marques).

No dia seguinte, 17 de maio, quando a ocupação já era assunto de vários jornais, foi lançado o manifesto, redigido a muitas mãos, detalhando as motivações da ação:

Exigimos a deposição imediata do governo ilegítimo que tenta se instaurar. Não reconhecemos Michel Temer como presidente do Brasil. Qualquer tipo de negociação com o Palácio do Planalto é uma forma de legitimação do golpe.

Faremos a governança real e simbólica na luta pelos nossos direitos, ocupando – de forma pacífica, mas contundente – o Palácio Gustavo Capanema sede do Ministério da Cultura do Rio de Janeiro. Reafirmamos que o espaço público é o lugar da luta política e que as ocupações são legítimas e necessárias.

Presenciamos neste momento uma tentativa, por parte de um governo golpista, de violentar a democracia brasileira e desestabilizar o país.

O governo ilegítimo assumiu de forma arbitrária, causando um desmonte de setores essenciais do Estado brasileiro como Cultura, Direitos Humanos, Mulheres, Igualdade Racial, Povos Indígenas, Desenvolvimento Agrário, Previdência, Ciência e Tecnologia, além da extinção da Controladoria-Geral da União – CGU.

A extinção do Ministério da Cultura significa e simboliza não só a perda dos direitos dos trabalhadores da Cultura, conquistados em uma longa história de lutas e desafios, mas também a perda dos direitos de cidadania do povo brasileiro, garantidos pela Constituição de 88. E além das perdas do patrimônio material e imaterial da cultura brasileira, essa arbitrariedade representa um retrocesso histórico diante de um legado deixado por agentes culturais, individuais e coletivos, em seus diferentes campos de criação.

No entanto, não se trata somente de garantir a sobrevivência de um setor. Esta ocupação da Cultura pela Democracia no Capanema é, sobretudo, pelo fim do governo ilegítimo de Michel Temer. Não aceitamos negociar com os coronéis do século XXI.

Neste momento, o verdadeiro governo está aqui do lado de fora, nas ruas, nas ocupações.

Não abrimos mão do Estado Democrático de Direito no Brasil.

Conclamamos toda a sociedade à resistência.

A luta pela democracia não tem data para terminar!

A Ocupa MinC dizia claramente que considerava o governo interino ilegítimo e se colocava como linha de frente da resistência política em garantia ao Estado Democrático de Direito, previsto na Constituição Brasileira de 1988, que naquele momento estava sendo desrespeitada. Consideramos que esta posição pública do grupo de ocupantes teve um papel ativo de grande importância para manter viva a chama da contestação política que permeou a sociedade brasileira indignada com os acontecimentos.

Internamente, os ocupantes organizaram-se em seis grupos de trabalho principais: GT de Comunicação, GT de Infraestrutura, GT de Segurança, GT de Programação, GT Jurídico, e GT de Articulação Política, que juntos proviam todas as necessidades básicas da ocupação e da produção de suas atividades.

2.2 GT de Comunicação

O GT de Comunicação, instituído logo que os ocupantes se instalaram, criou páginas nas redes sociais para divulgar a programação, que incluía debates, rodas de conversa, exibição de filmes, peças, danças, performances, exposições e grandes shows e festas para aglutinar apoio. Havia também pedidos de doações de alimentos, materiais de limpeza e de papelaria. O principal canal foi a página no *Facebook* que chegou a atingir mais de 50 mil seguidores. A ocupação recebia constantemente a visita de jornalistas nacionais e internacionais, e foi tema de matérias nos mais importantes jornais do mundo como *The*

Washington Post, Le Monde, BBC, Deutsche Welle e El País, entre vários outros.

Diariamente, o movimento recebia a adesão de novos artistas e personalidades que, quando pessoalmente na ocupação, gravavam seus depoimentos em vídeos postados nas páginas da Ocupa na internet, cujo número de seguidores crescia em ainda maior proporção, além de prestarem depoimentos para os veículos de imprensa.

Na época, o Instagram, em 2016, ainda era muito incipiente, então a nossa principal rede social era o Facebook. A gente tinha um canal do Telegram, que também não bombou tanto. Mas no Facebook, na primeira semana, conseguimos bater, se não me engano, 30 a 40 mil seguidores. E aí depois a gente foi crescendo e acho que o máximo que a gente chegou foi 63 mil, por aí. Mas acho que nos primeiros 15 dias a gente conseguiu 70% dos seguidores que a gente teve ao longo de todo o projeto da ocupação. Então foi um estouro, foi um “boom”. E foi muito legal, porque como a ocupação era uma ocupação também cultural, então ela se propunha a fazer atividades culturais, existia esse diálogo com a comunicação de ser uma comunicação mobilização de ficar chamando as pessoas, preparando. Enfim, a comunicação foi muito importante nesse processo da OcupaMinc (Guilherme Imbassay).



Figura 3 – GT de comunicação, noite do segundo dia de ocupação, 17/05/16. Da esquerda para a direita, Ludmila Curi, “La Russa”, Guilherme Imbassay, Bruno Bou e Gian Martins. Foto Diana Iliescu.

A equipe do Grupo de Trabalho de comunicação se organizou em diversas tarefas, havia

os que atuavam como *social media*, designers, operadores de câmera, editores, redatores, *loggers* do material captado. Logo perceberam que precisavam de planejamento estratégico e coordenação para organizar as postagens, incluindo o intervalo entre postagens, o conteúdo do que ia subir, como seria feita a cobertura das atividades e a gravação dos depoimentos em apoio ao movimento. Foi um grande trabalho colaborativo, que reuniu algumas organizações já constituídas como a Mídia Ninja, o Cuca da UNE/ TV UNE, Fotógrafos pela Democracia, e muitos outros colaboradores, entre cineastas, fotógrafos, atrizes, atores e ativistas da cultura. Segundo Guilherme Imbassay (comunicador, 34 anos), um dos mais atuantes deste grupo, a atuação na Ocupa MinC foi sua grande formação como comunicador.

O primeiro ponto da comunicação era conseguir aglutinar forças junto a sociedade civil e forças de apoio. E para conseguir esses apoios a gente fazia muitos shows e muitas atividades culturais. Então umas das estratégias era sempre mostrar como a ocupação era querida através das fotos, através das postagens porque isso alimentava a imprensa internacional, a própria imprensa nacional e dava uma certa segurança a ocupação, de que as pessoas não iam chegar lá e a polícia ia chegar lá do nada, enfim, dava como se fosse uma certa proteção da mídia e isso vinha muito com um ponto de uma estratégia que a gente tinha definido, que era essa, de toda atividade cultural que tivesse, a gente ia fotografar, ia postar, ia estar fazendo uma cobertura 24 por 7, então íamos estar fazendo uma cobertura tipo *fulltime*, postando tudo que acontecia e mostrando as pessoas que iam (Guilherme Imbassay).

A ação do GT de comunicação foi determinante para garantir a divulgação de uma narrativa que trouxe os aspectos fundamentais da contestação política que a ocupação se propunha a fazer, em contraste com as informações disseminadas pela mídia hegemônica, sobre a crise que o país enfrentava. Muitas falas de importantes personalidades dos campos artístico, jornalístico e político, em especial, foram projetadas para as redes sociais e traziam questionamentos sobre o processo em curso no Congresso Nacional. Trouxemos o debate sobre a extinção de Ministérios que garantiam a aplicação de direitos e políticas públicas, disseminando informações e insistindo para que a opinião pública se debruçasse sobre estes temas. Os materiais jornalísticos produzidos pela Ocupação circularam em incontáveis grupos e através de um número enorme de pessoas que utilizavam redes sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Telegram*.

Pedro Moreira (técnico de som de cinema, 45 anos), ocupante que participou do GT de comunicação, conta que chegou no segundo dia direto para a apresentação dos Músicos pela Democracia, grupo de instrumentistas de orquestra, que apresentaram uma versão de

protesto para o clássico Carmina Burana, cantata musicada por Carl Orff, que marcou o segundo dia da Ocupa MinC RJ.

O dia que eu cheguei, a primeira coisa que eu fiz foi o maestro Rafael, que juntou músicas da Sinfônica e fez uma Carmina Burana Fora Temer. Eu como técnico de som de cinema, eu levei um equipamento portátil com os microfones estéreo e gravei o coro, a sinfônica e todo mundo gostou muito e tal. Ficou legal. Os pilotis do Capanema têm uma pressão acústica interessante, tem uma acústica bacana. A pressão sonora vem com força e o negócio lotado, aquele coro, aqueles instrumentos sinfônicos tocando. Aí ficou bem legal, assim, mesmo. A gente passou a usar aquilo de vinheta e era basicamente depoimentos de celebridades que apareciam lá pelo Ocupa e deixavam depoimentos, alguns vídeos cobrindo manifestações (Pedro Moreira).



Figura 4 – Apresentação dos Músicos pela Democracia nos pilotis do Palácio Capanema em 17 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu.



Figura 5 – Arcos levantados ao final da apresentação dos Músicos pela Democracia, pilotis do Palácio Capanema em 17 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu.

No dia seguinte, 18 de maio, já havia um palco montado sob os pilotis onde se apresentaram Arnaldo Antunes e Otto. Na quinta dia 19, foi a vez dos músicos Frejat, Leoni e Lenine. E na sexta-feira, 20, a Ocupa recebeu Caetano Veloso e Erasmo Carlos. Vários outros artistas de peso, de diversas linguagens artísticas, além de agentes políticos engajados contra o golpe estiveram presentes e demonstraram apoio à Ocupação.

A partir de então, tivemos inúmeras apresentações culturais, a cada dia e a cada noite da Ocupa MinC RJ, com uma quantidade de público e seguidores em redes sociais aumentando exponencialmente. A memória da programação cultural da Ocupa está registrada e pode ser acessada através das postagens da página @ocupaminrcj no *Facebook*.



Figura 6 – Público da Ocupa MinC RJ na segunda noite de ocupação, a primeira de atividades na área externa dos pilotis. 17 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu.



Figura 7 – Caetano Veloso aguardando sua vez de cantar no palco da Ocupa MinC RJ. 20 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu.

2.3 GT de Segurança

O GT de segurança também começou a funcionar desde o primeiro dia de ocupação, como um braço fundamental da ação dos ocupantes, para proteger o movimento e preservar o espaço público em que ela aconteceu.

Charles Queiroz, ou CH (grafiteiro e produtor cultural, 36 anos), integrante da Nação Hip Hop e da UJS (União da Juventude Socialista), conta-nos como o grupo se organizou, formando um núcleo de segurança a partir da experiência política que eles já tinham, principalmente no movimento estudantil: “eu propus que a gente fizesse as mesas de segurança [...] aí pegamos um de cada coletivo e montamos já a segurança da noite, pra passar a noite toda. Passamos a noite toda em diálogo sobre como a Ocupação ia acontecer.” CH explica que desde a primeira noite apareceu muita gente de madrugada querendo entrar na Ocupa, e que eles não deixavam ninguém mais entrar àquela hora, mas que voltassem a partir das sete da manhã, que era a hora que abriam o prédio e chegavam os seguranças profissionais do Capanema. A maioria entendia, mas chegava gente em diversas condições, alguns dando trabalho para os integrantes do GT.

A parada de ter feito parte da segurança, fez a gente ver um monte de coisa que só a gente via, sabe? A gente passou por vários momentos da ocupação que só a gente passou, que só a gente sabe, que só a gente desenrolou. A gente desenrolou até para não acontecer arrastão naquele lugar [...] em produção de som e de segurança do local, o Fora do Eixo foi quem fechou. Não teve outro coletivo. Foi Nação Hip Hop e Fora do Eixo. Foram os dois coletivos que fecharam de ficar na segurança, tá ligado? Porque maior galera assim, mais velha, não desmerecendo assim tipo a vida de ninguém, pá, porque um monte de gente pôde voltar pra casa, dormir em casa, e não ficar na ocupação. Mas um monte de gente abraçou o bagulho ali, por causas diferentes (Charles CH).

Uma das principais questões que perpassavam os debates entre todos os ocupantes era a preservação das obras de arte que faziam parte do acervo fixo do Palácio Capanema, e o cuidado com o conjunto do prédio em geral.

Minha maior preocupação era em relação ao patrimônio público que era o Capanema. O Capanema é um edifício tombado. É o primeiro edifício modernista do Rio de Janeiro. Ele é tombado como patrimônio, tem obras de Portinari, enfim, de diversos artistas brasileiros. [...] nós, enquanto ocupantes, nós tínhamos que ter consciência de que nós deveríamos também proteger aquele patrimônio. Então meu primeiro movimento foi entrar para

o GT da Segurança, foi a primeira coisa que eu fiz, por essa preocupação que eu tinha com o patrimônio público (Bruno Falci, historiador e jornalista, 37 anos).

Os ocupantes tinham muita consciência da responsabilidade que assumiram ao ocuparem o edifício, e sabiam também que uma estratégia possível de criminalização do movimento poderia ser um ato premeditado de vandalismo contra o patrimônio público, em especial, contra as obras de arte de valor incalculável que estavam em seu interior.

uma coisa importante que a gente de alguma maneira tivemos que lidar logo que entramos, foram os painéis e obras de arte que tem lá no Palácio Capanema, porque a partir do momento que nós ocupamos aquilo, nós passamos a ficar responsáveis pelos painéis do Portinari, pelas esculturas, pela própria infraestrutura do prédio. Se acontecesse qualquer coisa ali, qualquer acidente, nós seríamos criminalizados, obviamente, com luta política e iam fazer com que a gente perdesse credibilidade (Mauro Marques)

Desde as horas iniciais, foram espalhados cartazes com orientações para não deixar restos de comida no carpete e não pisar no tapete criado por Oscar Niemeyer, assim como cercaram com móveis, fita zebra e sinalização os objetos de valor artístico e cultural.

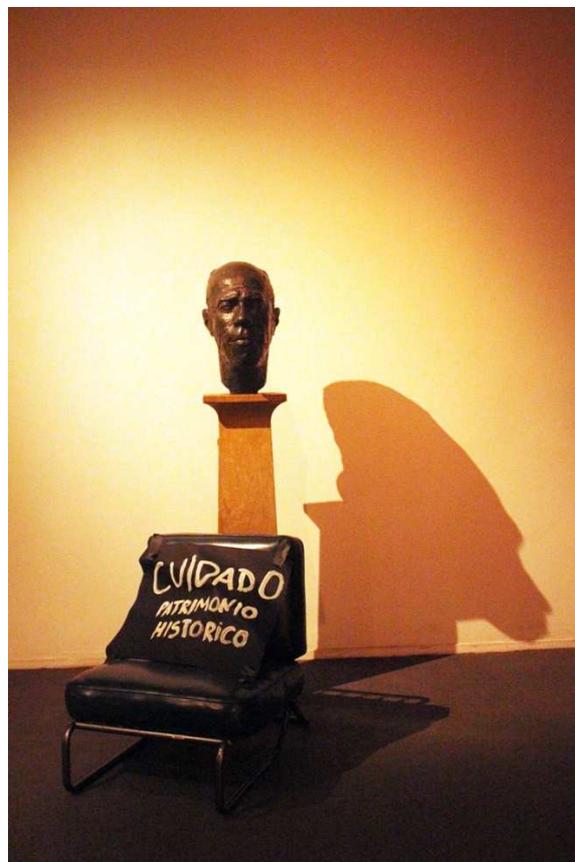


Figura 7 – Busto de Mario de Andrade, foto Diana Iliescu

Não foram apenas homens que ficaram cuidando da segurança, diversas mulheres também tomaram para si esta tarefa estratégica. Brenda Lua, que na época utilizava seu nome de batismo Brenda Jaci (atriz, 40 anos), conta como era o cotidiano do GT:

Como é que funcionava a segurança: a gente tinha turnos, plantões em que a gente ficava sentada numa cadeira em algum lugar específico: vendo quem entrava e quem saía. Então, a gente ficava ali, e não podia sair daquele posto até passar pra outra pessoa. É, inclusive foi estando nesse posto de segurança que a gente expulsou; que eu expulsei, na verdade, comecei a expulsar, depois as mulheres chegaram, um cara que tava invadindo a barraca de uma das meninas (Brenda Lua).

Luciana Pedroso, atriz do Tá na Rua (36 anos), também se dedicou à tarefa da segurança, dentro da Ocupação:

Eu era do GT de segurança porque eu tenho insônia, então eu me coloquei a serviço do coletivo ali com a minha insônia. Eu tinha outras coisas inclusive para fazer, eu poderia contribuir em diversas áreas, mas naquelas circunstâncias ali eu achei que a melhor coisa que eu tinha a fazer mesmo era ficar de guarda e eu fiquei de guarda. [...] A minha missão era ter os meus plantões de madrugada, de 3 da manhã em diante e quando era a minha folga, era cumprir o plantão do colega que dormia. Porque as pessoas normais, todas dormiam, por mais sangue nos olhos que fosse, as pessoas dormiam. Então, eu que tenho essa coisa patológica, sempre sobrava para mim. Essa coisa das 6 horas da manhã. Eu sempre soube que a gente ia ser desocupado às 6 horas da manhã, sempre (Luciana Pedroso).

Bruno Falci relembra da colaboração com os seguranças contratados do edifício e dos procedimentos utilizados, como a fita colorida no pulso, recurso de identificação usado até que todos ali dentro, que passavam a noite na ocupação, se reconhecessem uns aos outros e do livro de presença que deveria ser preenchido por quem fosse ao segundo andar, onde estavam a maior parte das obras de arte:

Então a gente basicamente, de manhã, a gente dividia a entrada do prédio com os seguranças do próprio Capanema e eles nos explicavam “Ah. Esses são todos funcionários”. E quando aparecia alguém que não era funcionário eles nos apontavam “Ó. Esse cara aqui não é funcionário, não trabalha aqui”, enfim, “é alguém estranho”. E era assim, a gente não fechava. Mas aí depois do horário de trabalho que era de 6 horas, de 6 horas até 9 horas da manhã, aí era totalmente sob controle nosso. Quem entrava e quem saía do prédio. E aí a gente, no início, a gente usava uma fitinha no pulso, não sei se você lembra, que a gente trocava todo dia. [...] E a gente tinha um livro de entrada. Todo mundo que entrasse no segundo andar, assinava um livro, deixava o seu nome e um documento, para que se alguma coisa acontecesse dentro, a gente tivesse o controle de quem provocou esse acidente. Graças a Deus nunca aconteceu nada. Nunca aconteceu nada de grave. Alguns incidentes

aconteceram. No primeiro dia teve um incidente que, para mim, foi bastante grave, que me fez entrar no GT da Segurança, que foi uma menina, enfim, entrou muito bêbada dentro da ocupação e, eu não sei se você lembra disso, enfim. E aí a gente teve alguns problemas com isso e aí a gente proibiu o álcool dentro da ocupação também (Bruno Falci).

Charles CH, artista e produtor que vem de Belford Roxo, traz à tona um recorte de classe que estava presente na atuação interna dos GTs:

Isso era pauta diária, da gente falar para as pessoas olharem para segurança, que era uma galera de periferia que tava na segurança, que era uma galera de outro círculo cultural de cultura de rua que era o que não era do teatro, que não do cinema, que não era de outras culturas mais elitizadas e que tavam afastadas, assim, da produção em geral, que estavam envolvidas na segurança, de que é o que sempre cabe ao cargo de uma pessoa pobre na vida de burguês: ser segurança ou empregado, porque a infraestrutura também, o GT de infraestrutura a qual a gente começou a assumir porque a galera começou a tipo não querer cuidar porque chegou um momento que começou a ficar pesado e que chegou o momento que precisa ter que fazer comida em panelinha de... panela elétrica, essas parada. Era o maior corre-corre. E acabou que quem assumiu a cozinha: pessoas periféricas, pessoas que estudam humanas, pessoas que tem tipo artes, artes mais de rua, outros tipos de arte que não se enquadram dentro do perfil burguês, sabe? Tudo isso tava muito dado ali para nós diariamente dentro daquele local, só que não sei nem o que fazer com essa informação, porque assim, se ela entrar só no seu... na sua defesa, se entrar no seu documento, eu acho importantíssimo entrar um relato desse, né, que coloca em contraponto toda felicidade que parecia ser. Porque toda felicidade que parece ser precisa de alguém por trás para poder produzir. [...] O nome das pessoas da segurança ninguém lembra. Eu garanto que tem gente que não lembra até hoje da Júlia e do Damus, que eram duas pessoas que incrivelmente saíam do seu trabalho, chegavam lá dez horas da noite, entravam na segurança as dez horas e ficava até às 6 horas da manhã para poder ir trabalhar de novo. Uma galera que mais ninguém da ocupação viu, que quem ia para casa dormir e voltava não viu a cara das pessoas não, de pessoas que participaram ativamente de dentro da ocupação todos os dias ou pelo menos dois meses enquanto a gente durou na ocupação lá no Capanema (Charles CH).

Desta citação, destacamos uma relação de classes que se fez presente durante a ocupação e que representa a estratificação da sociedade. Charles CH, ocupante que veio da periferia, reconhece na relação entre os ocupantes um lugar de atuação periférico. Por mais que a decisões fossem horizontais e tiradas por consenso, como veremos adiante, a divisão do trabalho tendia a seguir uma divisão de classes sociais presentes na realidade social brasileira.

Charles CH também destaca a dedicação da equipe na proteção do território ocupado:

O momento da menina Antônia quebrar a garrafa e ameaçar o cara que ameaçou ela. O cara tava tipo pisoteando o jardim. A gente tinha certo

cuidado ali com o jardim mesmo tendo festa. Agora tu vê quem em sã consciência numa festa de 7 mil pessoas vai se predispor a tomar conta de um jardim, enquanto todo resto da produção e da galera que tava fazendo o bagulho acontecer, tava bebendo cerveja e assistindo de boa, sabe qual é? E a gente tava lá preocupado. A menina teve que quebrar um casco de cerveja para poder ameaçar um cara que queria tipo mijar na frente dela. E ela falando que não, e ele queria pisar no jardim (Charles CH).

2. 4 GT de Infraestrutura

A ocupante Letícia Gelabert (produtora cultural, 37 anos), ex-funcionária da FUNARTE que trabalhava no próprio Edifício Gustavo Capanema, lembra-se como começou integrando o GT de Infraestrutura:

A primeira preocupação que eu lembro era de jantar, fazer jantar. Como é que vai se fazer para comer. Então, eu comecei ajudando ali na cozinha no início (Letícia Gelabert).

Para manter os ocupantes dentro do Capanema em seus postos de ação e cumprindo suas tarefas, era necessário disponibilizar comida para todos. Garantir a alimentação era uma forma de manter todos em atividade, de modo que não precisassem se preocupar em suprir suas necessidades básicas. Numa ocupação, a divisão do trabalho entre o coletivo faz com que cada um possa se dedicar à sua tarefa específica, sem perder tempo de trabalho garantindo a subsistência.

Os manifestantes organizaram três refeições diárias, todos os dias, para quem passasse o dia trabalhando, incluindo café da manhã, almoço e jantar. Dessa tarefa se ocuparam principalmente as mulheres, como as atrizes Anna Karenina Riehl (26 anos) e Dânae Dânae (40 anos) que contam como recebiam doações e se organizavam para preparar a alimentação coletiva desde o primeiro dia:

Eu lembro muito da segunda, porque chegou muita doação de gente de teatro [...]. Eu lembro que a Patrícia Pillar mandou umas sacolas enormes das Lojas Americanas, assim cheias de troços. Que eu falei, caraca quanta coisa. Eu lembro que no início eu tava ali ajudando a galera da infra. Eu fiquei muito tempo, muito tempo não, a ocupação toda eu participei da ação na cozinha (Anna Karenina).

Várias histórias: vem panela de uma pessoa; eu trouxe panela elétrica; aí outra pessoa trouxe outra panela. A gente tinha três panelas e fizemos comida pra... dependendo do dia, umas cinquenta pessoas. De trinta a cinquenta pessoas, todos os dias, com umas três panelas elétricas, uma geladeira e deu certo. Era

muita gente para poder comer. E deu certo. Cada um trazia uma coisa de um lugar. Cada comida vinha de um lugar diferente e a gente preparava tudo. (Dânae Dânae).

Depois de um tempo, (a gente) contou com a Gracia. A mãe da Gracia era chefe de cozinha, então a Gracia assumiu a cozinha com muita força, porque ela sabia muita coisa. Mas antes disso eu fazia muita coisa na cozinha. Eu cozinhava muito. Eu gostava muito de cozinhar. Sempre gostei. Então, eu assumia muito essa parte de fazer comida. Não era sempre, porque a gente tinha muita doação de quentinhas de sindicato. Então, não sei quantas por semana, cada sindicato doava tantas quentinhas. Então essa parte... eu cuidava mais, assim, de cozinhar. Ah, tem arroz, tem tal, então eu ia lá e cozinhava. Eu lembro quando teve a ocupação da galera da saúde, do Ocupa SUS, ali em frente, a gente mandou muita comida pronta pra lá (Anna Karenina).

A gente colocava nas paredes a planilha de pessoas que iam estar naquele momento. Quem dormia lá acordava mais cedo para fazer o café da manhã, às 8 horas tinha que estar pronto para todo mundo. A gente acordava às 7, para às 8 o café da manhã estar pronto para todo mundo. O café da manhã era de 8 às 9, então a gente tinha esses horários e as escalas das pessoas, então quem trabalhava no café da manhã, não trabalhava no almoço e não trabalhava no lanche. O jantar era um lanche ou uma sopa. Tivemos muitas pessoas que doavam, além dos sindicatos, doavam comida da sua casa. A Lúcia Capanema, por exemplo, ela fez comida para a gente durante muito tempo e talvez muita gente que estava ali, nem sabia de onde surgia aquela comida [...] a Lúcia Capanema [...] dizia “estou saindo de casa com um panelão de sopa para hoje”, então a gente ia na escala e via, “quem vai dar a sopa na segunda? Quem vai dar o jantar na terça? Quem vai dar o jantar na quarta?”, então a gente tinha a escala e a gente colocava na parede e a própria pessoa chegava lá e colocava o nome dela, tipo “eu vou dar a sopa duas vezes por semana” e a gente fez isso religiosamente durante algum tempo, até o momento que a Lúcia Capanema quebrou o braço e não pôde mais fazer a sopa, mas ela vinha no carro dela com a sopa, mandava um Telegram falando “estou chegando!”, aí vinham 3/4 pessoas para carregar o panelão de sopa que chegava na hora certa para a gente alimentar todo mundo e aí a galera estava no show, já estava... então a galera da infraestrutura já estava fazendo outra coisa e a galera da segurança já estava fazendo outra coisa, então tinha toda uma galera trabalhando durante o tempo todo, a gente não estava ali de boeira só curtindo o show, a gente estava ali na correria. Então a gente falava assim, no grupão grande, “gente, a sopa chegou, venham tomar”, então iam por escala, quem estava, por exemplo, na área técnica do show, ia subindo por escala para tomar a sopa, para poder jantar. Era muito organizado (Isabel Gomide).

Segundo muitos ocupantes, uma das ações mais bonitas foi a entrega diária de doações. Quem não podia estar ali, se fazia representar pela sua doação. Eram quilos e quilos de arroz, feijão, açúcar, café, pão, queijo, presunto, mortadela. Segundo Bel Gomide, na comemoração do primeiro mês, a ocupação ganhou um bolo confeitado de uma atriz escrito “Ocupa MinC”. Com dois meses, foram as ambulantes parceiras que fizeram uma festa, com bolo e sopão.

Bruno Falci relembra de todos os apoios que a Ocupa recebeu e que foram fundamentais para mantê-la funcionando:

Muito interessante também os apoios que a gente teve. Por exemplo, nos primeiros dias a gente teve muita dificuldade em conseguir um banheiro para tomar banho, por exemplo. O Capanema é um edifício, enfim, não tem chuveiros e o pessoal tava morando lá, e a gente não tinha como tomar banho. Aí tinha um sindicato que eu conhecia, na rua bem em frente ao Capanema, [...] que é o sindicato dos professores, o Sinpro Rio, e o Sinpro ele acabou cedendo para que nossos militantes que tivessem morando lá fossem tomar banho todos os dias nesse sindicato. Então durante três meses, o sindicato serviu como banho dos ocupantes. Isso foi muito legal. E a comida, por exemplo, também, que a gente recebia, a gente recebia a comida do MST e também do Sindicato dos Petroleiros, nos dava duas vezes por semana quentinhas. Então você tinha aí uma solidariedade que ia... Diversos setores da sociedade que vinham de forma solidária tentar ajudar a ocupação. Isso sem contar individualmente pessoas que todos os dias vinham lá no Ocupa MinC entregar alimento, entregar inclusive dinheiro pra a gente manter a ocupação de pé. [...] E também teve deputados, obviamente. Gabinetes de deputados. O Reimont, por exemplo. Ele deixou com a gente um gerador que a gente inclusive perdeu o gerador dele. Perdeu, não. Ele foi roubado. Ele tava no meio da rua. A gente ocupado no meio da rua, enfim. [...] O Freixo também ajudou a gente. A Jandira dava muito apoio assim jurídico para que não acontecesse nada de prisões, enfim. Ninguém foi preso no Ocupa MinC (Bruno Falci).

Eu me lembro que a Bel ficou responsável pela caixinha junto com a Lisa. Foram pessoas responsáveis pela economia, principalmente. Mas economicamente, queria te dizer o seguinte, a OcupaMinc recebia muitas doações de comida, tanto de moradores do entorno, quanto de sindicatos e instituições que apoiavam. Mas a caixinha da OcupaMinc também ajudava muito. A gente teve um público muito generoso nesse sentido (Fátima Verônica).

Luciana Pedroso relembra do cuidado com o gasto de água que existia na ocupação. Os copos descartáveis recebiam o nome de quem o estava usando em caneta permanente. A louça era lavada passando-se cada peça por três diferentes bacias de água. Antes da primeira, o ocupante limpava a peça com uma esponja, jogava os restos de comida numa lata de lixo e a ensaboava. Em seguida, passava a peça numa segunda bacia para tirar o sabão e por fim, numa terceira para os últimos resíduos. Nas palavras de Luciana, “aquela coisa da gente lavar a louça daquele jeito nojento. Eu tinha nojo daquilo, mas poxa, era o certo, até porque não existia uma estrutura. Já pensou a gente entupir aqueles canos de 100 anos atrás?”



Figura 8 – Após as festas e shows, os ocupantes recolham todo o lixo e lavavam o chão sob os pilotis. Sábado, 21 de maio de 2016. Foto Diana Iliescu.

2.5 GT de Programação

A gente que somos da cultura, né? O que vamos fazer? Vamos fazer cultura! Esse prédio aqui é um prédio que foi criado com essa finalidade, de fazer cultura, então é o que nós vamos fazer para a sociedade. Então, já na primeira semana, os primeiros dias, a gente criou um grande festival e aí a gente fez ações de Cultura (Isabel Gomide).

A Ocupa MinC era uma ocupação essencialmente cultural, realizada por profissionais deste setor que tinham como especialidade a realização de eventos culturais. O GT de programação ficou responsável por garantir as atrações artísticas:

Então a gente, com esse GT, fizemos o primeiro show, que foi [...] nada mais nada menos que Caetano Veloso. Tivemos 15 mil pessoas na porta, a gente criou um palquinho debaixo do prédio que tinha um pátio enorme dos pilotis do Capanema, então a gente fez um palco, tudo com doação, som, luz e tal. Nesse dia a Paula Lavigne, uma grande pessoa da cultura, ela colocou som e óbvio, porque ela queria o melhor show do mundo para o Caetano e aí junto com Caetano, vieram todas as pessoas que ela representa. Veio Criolo, veio Lenine, nessa mesma noite tivemos, assim, uma noite espetacular de estrelas, de pessoas mais importantes da MPB. Então a nossa ocupação acabou tendo

uma importância muito maior do que a gente imaginava. Tivemos um acesso na mídia enorme, por conta desse primeiro show e aí o Rio de Janeiro inteiro que estava bolado com o golpe, todo mundo querendo de alguma forma se manifestar, a população do Rio de Janeiro se viu representada por aquela ocupação e começou a frequentar diariamente a nossa ocupação (Isabel Gomide).

Anna Karenina conta que logo começou a ter uma procura de artistas que queriam se apresentar na Ocupa MinC. Segundo suas palavras “isso é um indício fortíssimo da importância cultural que aquilo ali tinha. E conseqüentemente da importância política que aquele espaço cultural se tornou [...] se a gente não tivesse tido a Ocupa MinC, a gente não teria avançado setenta por cento do que a gente avançou em termos de atividades artístico culturais políticas na cidade.”

Dyonne Boy lembra como os integrantes do GT de Programação foram desenvolvendo uma metodologia para garantir que as atividades acontecessem de forma organizada:

Lembro também que foi uma coisa da história do bloco “cadê o bloco?” e o bloco surgiu também, porque a gente começou logo no início, porque tinha uma galera do Mídia Ninja, tinha uma galera muito hightech já e organizada e a gente falava “ah não, vamos abrir um Google Docs, a gente tem que ser muito democráticos, as pessoas se inscrevem pela internet, a programação é feita pela internet, livre, aberta. Não existe curadoria”, era uma ideia de que não existia curadoria, era simplesmente você se inscrever. Logo, essa ideia caiu, porque as pessoas começavam a se inscrever, mandar “zap” e não iam na ocupação, então o bloco surgiu porque o pré-requisito era que a pessoa fosse a ocupação para marcar o seu evento, a sua festa, a sua “coisa”, então isso também foi muito forte, o poder da presença, como que a gente, ativistas políticos, através da presença, da festa, da democracia radical, da questão do consenso, a gente se organizou muito como uma cidade, praticamente, como um grupo bem heterogêneo, mas que realizava muitas coisas. [...] Então, a gente passou a comprar um bloco A3 gigante, que a gente passava a régua, fazia aquela tabela com o *pilot* e deixava esse bloco disponível, ele ficava em um mês, sempre, aí sempre tinha gente visitando a ocupação e tinham pessoas que queriam marcar programação porque a gente começou fazendo programação, então as pessoas sacaram que tinha sempre programação, então era só chegar lá e marcar. Aí as pessoas encaminhavam, todo mundo sabia quem era todo mundo. Lembro que era eu, Rodrigo Sellos, Júlio Barroso, Paulo, que na época era Paulo (e depois se tornou uma mulher trans, Nunyara) (Dyonne Boy).

Esta citação nos traz uma reflexão sobre a forma como devemos tratar as memórias em um grupo tão heterogêneo como foi o grupo dos ocupantes. Entendemos que o objetivo político em comum predominou sobre as diferenças culturais, técnicas e sociais do coletivo. Ainda assim, percebemos que as subjetividades se delineiam em diferentes traços, e que a vida em

comum dos ocupantes se forjou sob diversas concessões e acordos mútuos. A diversidade prevaleceu sobre quaisquer diferenças que possamos destacar.

Vários ocupantes reforçam o caráter radicalmente democrático da programação, qualquer artista que quisesse se apresentar era bem-vindo. Show, teatro, dança, mas também exibição de filmes, debates, oficinas, performances, exposições, entre várias outras atividades.

A Ocupa, isso também é importante a gente lembrar, ela foi palco pra muita gente conseguir colocar o seu trabalho. No início a gente recebia muita gente que talvez tenha estreado ali com sua primeira peça, seu primeiro monólogo, primeira vez que apresentou uma poesia. Foi isso. Isso é muito importante da gente lembrar, porque acho que a gente às vezes não lembra o quanto esse espaço que a gente criou para os artistas se apresentarem e de uma maneira mais informal e muita acolhida, porque quando chegavam para gente, não existia um critério, de cima para baixo. Não. Era: Chegou? Botou seu nome aqui na programação? Beleza, tá aqui. Então, vamos ver o próximo. Então isso deu muita oportunidade. E dessa troca também riquíssima entre quem tava ali começando, vendo um artista gabaritado como era, como ele se apresentava (Letícia Gelabert).

Em pouco tempo, a Ocupa MinC se tornou um dos pontos de encontro mais movimentados da cidade. Inclusive as crianças eram bem-vindas. Os domingos eram reservados para programações especiais infantis que abarcavam toda a família. Mães e pais de crianças pequenas também podiam se manifestar contra o golpe enquanto seus pequenos se divertiam.

As pessoas saíam de casa todos os dias pra ir pra ocupação. Eu tinha amigos que eu encontrava todo dia, que eu não via há anos, mas todos os dias eles estavam lá na ocupação pra ouvir uma música, para fazer uma sessão de teatro, para fazer uma yoga, pra ver um palhaço no domingo. E domingo era o dia das crianças, que a gente fazia uma programação especial no domingo pras famílias. E aí vinham os pais e as crianças todos os domingos de manhã, meio-dia, uma hora, aí você tinha palhaços, tinha balões, enfim tinha todo tipo de atração pra criançada, desenhar no chão (Bruno Falci).

A Ocupa também se especializou em realizar importantes debates políticos. Um dos temas que se destacou foi a forma como a imprensa lidava com a crise política capitaneada pelo impedimento da presidente Dilma. Profissionais de imprensa destacados estiveram na ocupação, muitos jornalistas conhecidos como blogueiros progressistas, produtores de conteúdo jornalístico para a internet e de outras especialidades da comunicação.

Eu lembro que quando o Glenn (Greenwald) foi, eu falei: caralho, o cara ganhou o Pulitzer, tá aqui, pra discutir sobre como é que a imprensa tá lidando com o golpe. Então, de fato, a gente não é mais só, ah, “a gente vamo derrubar

o Temer aqui”. A gente tá sendo celeiro de discussões, reflexões e fagulhas numa resistência ao golpe, não apenas num sentido de vamos derrubar o Temer, mas sim, já agora estamos pensando sobre isso. [...] Mas a gente fez muitos eventos em relação à mídia. E eu lembro do Miguel do Rosário, do Theo, que foram duas pessoas muito pioneiras em traduzir reportagens e coisas, lá pro exterior, e dizer o que tava acontecendo. Porque não dava pra saber o que tava acontecendo aqui no Brasil se não fosse dito. E isso é uma coisa que a gente vê muito em países que lidam com situações antidemocráticas, e o Brasil, ele nunca teve muito essa tradição de lutar dessa forma. E a gente conseguiu ter uma luta dessa forma dentro da mídia... o Ocupa MinC sediou muito sobre isso. A gente teve encontros das pessoas de mídia que estavam denunciando o golpe pra fora (Anna Karenina).

A gente tinha muitas falas políticas durante o show. Então a gente fazia questão entre que, entre cada set, cada show, entre cada apresentação, a gente tinha uma fala política explicando “olha, você sabe o que é isso aqui? Isso aqui é a ocupação, OcupaMinc, que está aqui até o Temer cair e tal”, a gente tinha essa preocupação de falar isso e tinha essa preocupação de falar do lixo, da ecologia, daquele espaço que tinha que ser preservado, para as pessoas não fazerem xixi nos jardins do Capanema, não pisarem nas plantas do jardim do Burle Marx (Isabel Gomide).

A partir da fala da ocupante Anna Karenina, destacamos a ação dos chamados blogueiros progressistas que traduziam matérias jornalísticas para que a mídia internacional também tivesse acesso às informações sobre golpe e resistência no Brasil. Não foram tantas as vezes que esta forma de mobilização foi utilizada nas lutas do nosso país. Podemos destacar, no entanto, as denúncias realizadas em desfiles de moda pela estilista Zuzu Angel, que teve seu filho torturado e assassinado pela ditadura militar brasileira no início dos anos 1970.

Em 2016, com a internet consolidada como o grande veículo de comunicação global, a tradução dos conteúdos para diferentes idiomas, em especial o inglês e o espanhol, demonstrou-se uma excelente estratégia para agregar apoios internacionais e disseminar um olhar crítico sobre a imposição de uma presidência interina após um *impeachment* com justificativas jurídicas mundialmente questionadas. Além disso, a Ocupa MinC RJ sempre utilizava *hashtags* em inglês como a #StopCoupinBrazil. Esta ação de conectar públicos internacionais permaneceu com um legado da ocupação, cujo canal continua se engajando em novas lutas como relembra o ocupante Gazolla:

Eu lembro disso, de mandar mensagens através do nosso Facebook da OcupaMinc que é super ativo até hoje, eu contribuo bastante com ele e a gente abriu para apoio internacional da galera do “Stop Bolsonaro!”, então está bem ativo e isso foi um canal que a gente conquistou ali que ficou, eu acho que se que gente pudesse falar de alguma coisa que ficou da ocupação, ali ficou, é um canal forte de seguidores (Ique Larica Gazolla).

Esta questão de ampliação dos territórios também pode ser observada sob o ponto de vista interno, quando ficaram marcadas ações culturais que vieram da periferia e que encontraram na Ocupa MinC um espaço que nem sempre existia nas zonas ricas da cidade.

O projeto era levar o Nação Ocupa que a gente fez lá, que foi produção nossa da Nação Hip Hop. Levamos o Rico Dalasam, levamos a Gotham CRU, levamos o Slow da BF para fazer o debate Oficina de Rima, que ele ensinou a galera a fazer rima na hora, assim, tipo a escrever, a criar uma métrica, a saber rimar. Teve a oficina de grafite que a galera deu uma experimentada no spray, escreveu Ocupa Minc lá embaixo nos tapumes. Então a gente fez toda uma atividade o dia inteiro assim para várias pessoas, aberto, que era o molde que a gente fez o Nação Ocupa. O Nação Ocupa era um projeto que a Nação Hip Hop tinha de levar o Hip Hop, porque o hip-hop, em si, para além de ser foda, né, como diz o Real da Rima, ele é a escola, mano, é a escola da rua (Charles CH).

Houve um encontro marcante com as mães do DEGASE, o Departamento Geral de Ações Socioeducativas, o órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro que executa as medidas judiciais aplicadas aos adolescentes em conflito com a lei. As mães do DEGASE são mulheres que sofrem com seus filhos acusados de atos infracionais e com as enormes dificuldades de lidarem com instituições de reclusão e de não terem praticamente nenhum apoio de políticas públicas.

E aquilo ali, pra mim, foi de uma importância incrível. Foi tipo: a gente trouxe pra o prédio da FUNARTE, um dos prédios mais históricos da cidade, as mães do DEGASE para serem ouvidas, sabe. Elas não são ouvidas em lugar nenhum. Assim como na universidade a gente tem a importância desses espaços sendo fomentados, de escuta, de discussão sobre as coisas. A gente trazer isso pra um espaço cultural; que sim, faz frente a um espaço acadêmico. Não na mesma função, mas tem um lugar social de validação de discussões e pautas muito forte, de implementação de culturas, de costumes, de reflexões, o trabalho do artista, levantar reflexões e tal. A gente ter recebido coisas que parecem pequenas, como essas, é de suma importância, assim, suma. A gente tava num lugar com muito holofote em cima da gente, a gente falou: vamos trazer as pessoas do DEGASE (Anna Karenina).

Eventos como estes organizados na Ocupação trouxeram a periferia para o centro do debate e do acesso. Tratam-se de importantes contribuições para a execução e a análise sobre o papel das periferias no cotidiano cultural da cidade. Sabemos que esta é uma luta perene, que avança em demorados passos, mas que a cada novo momento intensifica sua força e sua importância. A Ocupa MinC RJ, através da atuação dos manifestantes que a construíam, propôs-se a ser um espaço verdadeiramente democrático que pudesse trazer luz sobre realidades invisibilizadas da nossa sociedade.

2.6 GT de Articulação Política

Além dos grupos de trabalho já citados, comunicação, segurança, infraestrutura e programação, havia também desde o início mais dois GTs que juntos completavam as necessidades ocupantes: o de articulação política – que num primeiro momento teve uma importância estratégica, mas depois de um tempo implodiu; e o jurídico – que trabalhava nos bastidores protegendo os manifestantes e impedindo a judicialização da ocupação.

Importante frisar que nos primeiros dias de ocupação houve a discussão contínua de qual formato o movimento iria tomar. Muitas pessoas que estavam no início e participaram da entrada começaram a debandar, em especial, o grupo do Teatro pela Democracia e muitos professores universitários, que não seguiram na construção.

Quanto mais tempo a gente ficava ali dentro, mais ficava nítido que a gente ia se auto-organizar de uma forma que cada um tinha suas responsabilidades e ninguém tinha que ficar prestando conta para ninguém sobre essas responsabilidades e muito menos atender demandas de alguém a não ser do seu próprio GT, do GT de programação, do GT da comunicação, do GT de articulação, infraestrutura, técnica, cada um ali com as suas demandas e atendendo as demandas do seu GT, sem precisar responder ninguém. Quando isso ficou claro e quando ficou claro que essa era a linguagem compatível do movimento de ocupação, por mais que tivessem vários movimentos sociais, representações políticas, de sindicatos, não sei descrever quais em específico, mas eu acho que ali fica claro que estava rolando uma incompatibilidade de comunicação com essas pessoas. Então ficou mesmo quem estava a fim de algo que fosse horizontal (Fatima Verônica).

Segundo alguns ocupantes, o GT de articulação política foi criado no intuito de ser o executor das tarefas de articulação, o braço executivo do que era decidido pela ocupação. Para outros, ele seria a própria instância de decisão política do movimento. Esta imprecisão sobre a sua função foi gerando instabilidades, até o momento em que a ocupação optou pela radicalização da democracia nas decisões coletivas e extinguiu este grupo de trabalho. Segundo Anna Karenina, “essa questão do consenso que era tão emocionante pra gente na época, assim, que era uma nova forma de ação política”.

Tinha o GT de articulação política, que seria quem escreveria texto para fora, quem ia, enfim, estar no comando da coisa. Naquele momento a gente achava que tinha uma comissão que pudesse, talvez, negociar, enfim, naquele momento a gente achava que aquilo era importante (Bel Gomide).

O GT de articulação começou a ficar meio imobilizado: uma parte com razão, porque em algum momento tentou-se transformar ele numa coisa decisiva absoluta sobre as coisas. No meu entendimento ele nunca tinha sido isso, nem deveria ser. Ele era um lugar mais de organizar praticamente o que deveria ser feito. É, tipo: ah, a gente decidiu numa planetária que a gente precisa de doação de quentinhas. Aí, o GT de articulação ia lá, ia se organizar do tipo quem é que pode fazer contato com quem; quem é que vai, mapeia isso, coloca isso num papel e vamos pensar em quem vai fazer. Ah, a gente quer fazer um ato. Tá, a gente vai puxar um ato com quem? O Ocupa MinC puxou um ato do lado da Frente do Povo Sem Medo. A organização era FBP (Frente Brasil Popular), Povo Sem Medo, CUT e Ocupa MinC. Isso foi a maior viagem do mundo. Eu me lembro que, cara, eu sentava do lado do Boulos pra discutir o ato com ele; eu ficava assim, caralho, eu tenho sei lá, vinte anos, tô discutindo o ato com Boulos. O Ocupa MinC não é porra nenhuma, sabe. Só uma ocupaçãozinha, ali, da zona sul nesse momento (Anna Karenina).

Eu lembro desse primeiro momento do conflito desse GT político, dessa que era uma espécie de grupo VIP dentro da ocupação que a gente viu que não fazia o menor sentido aquilo. Acho que foi o primeiro conflito que gerou uma opção pela democracia radical. Assim, você tinha poder se você trabalhava e se você falava. Era basicamente isso. Quanto mais você trabalhava, mais poderoso, não sei se dá para usar essa palavra, mais força você tinha dentro da ocupação e quanto mais você elaborava pensamentos e se colocava em plenárias você também ganhava força, então era isso, sua força vinha daí. Então acho que essa primeira implosão desse GT político foi muito importante. Acho que a história do consenso foi muito importante também, de não fazer votação para não criar corrente dentro da ocupação (Dyonne Boy).

A gente vinha também nas reuniões da Frente Brasil Popular. Ia eu e o Redó nas reuniões da Frente Brasil Popular, do Povo sem Medo para passar os informes e as demandas assim da ocupação, e pedir ajuda principalmente se eles pudessem fazer uma passeata que terminasse no Ocupa MinC, enfim. Muitas coisas vieram a acontecer desse jeito. Aconteceu muitos atos e os atos acabavam terminando no Ocupa MinC. O Ocupa MinC virou assim o ponto de resistência contra o golpe no Rio de Janeiro, isso tanto no Capanema, tanto no Canecão. Você tinha atos de rua que a caminhada terminava no MinC (Bruno Falci).

Esta decisão de extinção do GT de articulação política demonstrou a disposição do grupo de ocupantes em assumir de fato uma nova postura de construção política, uma forma que acredito, ninguém ali havia experimentado antes. A opção pela horizontalidade, sem lideranças formais, e pelo consenso, sem votações, foi imprescindível para a longevidade e equilíbrio da ocupação, pois não abriu brechas para a desunião e a formação de correntes, como muitas vezes acontece dentro de partidos políticos que não atuam com o centralismo democrático. Pelo histórico nacional dos movimentos sociais, pelos novos instrumentos de

comunicação de massa, pela constituição de um coletivo voltado para atividades culturais, pela forma como esse coletivo optou por se organizar, podemos dizer que nascia ali uma nova forma de ação política na experiência brasileira.

2. 7 GT Jurídico

O GT Jurídico agregou os advogados e professores de direito simpatizantes da Ocupa e do movimento anti-golpe que fizeram o trabalho voluntário do que fosse preciso para ajudar. Estava sempre em ação analisando a situação jurídica dos ocupantes, a relação do uso do espaço público com o IPHAN, que questionava a ocupação do Capanema do ponto de vista do patrimônio público, e à postos caso houvesse algum confronto ou prisão. Além disso, o GT jurídico se tornou uma referência de grupo de advogados progressistas engajados em causas sociais, como relembra o ocupante Charles CH:

Eu conheci um senhor que era advogado e morava na rua. ...Porque ele queria ser advogado, queria ajudar a população de rua. Já tinha passado por necessidade por conta de emprego na vida dele. Ele entendia o que que era passar a noite na rua. E foi pra rua, mano. E... ele trabalhava na Alerj. Ele tinha o terno dele, tudo, guardadinho na rua. Ele ia para a Alerj da rua. E ele, tipo, ele que... Todo mundo respeitava ele. Geral respeitava mesmo. Todo mundo da rua conhece ele. Todo mundo respeita ele, porque que ele mora lá na frente do banco lá, junto com geral. E fez a conexão com vários outros, porque ali dentro da ocupação montou o GT de advogados, né, o GT Jurídico e que foi assim uma rede de advogados que se predispôs a colaborar com diversas ações, inclusive não faz muito tempo que eu recorri a um advogado que tava nesse GT para me ajudar numa situação aqui de um amigo que foi preso. Então ele ainda meio que funciona para nós até hoje, ainda. O GT Jurídico, acho que foi de muita valia, assim, foi uma parada muito legal que a gente conseguiu montar. Tem uns advogados muito bons e muito solidários, assim, que a gente precisava saber que existia e a gente não sabia. E fizemos essa conexão com ele. Ele conheceu e assim fez uma rede pra galera da população de rua [...] dos Advogados pela Democracia junto com a luta desse cara [...] E mana, esse tipo de coisa mais sensível assim, mais minucioso assim, que pra mim fez toda a diferença. Que fez uma diferença enorme de ter a existido ocupação (Charles CH).

O grupo de advogados pela democracia que dialogou com os ocupantes, a partir do GT jurídico, desdobrou um dos importantes legados da ocupação: a rede de solidariedade que dá suporte às lutas políticas progressistas. Vários profissionais do setor jurídico se colocam voluntariamente à disposição para contribuir com causas sociais justas que podem melhorar a vida de pessoas em situação vulnerável.

Para além dos advogados e juristas, esta rede se estende ainda em outras direções,

como os blogueiros progressistas, produtores culturais, ambulantes e outros prestadores de serviços, que se unem sempre que a causa é maior que todos, como a democracia brasileira e a qualidade de vida da nossa população.

2. 8 Planetárias

As principais decisões do grupo eram tomadas em plenárias batizadas de “planetárias” e constituíam um espaço horizontal e aberto a quem quisesse se manifestar, em um formato democrático e inclusivo, que tomava horas do dia de atividades e durava até que os ocupantes chegassem a consenso sobre os temas discutidos. Muitas vezes, o debate de determinada questão se estendia por dias, até que finalmente fosse tirada uma decisão por consenso entre todos os participantes.

As planetárias eram os momentos mais “chaves”. Eu acho que contar a história da ocupação tem que falar dessas planetárias. Eram reuniões de horas, que duravam as vezes a noite inteira. E foi isso que manteve a ocupação viva, foi isso que manteve a unidade da ocupação. Porque o consenso é isso. Ele é cansativo e até chegar nele, acaba que podem levar muitas horas. Então eu vejo a planetária como sendo um grande elo, todas que rolaram (Guilherme Imbassy).

Acho que a coisa mais importante, que a gente viveu lá, e que eu acho que é muito difícil de viver em outro lugar: é a questão das decisões serem tomadas coletivamente, sabe. Isso foi uma coisa linda de se viver (Brenda Lua).

Nossa, uma reunião de seis horas. Em que, a gente, só sai dali com um acordo comum. E, enfim: isso era muito importante. E eu acho que aquilo ali, serviu muito como um lugar pedagógico [...] muito importante pro nosso campo. Eu acho que foi importante também pra esses espaços que tavam lá frequentando, se conectarem um pouco mais com esse campo cultural que é tão menosprezado ainda hoje. Por exemplo, por vias institucionais como os partidos. É menosprezado a forma e a potência e tudo mais. Eu continuo achando as planetárias um lugar muito importante e um modo de organização de operação política, que a gente devia refletir mais, pra tentar repetir mais vezes (Anna Karenina).

Eu acho que foi uma das coisas mais maravilhosas que eu já experimentei em termos de militância política, porque... Mas isso tá ligado com uma outra dimensão, né? Da gente morar junto. Porque se a gente não morasse junto, a gente não ia poder ficar 8, 10 horas, 16 horas numa Planetária para discutir alguma coisa e chegar ao consenso (Ma Camargo).

Da fala da ativista Ma Camargo (ou Marcela Camargo) destacamos o fato de todos os

ocupantes estarem vivendo coletivamente. Ocupavam o mesmo território no mesmo espaço de tempo, de forma que a convivência se tornou o fator principal do cotidiano, o que por sua vez possibilitava discussões que duravam quase um dia inteiro.

Como lembra Bruno Falci, para além das “planetárias”, a ocupação tinha também outras reuniões estratégicas:

A gente (tinha) uma reunião todo dia às onze horas da manhã, a gente tinha uma reunião do Ocupa, com os membros do Ocupa MinC. Todo dia às onze horas eu acordava e já ia direto pra uma reunião, que passava assim os informes. Cada grupo de trabalho passava o informe do dia. Antes dessa reunião de onze horas da manhã, a gente tinha uma reunião às nove, com o representante do Ministério da Cultura no Rio de Janeiro [...] Adair Rocha. [...] aí ele foi demitido, depois pediram a ele pra voltar, enfim. Ficou nesse drama dele ser o representante do Ministério da Cultura, apesar de que ele no salão, era o salão... Ele ficava no segundo andar e todo dia às nove horas da manhã a gente tinha uma reunião com ele pra ver como é que tava a situação, a conjuntura, tanto no Capanema quanto em relação ao Ministério da Cultura. [...] Na sala dele, ao fundo, o quadro da Dilma ainda tava na parede, ele reconhecia a Dilma com presidenta, apesar dele ainda ser o representante do Ministério da Cultura no Rio, porque ninguém queria. Eu lembro que ninguém queria pegar o cargo de Ministério da Cultura no Rio, porque teria que trabalhar num ministério que tava ocupado (Bruno Falci).

2.9 Ocupa MinC pelo Brasil

Assim como no Rio de Janeiro, todos os demais estados da federação tiveram suas representações regionais de cultura ocupadas por artistas e manifestantes contrários ao governo interino e suas arbitrariedades na extinção de políticas públicas. A Ocupa MinC tornou-se um movimento nacional, do Acre ao Rio Grande do Sul, do Mato Grosso à Paraíba. Cada cidade teve sua experiência em moldes próprios mas todas tinham como pauta unificada duas questões: a volta do Ministério da Cultura e a deposição do governo considerado ilegítimo e imposto por um golpe de estado – instrumento muitas vezes utilizado na política latino-americana.

Chegou-se ocupar os 26 estados, e de forma organizada. Essas ocupações de alguma forma elas estavam organizadas entre si. Inclusive eu cheguei a ir em Brasília, no encontro das ocupas. Fui eu, o Ney e a Luciana do Tá na Rua. Fomos nós três lá pra Brasília no encontro das ocupas, que vieram algumas ocupas de todo o país. E aí, a gente tentou tirar uma linha definida. [...] A maioria das ocupações reconhecia que a presidente eleita era a Dilma

Rousseff, que tinha sido um golpe de Estado, mas era um debate a questão de defender a Dilma ou não defender a Dilma. Então teve muito debate e outras ocupas que não defendiam essa posição que queriam Diretas Já, enfim, não queriam a volta da Dilma em si. Mas a gente conseguiu alinhar e tirar um documento único de reconhecimento do golpe de Estado, além de querer a volta do Ministério da Cultura, que foi uma coisa que a gente conseguiu (Bruno Falci).

Na capital fluminense, a ocupação tinha ares de história da arte brasileira e habitava uma jóia da arquitetura moderna em vidro, pilotis e espaços largos, própria para grandes encontros sociais. Trabalhadores rurais e urbanos representavam os ciclos econômicos brasileiros pintados por Portinari em 12 grandes painéis dispostos na parte de cima das paredes do salão onde os ocupantes dormiram as primeiras noites. No final do mesmo andar, o altivo busto de Mario de Andrade parecia dar boas-vindas aos manifestantes em sua nova casa.

A democracia é uma coisa difícil mesmo, que a gente só tomava qualquer decisão quando houvesse um consenso, ou seja, aquele que era contra a alguma das questões, ele se via vencido e falava “não! Então vamos fazer” e aí havia o consenso. Enquanto isso não acontecia as decisões ficavam em aberto. Então uma das decisões que a gente vazou é que se a gente deveria descer ou não e com o tempo a gente decidiu. Eu achava que a gente deveria descer desde o início porque eu estava realmente muito preocupado com essa questão das obras de arte lá, ficou muito movimentado, é perigoso mesmo. Eu achava que deveria descer, mas enfim, fui vencido e depois, com o tempo, fomos nos organizando e tomamos conta do mezanino e a maior parte da ocupação aconteceu no mezanino e ali virou o centro da cultura do Rio de Janeiro naqueles dois meses e meio que nós ficamos lá no Capanema (Mauro Marques).

A ação de ocupação, que logo se consolidou como permanente, foi recebida com grande entusiasmo por movimentos estudantis, coletivos, sindicatos, artistas famosos e contou com apoio parlamentar e jurídico.

Em quinze dias, a Ocupa MinC RJ, que concentrava um número enorme de participantes e visitantes, tornou-se o principal centro de oposição ao governo provisório (PARDO, 2018). Segundo Hanna Arendt, em tese reforçada por Byung-Chul Han, o verbo agir seria a faculdade de por um início, dar a algo um novo começo, permitir que um mundo completamente outro comece. Na contramão da condição automática a que estamos submetidos, “agir” equivale a um milagre (HAN, 2018). As ocupações pareciam para seus participantes como uma espécie de milagre, um ato de resistência contra o poder instituído e a imposição de sua vontade de vida. Se resistir é criar, para além das estratégias de poder, um tempo novo (MACIEL JR, 2013), este tempo devia ser aquele.

Estou pesquisando “festas” no doutorado e a festa como estrutura social brasileira, como ferramenta política, como algo que nos estrutura mesmo, o Simas e o Rufino falam muito sobre isso. E ali na OcupaMinc isso foi uma questão, ali no Capanema, se a gente fazia festas ou não fazia festas, se aquilo era uma coisa que alienava, se as pessoas estavam a fim de uma balada e a gente estava ali se colocando em risco, em uma situação muito radical e a gente acabou optando por “sim, festas” e isso foi muito forte também, porque a gente era ativista da cultura, a gente rejeitava um certo modelo de esquerda, de mobilização, de carro de som, de sindicato, de pessoas gritando, de partido, enfim, isso tudo também fazia parte da OcupaMinc, mas a gente também era artista, então, acho que essa estrutura das festas foi uma coisa muito marcante e criativa da nossa parte, de conseguir mobilizar tudo.... Então a gente criou um modo de vida ali e de politização muito forte, acho que foi uma das coisas mais importantes que aconteceu no Rio de Janeiro, nos últimos anos (Dyonne Boy).

O que seria então isto que motivava os artistas e militantes a viver em uma ocupação e a construí-la a cada dia? Haveria entre eles o entendimento de que: ou nós mesmos fazemos a mudança ou ninguém mais o fará? Estariam trazendo cada um para si a responsabilidade sobre o destino do mundo? Seria a necessidade da criação de uma prática de solidariedade entre os indivíduos, espremidos que estavam por condições opressoras de vida em um país subdesenvolvido? Seria uma demanda de democracia real, nunca antes alcançada? Que outras questões poderiam inspirar a execução de uma ação popular e coletiva desta envergadura? Se o conhecimento interessa quando vivifica, quando traz à tona a ação, como queria Nietzsche (2013), seria a ocupação uma afirmação do instante e da vida, o esquecimento das regras estabelecidas para a criação do novo? O que poderia ser esse tal novo?

Levamos a hipótese que a Ocupa MinC RJ seguiu dia-a-dia na sua tarefa de inspirar o contraditório e servir de reserva de indignação e esperança em um mundo dominado por relações injustas de poder. O Edifício Gustavo Capanema, construído como aparelho estatal, foi arrebatado pelos ventos da autonomia civil e popular. O espaço do discurso oficial sobre cultura passou a ser remodelado pela argila da prática cotidiana dos ocupantes. Queremos entender como foi possível a emergência de um novo estado da matéria social: a ocupação de um palácio do Ministério da Cultura – que acabava de ser extinto – por artistas e ativistas.

Nós demos vida àquele lugar como ele jamais teve, mas como ele sempre quis, como ele sempre precisou, como ele sempre estava ali pronto para isso e serve de exemplo para outros equipamentos, mas aquele ali é muito especial (Luciana Pedroso).

Partindo de Halbwachs, Lifschitz (2016) considera que a memória constitui um tipo de vínculo, uma atração desejante sobre o passado, que quando compartilhada coletivamente favorece a agregação social. A memória coletiva organiza-se através de grupos afetivos que têm referências e vivências em comum, como por exemplo, o grupo de participantes de uma ocupação. Como Lifschitz (2016), consideramos que a característica principal que define a memória política é a sua intencionalidade. A memória de uma coletividade que procura exercer uma atuação estratégica, caminha em direção aos mesmos fins aos quais ela se dedica, ou seja, a intencionalidade está presente em grupos que se mobilizam para sustentar uma memória como uma ação política. Não se trata, neste caso, de uma memória social espontânea e propensa a deslocamentos, ao contrário, a memória política cria uma narrativa que pretende exercer influência sobre o mundo ao redor.

A Ocupa MinC RJ foi uma nova forma de ação política formada por produtores culturais, atrizes e atores de teatro, músicos, cantores e cantoras, bailarinos, diretores de audiovisual, artistas de circo, estudantes, midiativistas, sociólogos, artistas-trabalhadores de diferentes áreas de expressão aliados a movimentos sociais, estudantis, parte dos servidores em resistência ao governo provisório de Michel Temer, entre outras profissões ligadas principalmente à cultura e à reflexão. E tudo a bordo de intensa programação artística-cultural autônoma, contando com adesão de públicos, fazedores e pensadores os mais distintos. Diferentes pontos de vista contam a mesma estória, construindo geometrias de faces complementares neste pilar da paisagem social. As ocupações são a maior mobilização do setor cultural já realizada na história desse país.

Falo isso com orgulho, que a gente conseguiu, eu, você, todos os companheiros e companheiras lá, a gente conseguiu desenvolver uma coisa que para mim foi o maior centro cultural da América Latina, assim, eu tenho essa ousadia de falar isso, porque foi isso que aconteceu e isso aconteceu pela potência da arte, não foi nem a nossa, não estou nem querendo puxar uma sardinha para a gente “mega revolucionário” não, e estou falando da potência da arte, de ela ter esse impacto que transcendia a questão política só. A questão política estava permeando, impulsionando tudo, obviamente, mas a questão artística possibilitou o desenvolvimento [...] era altamente colaborativo, eu acho que isso era muito bacana de ver que era possível tentar estruturar uma organização social diferente. Ali era uma zona neutra, uma zona autônoma, ali era realmente o exercício disso, dessa zona autônoma de pensamento e de articulação. A gente conseguiu fazer, por algum tempo, aquilo ali (Ique Larica Gazolla).

2.10 GTs Temporários

Mais adiante, foram criados ainda GTs temporários, para fins específicos. O GT de Criação dava asas aos talentos artísticos e satíricos dos participantes, com paródias de músicas conhecidas e programas web como a TV Povo News; o GT Formação de Sereias reuniu as mulheres ocupantes após denúncias de assédio e se transformou num coletivo feminista que perdura até os dias de hoje; o GT Mar organizou uma manifestação em caiaques e *stand-up paddles* durante a prova de vela das Olimpíadas 2016 na Baía de Guanabara; e o GT de Permacultura, que trouxe plantas e germinados, alterando o ambiente da ocupa na direção da consciência ambiental e sustentabilidade.

O Grupo de Trabalho de Criação era muito fluido e espontâneo. De repente, brotava uma ideia nova, uma música nova, uma personagem, uma gravação. Como a maior parte dos ocupantes era artista, a criação já era algo familiar. O diretor de teatro Marcus Galiña fez uma versão para o clássico Garota de Ipanema:

“Olha que coisa mais linda aquela ativista, tá toda bolada com esse golpista. Tá tudo prontinho pro Temer rodar. Levou o colchão dobrado lá pro Capanema. O Minc ocupado, mas que bela cena. Tá tudo prontinho pro Temer rodar. Ó Portinari tão lindo, guarda o sono coletivo, povo jamais é vencido. Avança, ocupa e resiste. Vaza Michel, não insiste. Ah! Ocupa daqui, ocupa de lá, ocupa geral, ocupa total. Tá tudo prontinho pro Temer rodar.” (Paródia de “Garota de Ipanema” escrita por Marcus Galiña, com alterações cantadas por Luciana Pedroso).

Um das figuras que mais se destacaram artisticamente dentro da Ocupa MinC RJ e que começou, a partir desse momento, a consolidar uma carreira como cantora e compositora foi a pernambucana Doralyce. Seu clipe “Miss Beleza Universal” gravado com mulheres ocupantes do GT Formação de Sereias, meses após a saída do Canecão, e fruto da efervescência cultural do período, já foi visto por mais de meio milhão de pessoas no seu canal oficial do *Youtube*. Durante a Ocupa, Dora criou uma versão para uma música que estava em voga na época e que se tornou uma espécie de hino dos ocupantes, cantada repetidas vezes em todas as ações de manifestação:

Tinha o grito de guerra que a gente mais gritou. [...] uma versão do Baile de Favela, como é que é: “O golpe veio quente, nós já tá fervendo. O golpe veio quente, nós já tá fervendo. Quer desafiar? Não tá entendendo: mexeu com a Cultura, você vai sair perdendo! Capanema é cultura de luta, feminismo é

cultura de luta. O Brasil inteiro é cultura de luta. Fica preparado, que se fecha, nós ocupa!” (Paródia de Baile de Favela escrita por Doralyce e citada por Dânae Dânae).

Eu lembro que tem um que tem a mulherada, que foi um episódio que alguém disse que no Brasil não tem cultura de luta. Aí elas saíram para uma manifestação pelas ruas do Rio, botaram uma letra no Baile de Favela, que baile de favela era cultura de luta, dizendo os exemplos de luta do povo brasileiro contra a opressão. Esse ficou bonito (Pedro Moreira).

Outra ação de destaque organizada pelos artistas de figurino foi um desfile de moda sob os pilotis do Capanema, tendo como modelos as próprias ocupantes. A cada dia, novas criações tomavam lugar dentro do Palácio. A atriz e palhaça Shirley Britto criou uma personagem senhorinha sexy que visitava a ocupação e ia apresentando para a câmera como as coisas funcionavam lá dentro. A atriz e cineasta Bárbara Vida deu vida a uma personagem jornalista palestina que fazia a cobertura das atividades de protesto dos manifestantes. Muitos artistas visuais fizeram desenhos e pinturas que se espalharam pelas paredes, varais, chão. Várias performances agitavam a programação diária da ocupação.

Eu acho que por isso que a gente ocupou tantos espaços, porque tudo a gente tinha muita clareza das *performances*. Todo mundo lá fazia *performance*. Eu me descobri como artista. [...] Aí eu entendi o quê que é uma *performance*. Você não precisa ser artista pra fazer *performance*. E não precisa ser artista pra ser artista. E isso é fruto [...] de ser ocupada pela ocupação (Ma Camargo).

2.11 GT Formação de Sereias

Teve um Grupo de Trabalho que foi determinante para a história da Ocupa MinC RJ, criado por uma necessidade interna do grupo das ocupantes mulheres que viviam lá dentro, o GT Formação de Sereias. Logo no início da ocupação, houve uma situação de descontrole, que se tornou marcante pela solução tomada a partir da união das mulheres.

A menina estava em uma festa, menina nova, bem nova. Acho que ela estava bem doída, não sei o quê ela tinha tomado e ela começou a ficar irritada. Ela subiu ali, a gente estava ali naquele andar da sala Portinari e ela começou a brigar e o namorado dela tentando conter ela, abraçar, ela foi ficando muito agressiva, enfim, ela tirou a roupa, ficou pelada e a gente ficou um tempo olhando aquilo e eu lembro que a solução foi as mulheres fazerem uma roda, uma grande roda. Fecharam ela, isolaram ela [...] um negócio xamânico mesmo, sei lá. Ela ficou no miolo assim de 30 mulheres, bem espremidinhas, para conseguir baixar a onda dela, porque seria muito violento também pegar

três caras e pegar ela pelo braço, botar ela no elevador, entendeu? Isso não combinava com a OcupaMinc, a gente era realmente não violento, então isso era o que a gente acreditava, era um grande valor. E foi isso de fato que aconteceu, a menina foi se acalmado, foi colocando a roupa, aí alguém conhecia ela e chamou os pais. Eu me lembro que foi um cortejo com ela até o elevador, entraram várias pessoas no elevador com ela, desceram e aí os pais a levaram para casa (Dyonne Boy).

Quando eu voltei para onde tem aquele painel, sala Portinari, painelão, recepção, a minha colega estava nua, gritando, cuspidando na cara das pessoas, querendo se jogar nos vidros, ela estava tendo um surto psicótico. Eu tenho pavor dessa garota até hoje. Precisou de oito mulheres para carregá-la para fora. Oito! Para segurar uma menina do seu tamanho. [...] Tivemos que chamar o pai dela. Eu estou toda arrepiada! E todo mundo apavorado “meu deus, meu deus, quem é essa menina? Meu deus, a gente está aqui, em um prédio público e no segundo dia...”. Se fosse no centésimo dia, no trigésimo, no vigésimo, décimo, quinto, a gente ia achar mais tranquilo, mas no segundo dia... A garota chegou lá e todo mundo “quem é o pai dessa menina? O que vai ser se o pai dela for um golpista? O que vai ser da gente? Essa menina aqui...”. Sabe, foi um desespero para todo mundo, ela arrancou os óculos da cara da pessoa, imagina, a pessoa está com os óculos assim, óculos de grau, foi engraçado! A garota com os óculos redondo tipo do Harry Potter, “e você bruxinha do Harry Potter?!”. Tinha um corredor de gente, para proteger ela, para ela não passar para o lado do painel do Portinari. [...] Chamamos o pai dela. Pessoal com medo, sem saber qual era desse pai, aí e fui falando que ela era do Tá na Rua, pegou super mal para mim, foi eu que a levei. Não tinha nada a ver com isso. Ela viu o cara com outra mulher e surtou. O pai estacionou ali e a gente “desovou” ela ali pela portinha dos fundos. “Toma que o filho é teu”. Botou ela no carro e foi embora. Eu subi de volta para o salão. Quando eu cheguei lá, Diana, que coisa mais linda. Estava todo mundo em rodinha, um fazendo massagem no outro e isso é uma das lembranças mais lindas que eu tenho na minha vida, sabe? Um fazendo massagem no outro. Sabe aquela rodinha? “Agora vira, agora quem recebeu vai fazer”. Um fazendo massagem no outro! Falei “gente!” e ninguém parou para me julgar, para falar nada, as pessoas também não me conhecia ali e todos sabiam que fui eu quem levou a menina. Mas eu estava esperando subir e receber julgamentos, perguntas, um “vuco-vuco”, fofoca, o que quer que fosse eu estava esperando quando eu subisse, apavorada que eu estava, e não foi isso que eu vi. O que eu vi foi uma rodinha de massagem e eu fiquei encantada. Isso eu fico encantada para sempre. Então foi muito lindo a OcupaMinc, um sonho, um sonho verdadeiro, um sonho que não se sonha só, um sonho real. Foi muito lindo! Foi muito afetuoso. Foi demais! Todas essas coisas que eu falei, acho que representam bem as minhas memórias (Luciana Pedroso).

Outro fator determinante para a identidade da Ocupa MinC RJ foi a afetividade criada entre e pelos ocupantes. Como o Profeta Gentileza nos ensina: “gentileza gera gentileza”, a ocupação empenhou-se em criar narrativas e ações não-violentas, que pudessem resgatar a solidariedade e o respeito entre as pessoas, como vimos em diversas situações durante o período em que durou, despertando a poesia e o encantamento com a existência.

Poucas semanas depois, já com a ocupação consolidada, uma das mulheres ocupantes sentiu necessidade de compartilhar uma situação com suas colegas:

Teve uma das mulheres [...] nos chamou no grupo particular, no chamado do *WhatsApp*, pra conversar com a gente sobre uma situação que tinha acontecido. Ela tava dormindo dentro da barraca dela e de repente ela acorda com um cara em cima dela. E aí, a gente começa a discutir sobre isso e fala: olha, isso é inaceitável. Isso não pode acontecer de maneira nenhuma. É, a gente não pode se sentir vulnerável e agredida e atacada aqui dentro da Ocupa. Então, a gente vai ter que pedir para esse cara sair. E aí a gente foi até esse cara e falou: cara, não tem como você ficar aqui, o que você fez. Ele negou muitas vezes. E a gente, como feminista, né, e como mulher, a gente acreditou nela. Na palavra dela (Brenda Lua).

A gente teve o caso do Jorge, no início da ocupação, que fez uma parada, assim, de doidão e, tipo, mano, as mina juntaram nele e expulsaram ele no outro dia, sabe? (Charles CH)

Eu conversava muito com ele (Jorge), muito mesmo, porque, assim, ele era um cara sensível, legal, e muito sofrido, né? Eu não sei se você se lembra que eu fazia massagem nas pessoas lá na ocupação. E aí uma vez eu... Isso daí me marcou muito. Eu fui fazer massagem nele – e massagem tem essa coisa energética, e eu fui tocar nele, meu corpo todo tremia. Era tanta... Ele era uma pessoa que tinha muita dor, muita dor, muita tristeza, sabe? E ele tinha várias cicatrizes no corpo. Aquilo ali me marcou muito e logo em seguida aconteceu isso. Foi muito louco, foi muito louco. E aí isso me marcou muito por quê? Porque a gente mexeu, como tudo, né, a gente mexia lá, a gente abriu algumas portinhas que vinham muita tristeza, muito rancor, muita raiva, por causa de discriminação, por causa de violência, das mais diversas. E aí, as mulheres em fúria, estavam as mulheres em fúria, e com razão. Todas com razão. (Ma Camargo).

Desta fala, apreendemos que a vivência em coletivo começa a despertar questões pessoais e psicológicas nos ocupantes. Quando as emoções começam a aflorar, alcançamos um processo que pode se tornar destrutivo, ou então pode vir a ser curativo, como as mulheres direcionaram para que de fato se tornasse:

E a primeira reunião, eu lembro que foi muito importante. Tem um capítulo da minha tese também que é sobre as Sereias. Que na primeira reunião o que a gente fez foi cada uma contar a sua história de violência e foi muito forte, muito, muito, muito forte. E muito triste, né? [...] Porque todo mundo chorou e todo mundo chorou muito, muito, muito, muito. E todo mundo tinha uma história de estupro, de assédio pelo próprio pai, pelo padrasto, pelo irmão. Assim, cada história, assim. E assim, e que ninguém... E muitas de nós, né, não tinha falado nada para ninguém. Tinha guardado aquilo. Então, isso é pura potência, né? E foi por isso que o Formação do Sereias foi tão forte, porque abriu uma portinha aí. E aí veio com tudo, né? Veio toda essa raiva. E, assim,

eu particularmente... O feminismo que eu acredito, não um feminismo que quer que as mulheres sejam superiores aos homens, porque isso daí já a gente já tem o exemplo dos homens. Eu não quero isso. Eu quero outra coisa. Só que como todos os movimentos tem essa fase de afirmação que acaba sendo autoritária, que é complexa. E aí eu lembro que essa expulsão... Como é que você expulsa um homem negro, fudido da vida? E assim, só que o coletivo resolveu aquilo. Então era uma situação muito difícil. Eu tô falando na minha perspectiva, né? Como é que você expulsa um cara que não tem pra onde ir? Um cara que em vez da gente acolher e conversar com ele por que que ele fez isso, né, tentar fazer com que ele aprenda alguma coisa e seja tocado, entender o machismo que ele leva com ele e não reproduzir, a gente simplesmente fala que o problema não é nosso e expulsa o cara? Então aquilo pra mim foi muito complexo na perspectiva que eu acho que deve ser o feminismo (Ma Camargo).

Eu lembro de a gente ter resistência inclusive dentro das mulheres. Porque não adianta que a gente seja em maior número. Nós precisamos demonstrar forças. E só o coletivo ia demonstrar forças ali dentro, pra que a gente pudesse expulsar algumas pessoas, pra que a gente pudesse rechaçar algumas coisas. Pra que a gente não só precisasse ficar expulsando as pessoas. Mas sim falar, olha só, se fizer uma merda aqui, vai ser cobrado muito rápido. Porque a gente tem um coletivo de mulheres aqui. A gente criou um grito de socorro. A gente criou ferramentas pra se auto ajudar naquele momento, que foi dando uma característica de coletivo tão forte, que virou quase que um coletivo paralelo dentro do Ocupa MinC que eram as sereias (Anna Karenina).

A partir de uma mulher que se sentiu ameaçada por assédio sexual, as ocupantes expulsaram um homem da ocupação e organizaram uma reunião onde se abriram umas às outras sobre as violências de que já haviam sido vítimas ao longo de suas vidas. Este encontro foi um momento de grande catarse de emoções e teve um impacto muito forte sobre todas elas. A partir da constatação da necessidade de se unirem para se protegerem, as mulheres criaram o coletivo Formação de Sereias, o grupo de trabalho feminista da ocupação. O nome surgiu por inspiração nos azulejos de Portinari que decoram o grande painel externo do Palácio Capanema.

Grupo de mulheres era só de mulheres. Então, não ia vim aqui homem dar opinião. Se a gente quisesse vetar uma participação porque o cara era um agressor, a gente ia vetar. E aí, isso começa a incomodar quem fica de fora dessa organização, porque para de ter uma interferência direta em cima disso. Então, de fato, como é que você negocia essa vontade absoluta de um grupo, apesar dele ser majoritário dentro de uma planetária que é uma coisa de consenso absoluto. ... a gente acabou se tornando um coletivo que tinha uma atuação autônoma, dentro de uma estrutura autônoma, né, porque uma ocupação é uma estrutura autônoma ... E isso é mágico, porque as sereias conseguiram, é, forçar algo que eu acho que a Ocupa num todo não conseguia. Que era essa autonomia de ação. De tá... quem tá ali, resolve. ... As reuniões ficavam travadas até se ter uma completude. Ali não, né. Nas

sereias a gente tinha uma autonomia do tipo, deu um problema, vai ser resolvido na hora, com quem tá ali. Porque quem tá ali é que representa e acabou (Anna Karenina).

Eu lembro que a ocupação também foi um lugar de revisão de papéis sociais do homem, da mulher, de como o homem tem que estar ali dentro de um coletivo, integrado com as mulheres, reconhecendo absolutamente a liderança, o papel delas, a construção delas ali. A gente teve problemas de assédio lá dentro. Eu lembro que foi uma coisa muito traumática para todo mundo, porque foi uma discussão. Teria que ter, no meu entender, uma deliberação sobre o assunto, mas as mulheres deliberaram e resolveram a questão e decidiram sozinhas, eu lembro que foi até um ponto de conflito nosso porque não existia uma defesa, a prática de machismo, assédio, de jeito nenhum, mas a defesa de uma construção coletiva juntos, inclusive com os homens, entendeu? E lembro que isso foi uma questão traumática (Ique Larica Gazolla).

A gente teve alguns relatos muito fortes que foram divididos e isso criou uma união muito grande na gente, sabe? Porque a gente viu: “Não, pera aí, tem coisas aqui que a gente tá lidando com muitas feridas internas. Não é só minha, é sua, é dela.” E aí a gente começou a perceber “Não, realmente a gente precisa de espaço”, porque num outro espaço essas feridas não são reconhecidas. A gente tem que reconhecer e como lidar com isso? Como lidar com essas coisas que estão acontecendo, feridas antigas que refletem na maneira de posicionar. E coisas que estão acontecendo aqui, que estão nos silenciando e nos machucando. E aí nisso... inclusive com o passar do tempo essas mulheres que foram contra essa segregação, que assim era dito, que a gente tava segregando, não deixando os homens participar, entenderam e a gente se viu num grupo mas homogêneo ali, mais entendendo nosso lugar. E a questão feminista foi muito importante. Tanto é que a gente pensou em fazer a Semana de Formação de Sereias (Leticia Gelabert).

O coletivo de Formação de Sereias para existir teve que brigar pela sua validação. No entanto, a união das mulheres foi se consolidando de tal forma e a necessidade de expressão da questão feminista se tornou tão pungente, que geraram uma semana inteira de programação na Ocupa. A semana recebeu o nome de Arrastão das Sereias.



Figura 8 – imagem de capa da página do Facebook da Ocupa MinC RJ. 25 de julho de 2016.

Dia 25 de julho foi a abertura dessa semana, que foi num domingo. E na segunda de manhã, 6 horas, eu acho; muito cedo, a polícia chegou lá. Quer dizer, a semana já tava toda organizada. Tinha programação de 11 da manhã, até 11 da noite. E aí, a gente fez a abertura com um documentário sobre o feminismo, um debate. Uma roda. E aí, a gente saiu cantando pela rua ali, pela Cinelândia, e pronto, aí, no dia seguinte, já acabou tudo. Todo dia 25 de julho, eu lembro. Nossa, a abertura da semana feminista da Ocupa (Brenda Lua).

Depois da abertura oficial, as Sereias fizeram uma performance-protesto em frente ao Theatro Municipal, na Cinelândia, para o público que saía do espetáculo. Ao final, todos retornaram para o Capanema e no dia seguinte no raiar do sol, a Polícia Federal invadiu a ocupação. A Semana Feminista foi abortada e os manifestantes expulsos do Palácio.

Foi bom, foi sucesso: a escola de micropolítica. Porque a gente tava ali com pessoas muito diferentes, representando partidos diferentes, ideologias diferentes; então, a gente tava tendo que conviver diariamente e trabalhar pra assegurar uma programação cultural pra cidade; uma programação imensa, com milhões de coisas acontecendo diariamente, então a gente tinha que se entender, falar uma língua que a gente é, é, encontrasse apoio, né. Encontrasse pontos em comum pra que a gente pudesse trabalhar juntos. E pra mim [...] o grande prêmio, o grande presente foi o nosso grupo feminista. A formação de sereias, porque até então eu sempre me identificava com a luta contra o machismo, mas até então eu não tinha oficialmente um engajamento em um grupo feminista. Pra que eu pudesse me chamar de feminista. Então, ali foi um marco histórico pra mim e pra várias mulheres que tiveram ali (Brenda Lua).

Como micropolítica entendemos a articulação cotidiana de sujeitos, em suas multiplicidades e diversidades, sem intermediação. A política do cotidiano com suas soluções diárias no agir, no interagir, no pensar e na construção coletiva de uma realidade. Podemos dizer que a Ocupa MinC RJ foi muito bem sucedida como uma grande escola que permitiu a experimentação de novas formas de convivência.



Figura 9 – Imagem de capa da página do *Facebook* da Ocupa MinC RJ. 26 de julho de 2016.

2.12 Atos de rua

Importante frisar que além das inúmeras atividades dentro do Palácio Capanema, a Ocupa MinC RJ também realizou diversos atos na rua, participou de muitas passeatas e atividades, principalmente no centro do Rio de Janeiro.

E conheci megafone também nessa época. Me apaixonei. Eu lembro assim, que eu fui prum ato assim. Um amigo falou: segura aqui rapidinho. Aí, eu olhei assim pro megafone e: aham! Não que eu não tenha pego emprestado, dado uns gritos várias vezes, mas é que ele deixou o megafone comigo algumas horas. Menina, eu me apaixonei por aquilo. E tinha me separado há um tempo e tal. Tava carente e era dia dos namorados, alguma coisa assim. Eu falei cara, tinha um dinheiro guardado, quer saber, eu vou comprar um megafone. Porque depois que o cara levou o megafone embora, a pessoa ficou apegada ao instrumento. E aí, era maneiríssimo, porque eu levava o megafone pra rua, de coletivo em coletivo também que não tinha megafone pra falar, pra conseguir dar voz pra pessoa, fora a gente também poder dar nossos gritos de guerra. E sair... daí, tinham as nossas canções. Têm várias canções que cansei de gritar aí pelas ruas. Grito de guerra, né. Sei lá, acho isso muito legal ... E foram vários assim. E eu acho que o mais legal foi do escracho no Calero (Dânae Dânae).

2.13 Escrachos

Um dos dispositivos simbólicos mais importantes utilizados pelos ocupantes da Ocupa MinC RJ foram os escrachos. Este expediente foi anteriormente utilizado pelas *Madres de Plaza de Mayo* para denúncias públicas em frente às casas dos culpados pelo desaparecimento de seus filhos (TRAVERSO, 2012). Há relatos de utilização de dispositivo semelhante após a

segunda guerra-mundial contra colaboracionistas nazistas, em ações que ficaram conhecidas na França como *épuration sauvage*. No Brasil de 2016, manifestantes utilizaram a tática dos escrachos contra os “golpistas”: cada ministro do governo interino que fazia uma aparição pública era recepcionado por vaias, músicas sarcásticas, palavras de ordem e por câmeras que transmitiam a ação ao vivo para as redes sociais.

Já no dia 18 de maio, dois dias após a ocupação do Capanema, Marcelo Calero havia sido anunciado como o novo Secretário de Cultura. Porém após a intensa pressão, a pasta volta a ter status de ministério. O MinC é recriado no Diário Oficial da União de 23 de maio e Calero toma posse como Ministro.

Ele resolveu ir na Biblioteca Nacional. Ele teve o ato provocador de ir bem ao lado da onde a gente tá ocupado, o Capanema é ali pertinho da Biblioteca Nacional. E aí não teve como, né? O pessoal se mobilizou e a gente foi pra cima do Calero (Bruno Falci).

Foi na Biblioteca Nacional. A galera fez uma tocaia. Sabia que ele estaria lá e a galera fez uma tocaia para barrar o Calero que era o Ministro [...] e ele não saiu do lugar, porque ele ficou sabendo que estava a galera da OcupaMinc lá embaixo e o cara não desceu da Biblioteca Nacional. [...] e ele arrumou uma [...] saída disfarçada, só que o Pedrinho, nosso companheiro, técnico de som de cinema, de áudio e tal e ele é pequenininho, super ágil e ele estava ligado e ele viu o Calero saindo e saiu correndo assim, o Calero viu e ele começou a gritar “Ah lá, o Calero lá”, e a galera foi correndo com as faixas atrás “golpista!” e eu lembro que ele tinha uma coisa muito de deboche e ele ficava “ah, sou golpista!”, ele ficava remendando, era quinta série total. A galera xingando, “seu oportunista! Fora Calero!” (Ique Larica Gazolla).

No dia em que Calero esteve na Biblioteca Nacional, na Cinelândia, vários ocupantes subiram para o grande salão interno da Biblioteca e passaram a tarde toda lá, esperando o Ministro descer. Porém, o Ministro não aparecia. Os manifestantes desceram para a rua e rodearam o prédio, que estava em obras, coberto com tapumes por vários lados. Perceberam onde era a saída de lixo e serviço, e mantiveram alguns dos seus circulando por aquela região até que de fato cruzaram com o ministro saindo por aquela via em direção ao seu carro. Gritaram, correram todos para perto, escrachando o ministro. Calero alcançou a porta do carro pelo lado da rua e voltou-se para o público ocupante em tom de deboche. Deu dois tapinhas no teto do carro, ainda de pé, rindo dos artistas. O motorista entendeu o som como uma mensagem para partir e acelerou com o carro. Calero ficou pra trás, cercado de manifestantes animados. Não tardou para o motorista perceber o erro e dar marcha a ré, quando então o Ministro pode entrar no carro de vidros cerrados com *insulfim* escuro e partir.

O segundo escracho foi na Academia Brasileira de Letras. Quando Calero se encaminhou ao pátio externo com demais convidados do evento, os ocupantes começaram a denunciar em altos brados que se tratava de um ministro golpista. A comitiva recuou e se protegeu na parte interna da Academia. Os manifestantes cercaram então a saída de carros e aguardaram a saída do Ministro. No centro do Rio, na hora do almoço, o trânsito é grande. O carro com o ministro saiu da garagem e foi recepcionado por tinta vermelha no vidro, ocupantes subindo no capô do veículo e dezenas de pessoas em estado de protesto. O motorista só conseguia andar de primeira e segunda marchas, fazendo do trajeto – entre a esquina da rua Santa Luiza e a reta da Rua Presidente Wilson – a passarela de um carro alegórico golpista sendo carnavalescamente escrachado.

[...] nessa, pulou no capô do carro, enganchou os dedos assim no para-brisa e começou a xingar o Calero e o Calero lá dentro mandando língua. Gente, foi engraçado demais! [...] Era muito quinta série, porque o cara dava língua, o cara era um ministro, o cara que era para representar a cultura junto com o Temer (Ique Larica Gazolla).

Aí já foi um protesto, vamos dizer assim, mais incendiado. As pessoas tacaram coisa nele. Pulamos em cima do carro dele. Pintamos o carro dele. Tem uns vídeos bem legais que foram feitos. Teve um segurança que chegou a botar a mão na arma dele, quase tirou a arma para apontar pra nós. Mas, enfim, jogaram a câmera em cima dele, aí ele ficou todo inibido, quase saiu correndo. [...] Cercamos a Academia dos dois lados. Enfim, onde o Calero ia no Rio de Janeiro, a gente ia atrás (Bruno Falci).

Francisco Bosco, ex-presidente da FUNARTE afastado após o golpe, em artigo na Folha de São Paulo, expõe os motivos pelos quais os ocupantes não reconheciam nem dialogavam com o ministro golpista.

Se estivesse vivo e observando a conjuntura brasileira, Kafka escreveria a seguinte sucinta parábola: um homem invade a sua casa de madrugada, rouba seus pertences, em seguida o acorda e o convida a dialogar para ajudá-lo a decidir o que fazer com eles. Pois bem, para todos da cultura que consideram o governo Temer fruto de um golpe, o homem da história é o seu ministro da Cultura Marcelo Calero.

Não reconhecer sua legitimidade significa recusar a armadilha do paradigma proposto: dialogar ou não dialogar. Ora, ninguém precisa ser leitor da dialética do senhor e do escravo para perceber que dialogar já implica reconhecimento. E reconhecer esse ministro da Cultura implica necessariamente reconhecer o presidente Michel Temer (chamado por Calero, aliás, de "grande líder"). Não

há interesse particular mal disfarçado de malabarismo retórico capaz de desconstruir essa lógica.

Dissociar a cultura de um projeto de sociedade brasileira é um retrocesso. Os setores da cultura que se recusam a dialogar com esse MinC o fazem porque estão cientes disso; porque pensam a cultura como cidadania, para muito além de obras de arte, editais e espetáculos.¹⁶

Depois de ter sido alvo de dois escrachos no centro da cidade do Rio de Janeiro pela Ocupa MinC RJ, Calero passou ainda por um terceiro, realizado pela UJS (União da Juventude Socialista) na concha acústica do Museu Imperial em Petrópolis, serra fluminense, durante um festival de cinema.

Houve também um escracho contra o então Ministro do Trabalho executado pelos ocupantes do MinC no prédio do Ministério do Trabalho na Rua Primeiro de Março, vizinho ao Capanema.

Tivemos, ainda, uma tentativa fracassada de chegar ao golpista maior, o presidente interino Michel Temer. A imprensa anunciou sua presença em visita ao Parque Olímpico, o novo complexo esportivo na Barra da Tijuca que seria inaugurado para as Olimpíadas Rio 2016.

Eu lembro que um dos escrachos que a gente fez foi no Temer. A gente foi na Vila Olímpica. A gente levou um ônibus. A gente conseguiu um ônibus do SinPro. Do SinPro não, do Sindicato dos Petroleiros. Eles nos deram um ônibus para a gente ir atrás do Temer lá na Vila Olímpica. Aí a gente conseguiu lotar um ônibus – isso que era interessante do Ocupa MinC, ao mesmo tempo que mantinha a ocupação, as atividades, tudo mais, a gente conseguia levar a gente para fora da ocupação para fazer atos políticos. E não eram poucas pessoas, a gente conseguia levar..., por exemplo, nessa vez, a gente conseguiu levar umas 30, 40 pessoas lá no Recreio dos Bandeirantes, tu imagina, foi longe à beça, pra tentar escrachar o Temer. Enfim. A gente fez uma bagunça lá. Não conseguimos chegar até o Temer, mas mobilizamos Exército, Força Nacional de Segurança. Nosso ônibus foi escoltado até o centro da cidade por quatro carros de polícia. Eles viam a gente... Eles tinham um certo desespero em relação a nós. Desproporcional a reação, inclusive. As forças do exército, um cachorro, com helicópteros, enfim, a gente com um ô nibuzinho, bambolê, enfim, música (Bruno Falci).

Sempre que aconteciam ações fora da ocupação, havia a preocupação de nunca deixarem o Capanema desguarnecido, invariavelmente um grupo permanecia de retaguarda.

¹⁶ BOSCO, Francisco. In: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/06/1780296-francisco-bosco-escreve-sobre-a-cultura-dividida-e-o-vaivem-do-minc.shtml?mobile>

Tinha um debate muito grande entre fazer essas ações fora do Capanema por conta da insegurança de deixar o Capanema sozinho. Então a gente nunca saiu 100% da ocupação (Guilherme Imbassy).

Dentro da Ocupa, o ritmo continuava intenso, a cada dia surgiam novas atividades.

Eu lembro de professores universitários que começaram a marcar aulas na OcupaMinc, lembro da Adriana Schneider dando aula dela, que seria na UFRJ, na OcupaMinc, pessoas fazendo peças, circulando peças na OcupaMinc e aí era isso. E eu falava assim, uma amiga queria me ver, com a filha pequena, “poxa, aparece na ocupação o dia inteiro, vou ficar aqui de noite”, então era meio que a minha casa mesmo, era onde eu recebia as pessoas e todo mundo fazia isso, então tinha um fluxo de gente muito grande e essa coisa dos eventos era realmente maravilhosa, porque a gente estava em permanente estado de festa e mobilização e shows incríveis. E as festas também naquela situação dos turnos, que aí sim eu participava dessa limpeza da manhã, das festas e foi chegando os camelôs, aquela relação com os camelôs, então era aquela a sensação de ser um organismo vivo infinito e muito organizado analogicamente, era tudo no papel, na fala, no bloco e eu lembro de usarmos muito pouco coisas on-line, não tinha um drive da OcupaMinc, era a gente ali sentado (Dyonne Boy).

2.14 Ambulantes

Aos poucos, novos personagens estratégicos começaram a se agregar à paisagem dos pilotis projetados por Lúcio Costa. Eram os ambulantes que vendiam cerveja e outras bebidas.

Como a gente fazia muito sucesso toda noite, os ambulantes começaram a chegar. O Rio de Janeiro tem uma característica, que eu não sei se tem em outros lugares do Brasil, mas o Rio de Janeiro tem uma característica de muitos ambulantes, daquelas carrocinhas de bicicleta, que vendem cerveja nas festas, nas ruas, nos atos políticos e nas festas de rua do Rio de Janeiro (Isabel Gomide).

Eles foram se achegando, passaram a montar seu comércio todos os dias e a fazer amizade com os ocupantes.

As pessoas que somam eram as pessoas que chegavam cedo, se organizavam, colocavam as barraquinhas no entorno dos pilotis para não atrapalhar o público, porque era lotação esgotada toda noite, as pessoas não conseguiam nem andar ali nos pilotis do Capanema. Então, o ambulante, na verdade, nos ajudava vendendo a bebida para as pessoas se manterem ali, por outro lado, a gente não tinha banheiro, então as pessoas faziam xixi em qualquer lugar, a gente tinha essas questões de organização de infraestrutura que era mais

delicada, então a gente tinha essas falas todas “olha, por favor, não façam xixi por aqui” e aí começamos a conversar com as ambulantes de ao invés de venderem garrafas *long neck*, venderem latas, porque aquilo poderia ser reciclado e aí foi muito legal, porque foi o que aconteceu (Isabel Gomide).

O que ia ser da nossa ocupação se não fossem aquelas barraquinhas? Contribuíram muito na base e se organizavam entre si para darem dinheiro para a gente. Eles se cotizavam, tipo 2 reais de cada barraca, 5 reais de cada barraca. Davam coisas para a gente, davam água para a gente, davam comida para a gente e até hoje são nossos amigos e amigas e são Sereias. Nós temos nos camelôs as Sereias, as Sereias camelôs dentro do nosso núcleo de Sereias (Luciana Pedroso).

[...] eu não tenho um dinheiro pra comprar a porra de uma cerveja. E às vezes quem dava uma cerveja pra nós era os camelô, que a gente adiantava, pá, de segurar o espaço, tomava conta, quem fortalecia era os camelô. Dava... Via a gente lá. Sabia que a gente era do corre, porque os camelô reconhecia a gente. Falava: “não, vocês são bons. Vocês são do corre. Vocês não são essa galera aí, não”. E, mano, até pra galera afastada que era camelô, porque os camelô quando fecharam mesmo, eles começaram a dormir lá. Família. Mãe com criança pequena. Dormir embaixo da barraca, tá ligado? (Charles CH)

E quando a gente saiu dali da ocupação e foi para o Canecão, segunda fase da ocupação, a gente levou 10 ambulantes parceiras nossas que estavam conosco na OcupaMinc, que foram as pessoas mais importantes e a gente só levou mulheres, a gente achava que eram as pessoas mais importantes que precisavam estar ali fortalecendo suas famílias, mulheres. Então foi muito importante porque [...] durante as Olimpíadas que estava iniciando na cidade, tiveram muita repressão para os ambulantes porque os ambulantes não são legalizados, então eles se sentiam, de alguma forma, protegidos na ocupação (Isabel Gomide).

A Ocupa MinC RJ foi uma escola de organização política para as ambulantes que conviveram com a ocupação. A partir daquela vivência em comum, essas mulheres passaram a se auto-organizar e criaram um espaço próprio de trabalho, com festas e eventos culturais: a Garagem das Ambulantes.

A dona Geralda, a Alice, a Bel e a Aline, que é filha da Bel, abriram a garagem das ambulantes [...] a Alice e a Bel me falam muito que vem do entendimento que elas foram aprendendo com a gente na Ocupa MinC, entende. Da importância de votar, da forma de votar, da potência da luta, né. Elas se auto-organizaram e eu acompanhei o surgimento da garagem por que foi assim: a Bel tinha a garagem lá dela pra guardar os carrinhos e ela também morava lá. Não sei se ela mora ainda. Aí morava ela com os filhos. O Samuel morou lá, que foi meu vizinho de barraca no Canecão durante um tempo. E aí, eu lembro que, o Crivella proibiu o evento de rua. E aí elas falaram: pô, cara, fodeu, a gente não vai poder trabalhar. Os eventos de rua não estão acontecendo. E aí elas começaram a fazer os próprios eventos de

rua. Então, vamos produzir a gente. Lá no Ocupa MinC eles não faziam isso? E aí elas começaram a produzir os eventos delas [...] Desocupavam os carrinhos e faziam festas lá dentro. E elas se tornaram produtoras culturais pra poder garantir o sustento delas. De maneira horizontal e autônoma (Anna Karenina).

Após tantas ações realizadas pelas Ocupas MinC, conforme o tempo passava, as ocupações, uma a uma, foram se desmobilizando. Rio, São Paulo e Brasília ainda resistiram por mais tempo, não obstante as diversas pressões que sofriam nos níveis jurídico, governamental e policial.

A gente teve dentro do palácio presidencial no último discurso da Dilma Rousseff. Nós do Ocupa MinC estávamos lá dentro. A gente era um dos últimos grupos de resistência sobrando lá em Brasília. E ao mesmo tempo a gente manteve. A gente mandou 40 pessoas pra Brasília, a gente mantendo a ocupação com atividades no Rio de Janeiro, sobre risco de... Aí o que que aconteceu? Lá em Brasília, o Capilé me chega com a notícia que chegou a reintegração de posse. A gente em Brasília com 40 militantes nossos. E aí a gente queria ficar em Brasília para tentar alguma coisa e a gente acabou decidindo voltar. A gente fez uma plenária ali no chão mesmo e a gente acabou decidindo voltar para proteger a ocupação e decidir o quê que a gente ia fazer com o resto dos companheiros. E esse ônibus foi também do Sindipetro. O Sindipetro que deu esse ônibus pra nós. Então a gente tinha essa relação assim muito forte com os sindicatos, com o movimento que tava ao redor. A gente na verdade mais tentando fazer com que eles se tornassem mais audazes, menos burocratas, e fizessem coisas mais audazes. Então a gente chegava nas reuniões falando “Nós tamos ocupado, o SUS tá ocupado e vocês? Vocês vão fazer o quê?” Entendeu? A gente cobrando (Bruno Falci).

2.15 Desocupação

No raiar do dia 25 de julho de 2016, passados mais de 70 dias da entrada no Capanema, agentes da Polícia Federal invadiram a ocupação, armados e com máscaras de gás, aos gritos de “perdeu, perdeu” (PARDO, 2018, pg. 702) a fim de executar a reintegração de posse.

A gente estava vendo uma movimentação esquisita, que tinha um monte de segurança novo e não eram os seguranças, eram policiais federais que já estavam lá no prédio. Mas a gente achou esquisito, tinha um monte de segurança novo, tipo, um monte! Mais de cinco, se não fossem mais de cinco. Não estou lembrando agora, faz muito tempo, E eu falei: Ah, mas eu vou dormir. E aí falei: Bernardo, você toma conta aí? E ele “tomo”, não tomou! Nenhum outro tomava conta de manhã, só eu e o Paulo, que hoje é Nunyara, era eu e a Nunyara e eventualmente a Dilminha, aquele senhor também, o... aquele senhor pretinho da rua ... O Abel. Mas o Abel costumava dormir, na

verdade. Ele dormia cedo, acordava cedo para fazer café, uma coisa assim. Era mais a Dilminha que ficava acordada. Mas as vezes ele acordava cedo, tipo, 6 horas ele já estava de pé, por isso que eu lembrei dele. Então eu falei assim: Bernardo, eu estou muito cansada por conta do espetáculo e não sei o quê, eu vou dormir, mas fica aí, não deixa de ficar não. Ele não ficou, foi dormir. Justamente nesse dia a porta ficou à vontade para eles, tudo ficou à vontade para eles, o que talvez tenha sido melhor. Vai que de repente eu teria sofrido uma violência? (Luciana Pedroso)

O Slash tava na hora. Era ele que tava na entrada. Era o horário dele no ponto 1. Aí ele viu uma multidão de policiais mascarados, o Slash. 6 horas da manhã. Isso eu tinha ido dormir às 4. Aí às 6 horas da manhã, 7 da manhã o Slash sobe correndo. Ele fecha a porta lá embaixo e ele sobe correndo gritando “A casa caiu. A polícia chegou. Ferrou geral. Acorda todo mundo”. Aí nisso eu fui um dos primeiros a acordar, porque a gente da segurança, a gente ficava num cantinho em que tava todos os militantes da segurança eles ficavam ali (Bruno Falci).

De imediato, os ocupantes começaram a espalhar para fora a informação da tomada da Ocupa pela Polícia Federal.

A primeira coisa que eu fiz foi ligar pro Sindipetro. Eu peguei meu telefone, eu liguei para o Sindipetro, falei “A polícia chegou. Desocupação. Avisa todo mundo”. Aí o Sindipetro provavelmente começou a avisar as pessoas. Eu não sei. Provavelmente outras pessoas na ocupação também tavam avisando, enfim, outras pessoas. O Mídia Ninja entrou ao vivo, logo de cara. A polícia subiu, o Mídia Ninja estava ao vivo. Isso deve ter criado também um público na internet acompanhando, que veio. Mas a primeira a primeira pessoa pública a chegar, assim, a gente tava... Era ainda de noite, quando não tinha sol, não tinha amanhecido quando a polícia entrou. Aí tinha um helicóptero, eles também vieram com um helicóptero da polícia que ficava jogando luz no mezanino. Ele passava jogando uma luz muito forte no mezanino pra ainda dar mais sensação de invasão, assim, da polícia, sabe? Só que a nossa turma foi muito tranquila, vou te falar. Tipo é como se a gente já tivesse preparado que esse momento fosse acontecer. Então a gente não se... Ninguém ficou desesperado, com medo, ou entrou em pânico. E, pelo contrário, a gente foi bastante audaz. Começamos a gritar, cantar musiquinhas na cara deles. Eles primeiro viraram para gente, eles falaram que a gente tinha 30 minutos para tirar tudo dali. Aí a gente a gente nem ligou pra isso. A gente ignorou totalmente. Começou a cantar musiquinhas e fazer provocações. ... Depois de meia hora, assim, num empurra-empurra, num certo enfretamento com eles, a Jandira chega. A Jandira chega gritando não sei o quê. Dá pra ouvir a voz dela do mezanino, gritando lá de fora, querendo falar com o Coronel responsável da operação. E aí que a gente ganha mais tempo. Aí que a coisa acalma. Até então, eu acho que a gente tinha boa possibilidade de sair todo mundo preso dali. Porque a gente tava tipo não baixando a bola... Eles chutavam as coisas, enfim. Eles chutaram minha barraca. Quase quebraram minha barraca. Um deles com o fuzil ficava balançando a barraca, sabe, com arma de fogo dele. Ficava balançando a barraca com a arma de fogo, enfim. Coisa de polícia do Rio de Janeiro. E era Polícia Federal. Era Polícia Federal. Era Polícia Federal. E aí, o que mais? Aí nisso a gente conseguiu negociar 2 horas. E foi assim. A gente não saía

da ocupação. Até que eles começaram a construir um muro em volta da ocupação. E aí o Coronel virou para a gente e falou “Olha. Vocês têm até terminar esse muro aí. Quem for pego dentro, seguro para ser preso” (Bruno).

Os ocupantes se aglomeraram do lado de fora do prédio e por ali acamparam por mais dois dias até definirem qual seria o seu próximo passo. Todas as passagens para entrada no prédio foram cobertas por tapumes que impediam qualquer movimentação coletiva em direção ao edifício.

Eu lembro quando fomos expulsos do Capanema, que a gente teve aquela Planetária ali na rua, tem umas fotos disso e tal, para decidir para onde a gente ia, a gente não sabia que seria naquele dia. Eu lembro que a nossa mudança era uma montanha de coisas, uma coisa inacreditável e a gente ali com aquela montanha de coisas dormindo na rua, eu lembro que dormi de conchinha com a Doralyce e com o Capilé, pelo frio, muito frio na rua, dormimos na calçada, todo mundo dormiu na calçada. A gente tinha que ser muito objetivo e me escalaram para fazer essa mesa dessa Planetária da mudança. E isso foi um treino para mim, meio haikai, um treino de haikai, de conseguir extrair síntese, síntese, síntese, de ouvir as pessoas, todo mundo falava. A gente foi criando regras de fala “pode se inscrever de novo, não pode, falas de 3 minutos e tal” e no final, quando esgotava, e aí essas Planetárias não tinham tempo determinado, poderiam durar 6 horas, 3 horas, madrugada, e eu fiquei muito nessa função ali e foi me estimulando muito porque para mim foi uma formação mesmo, mas sem essa consciência de formação (Dyonne Boy).

Eu acho que foi três ou dois dias. Durante esses três dias rolou uma reunião que não terminava nunca. Uma reunião pra decidir o quê que a gente ia fazer depois dali. Se a gente ia pra casa, se a gente ia desistir, ou se a gente ia manter a luta. Vamos dizer assim, depois de 20 horas de reunião, a gente conseguiu tirar que a gente ia pro Canecão. Isso por consenso. Porque no início tinham 4 posições diferentes. Tinha gente que queria ir para um teatro, não sei o que, tinha gente que queria ir embora, tinha gente que queria reocupar o Capanema e tinha esse pessoal que queria ir para o Canecão. Através de muito debate, muito debate, muito debate, a gente conseguiu ir criando consensos. Isso foi uma experiência muito legal porque eu vim do movimento estudantil e é muito difícil você ter a experiência do consenso no movimento estudantil. A discussão por consenso, por mais cansativa que seja, desgastante que seja, eu acho que foi uma das experiências que mais me enriqueceu (Bruno Falci).

Eu me lembro de, por exemplo, quando a gente foi escolher o lugar para onde a gente iria depois do Capanema, tinha esse critério de ser um espaço federal, a gente sabia que não podia ser um espaço estadual por causa da polícia militar (Dyonne Boy).

Após negociação com reitoria e professores da UFRJ, ficou acertado que a Ocupa iria continuar seus trabalhos no espaço que sediou a antiga e mais importante casa de shows de música brasileira localizada em área nobre no coração da zona sul da cidade do Rio de Janeiro: o Canecão.

Encerrado o ciclo do Capanema, mantemos viva a memória de tudo que aconteceu. Através da memória política podemos fazer a ligação entre o passado vivido e os tempos que estão por vir, refinar o entendimento sobre o que aconteceu e construir novas estratégias de futuro. A ação política dos 72 dias de Capanema torna-se então um grande aprendizado, que capturado pela linguagem escrita permanece à disposição desta e de futuras gerações para reflexão e inspiração.

3 “AHA UHU! O CANECÃO É NOSSO!”

3.1 A Ocupa Canecão

Com a convocatória abaixo, uma semana e meia depois da expulsão do Capanema, o movimento inaugurava sua nova ocupação em outro lugar emblemático da cidade: a casa de shows Canecão, desativada havia 6 anos.

OCUPAMINC ABRE CANECÃO

A OcupaMinC RJ não vai esperar a abertura oficial das Olimpíadas. Na véspera, vamos fazer a nossa cerimônia-festa-ato de reexistência olímpica. Nossa estreia histórica no Canecão afirma este espaço mitológico como pólo de promoção e fruição da diversidade cultural democrática na cidade do Rio de Janeiro.

Para celebrar este momento, dando continuidade às ações de resistência iniciadas pela OcupaMinC RJ no Palácio Capanema, convidamos a todos para festejar conosco a "OCUPAMINC ABRE CANECÃO" na noite do dia 04 de agosto.

Sob a direção de Bia Lessa e com a participação de trabalhadores da cultura, músicos, escritores, poetas, atores, gente de teatro e cinema, grupos de dança, movimentos sociais, cidadãos de todos os matizes, do centro e das periferias, faremos um grande ato político e artístico #FORATEMER. Somos diversos, fortes e alegres.

“Adotamos novos costumes, aspiramos a uma nova ética, procuramos uma nova estética”. Esta frase de Le Corbusier nos move nesse novo ciclo. A OcupaMinC RJ é um coletivo de artistas, fazedores de cultura, professores, cientistas, ambulantes, indígenas, afro-descendentes, agroecológicos, terapeutas holísticos e ativistas em geral.

A luta continua. O ritual de abertura dará início a uma maratona de atividades de resistência e esperança, debates, shows, filmes, rodas de conversa, trocas de experiência e celebração da democracia. Assim realizaremos nossos Jogos Democráticos, nossas Olimpíadas da Utopia e da Inclusão. Sejam todos bem-vindos. Viva a liberdade de expressão! Viva a democracia!

Pedimos ao público que traga doações de livros, comida e mudas de planta para partilharmos com todos.

OCUPAMINC ABRE CANECÃO

04 de agosto de 2016

de 16h às 24h

Canecão

Av. Venceslau Bráz, 215, Botafogo

Campus da Praia Vermelha, UFRJ
Rio de Janeiro

Leia mais na programação
F / OcupaMinCRJ

Para que fosse possível reabrir o local e receber visitantes, os manifestantes retiraram entulhos e realizaram uma imensa faxina. Remexeram em escombros, fiação, tubulação, isolaram buracos, abriram caminhos, revestiram as paredes, passaram pano, trabalharam vários dias até que o espaço pudesse ser reabitado.

‘Fizemo um filmezinho lá no início do... antes de invadir. E a gente depois invadiu e entrou. E aí, mano, foi a maior trabalhadeira, que lá dentro tava abandonado, tudo sujo. Muito diferente do Ocupa Minc, que a gente tinha o trabalho só de limpar aquela região toda ali quando ficava sujo e de mexer no gramado ali, das plantas, né, para não estragar. Lá, não. A gente tinha que mexer com entulho, tinha que limpar infiltração. Tipo, foi, mano, umas parada muito trash. Lá a gente foi no trash. Passamos, assim, eu acho que uns 5 dias, né, limpando (Charles CH).

Ficamos uns 3 dias, quase uma semana, organizando, porque quando nós chegamos no Canecão era só entulho, entulho para todos os lados, o palco lotado de sujeira, nada funcionava, não tinha água, não tinha banheiro, ou seja, nós tínhamos os escombros do que tinha sido o Canecão e nós decidimos que nós íamos reabrir o Canecão e foi mais um momento histórico que foi a reabertura do Caneca naquele momento. Colocamos as mãos à obra, limpamos, organizamos as barracas e aos poucos nós fomos ampliando a nossa ocupação ali no Canecão e conseguimos reabrir (Mauro Marques).

E quando estava tendo essa faxina lá, tinham escombros lá dentro, a faxina que rolou lá foi muito pesada, quando estávamos lá dentro parecia que estávamos dentro da tumba do Tutancâmon, dentro de uma pirâmide do Egito. Era uma poeirada, uma coisa egípcia a parada, épica. Era épico a faxina do Canecão. A reabilitação daquele espaço, depois de ver todos aqueles escombros de obra, você vê aquilo funcionando, o granito brilhando, o palco... eu limpei o palco, aquela madeira do palco aparecendo, a cor da madeira por baixo da poeira, passei mais de 5 vezes o pano para poder ficar mais ou menos, depois teve que ir limpando mais e aquelas tábuas sagradas da Música Popular Brasileira (Luciana Pedroso).

A Ocupação do Canecão só foi possível porque o grupo era muito determinado. Não mediram esforços para recuperar o local, agregando todos os apoios que conseguiram. O ocupante Mauro Marques, que tinha habilidades de *MacGyver*¹⁷, colocou a mão na massa e

¹⁷ Personagem de seriado norte-americano que possui uma capacidade descomunal de resolver problemas práticos com os materiais acessíveis no momento, improvisando soluções brilhantes em curto espaço de tempo.

foi recuperando as instalações gradativamente.

Então no início nós tínhamos um banheiro só, tínhamos um chuveiro de água fria e tinha um banheiro para todo mundo usar, da ocupação. Eu tenho esse comicho, comecei a fuçar nas coisas lá e descobri o que estava acontecendo. Tinha o banheiro que servia o público do Canecão, e descobri o que estava faltando ali, fiz chegar água na caixa d'água, consertei as coisas onde tinha vazamento e a gente conseguiu abrir os 2 banheiros que era uma das coisas fundamentais para a gente receber o público, não dava para receber público sem ter banheiro para as pessoas utilizarem se não o pessoal ia fazer xixi onde? Lá no Capanema muita gente fazia na rua, a gente conseguiu também um banheiro químico, mas nem sempre dava conta. Então nós abrimos o banheiro, depois eu consegui colocar um chuveiro quente lá no banheiro masculino, depois eu consegui colocar um chuveiro quente no banheiro feminino, depois eu abri mais um banheiro lá atrás. Eu fui instalando. Eu fui colocando os canos d'água. A gente conseguiu abrir a cozinha e quando a gente conseguiu abrir a cozinha a situação já estava muito grave, o golpe já estava se consolidando, aí nós tivemos o julgamento no Senado que também foi vergonhoso (Mauro Marques).

Para o espetáculo de abertura, a força tarefa incluiu a decoração do espaço: foram colados jornais por todas as paredes, que em seguida recebiam frases, desenhos e grafites. O palco foi adornado com dezenas de pipas coloridas que trouxeram um tom de leveza e encantamento. Com um andaime, instalaram faixas amarelas nas varetas do teto, criando textura e volume. Os ocupantes colocaram para funcionar equipamentos de luz e som e trouxeram o histórico Canecão de volta à vida.

A gente reaviveu um espaço abandonado da cidade. Isso é muito importante. A gente reaviveu um lugar burocrático como um lugar de festa. Isso é muito importante (Anna Karenina).

A abertura para o público aconteceu em um grande espetáculo que contou com direção artística de Bia Lessa e a presença de importantes nomes da cultura brasileira. Um dos mais queridos artistas de todos os tempos, Chico Buarque cantou a música “Apesar de você” rodeado pelos ocupantes no palco. Em seguida, deu o chute inaugural da abertura dos “jogos democráticos” lançando a bola para uma plateia emocionada.

No dia seguinte, os Jogos Olímpicos Rio 2016 fariam sua abertura oficial com a cidade cheia de turistas nacionais e internacionais. Não tardou para que o Canecão se tornasse um novo grande centro cultural do Rio de Janeiro, assim como havia sido o Capanema. A cada

noite, os shows traziam centenas a milhares de pessoas para a ocupação, além de novas responsabilidades e desafios.

E somado a isso, à questão política, teve também o fato de que nós recebíamos milhares de pessoas naquele lugar. Nós recebemos um evento que bombava, que era a Roda Cultural de Botafogo e esse dia deu muito problema, podia ter dado problemas muito mais sérios. Teve um menino, filho de juiz, sei lá o que ele era, garoto rico, que foi pular o muro lá e enfiou a estaca da grade, sabe essas grades que tem uma estaca em cima? Enfiou na coxa dele, parecia que o garoto tinha tomado um tiro, assim, furou a carne dele. Aí foi a Marcela sereia, junto com a filha dela Sol, levaram o garoto para o atendimento médico sem a família dele saber, o garoto era menor de idade, foi pular o muro e furou a coxa. Não tinha condições estruturais para receber aquelas pessoas e a lotação do Canecão sempre foi de 2 mil pessoas e nesse dia tinham 6 mil pessoas da Roda Cultural de Botafogo, até me arrepia. E um monte de gente ficou presa do lado de fora, o pessoal ficou nervoso, o público, porque o público do hip-hop vem da quebrada, vem da Baixada, vem de não sei onde e não puderam entrar. “Eu vim lá de longe e não posso entrar? Um evento que era em espaço aberto, aí vocês fizeram em espaço fechado. Erro da produção do evento”. E nós “que legal, roda de Botafogo, vem que tem!”, mas não contamos com isso, as pessoas ficavam do lado de fora empurrando o portão para entrar [...] Você imagina a situação (Luciana Pedroso).

Durante as Olimpíadas, os ocupantes criaram novas formas de manifestação para dizer ao mundo que o Brasil estava sofrendo um golpe de estado. Foi o caso da ação de um GT criado especialmente para este fim, O GT Mar que organizou um protesto durante a prova de vela na Baía de Guanabara. Os ocupantes alugaram caiaques e *stand-up paddles* na Praia Vermelha e levaram consigo uma enorme faixa escrita *Stop the coup in Brazil*. Remaram o quanto puderam na direção dos barcos que passavam distantes pelo meio da baía, enfrentando o vento que não permitia a abertura completa da faixa. Quando cruzaram o fim do morro do Pão de Açúcar foram todos levados pela correnteza para a praia exclusiva do Exército, que servia na ocasião como espaço de treinamento de atletas olímpicos. Como a passagem pelo local era proibida, os ocupantes foram escoltados por soldados enquanto carregavam seu caiaques e pranchas para fora da praia restrita. A ação não chegou ao resultado esperado mas foi muito divertida para quem participou dela.

Já na prova da Maratona que percorreu ruas do centro do Rio e do Aterro do Flamengo, diversos grupos insatisfeitos com o golpe entraram em ação. Cada setor da corrida foi coberto por uma organização diferente que ostentava faixas e cartazes e lançava seus gritos de revolta pelos ares.

Os Jogos Olímpicos incrementaram as possibilidades de disseminar as reivindicações políticas de resistência para além dos limites do país, aproveitando a presença de atletas, jornalistas e turistas.



Figura 10 – Mapa de manifestações durante a prova de Maratona dos Jogos Olímpicos Rio 2016

Durante mais de um mês, a Ocupa Canecão permaneceu atuante iluminando a cena cultural e política carioca e revivendo os áureos tempos da casa de shows mais famosa da zona sul. Os ocupantes continuavam se dedicando ao movimento, como nos conta Anna Karenina, em uma noite que passava mal em sua casa mas não deixou de contribuir com a ocupa:

Eu lembro de um dia que eu tava passando mal. Eu tive uma febre de madrugada. A gente tava tendo algum evento lá no Canecão, a internet de lá tava ruim. E o pessoal me passava as fotos pra eu ficar subindo de madrugada, tremendo assim, com febre em casa, trabalhando pra ocupação. E aí eu lembro que na época, meu namorado falou, cara, por que você tá fazendo isso? Não, porque alguém tem que fazer. Eu excedi alguns limites lá também. E isso é

interessante porque... Muita gente deve ter excedido, na verdade. Eu acho que, viver uma experiência política dessa, tão presencial, tão intensa, por tanto tempo. Uma ocupação de três meses, que não era uma ocupação de moradia só. Era uma ocupação de evento. Evento todo dia, durante três meses. Noventa e tantos dias de acontecimentos ininterruptos e enormes. Não tinha um dia que tinha pouquinha coisa assim. Que não tinha nada. Tinha dia que tinha menos coisas, mas não tinha um dia que não tinha nada, né. Então, eu acho que eu fui uma pessoa que viveu intensamente aquele espaço ali. Dentro do que eu achava que podia somar também (Anna Karenina).

Para muitos ocupantes, a fase da Ocupa Canecão foi um desdobramento da fase Capanema, um segundo momento com diferentes características, embora juntas componham o que ficou conhecido como Ocupa MinC RJ.

Acho que no Canecão a gente teve uma manobra e a gente foi parar lá por questões políticas outras, que a gente sabia, mas também queria continuar. Mas que não era ocupação. Era uma outra história. Era uma outra pegada. Tanto que a gente virou muito mais produtor do que ativista político. A questão da produção ficou muito maior do que... Como é que é... Tudo era a produção na verdade, né? (Ma Camargo)

Nós fomos convidados a ir para lá. Uma vez desocupados, desabrigados, ganhamos um abrigo, para que o nosso movimento continuasse e para mim, essa é a principal diferença. E quando nós chegamos lá no Canecão, nós já chegamos com uma identidade, com uma história, já nos conhecíamos uns aos outros enquanto seres humanos e enquanto agentes políticos, agentes de uma determinada visão e já sabendo lidar um com o outro, já tínhamos tecnologia para tudo, planetária, lavagem de louça, tudo a gente já tinha. Para mim, essa é a principal diferença.... E o Canecão foi, como eu poderia dizer, no futebol seria a prorrogação ou morte súbita, na hora que fizer um gol acabou e o gol ali, no caso, nessa prorrogação de morte súbita, foi o julgamento da Dilma. Eu lembro da gente assistindo o julgamento lá no palco, no telão, sentadinhos no sofá e tipo “lascou! Agora é estado de exceção mesmo”. E somado a isso, o fato de que a questão política avançou, o golpe avançou, se consolidou o *impeachment* e nós pensamos “Não tem mais o que fazer aqui. Esgotou!” e estava vindo campanha também, eu estava envolvida na campanha da Jandira, já estava fazendo a campanha da Jandira (para Prefeita do Rio) durante a ocupação e foi juntando uma coisa com a outra, nós já estávamos exaustos (Luciana Pedroso).

A campanha eleitoral daquele ano de 2016 começou em agosto, era época de eleições municipais para os cargos de prefeito e vereador. Fátima Verônica lembra que “no Canecão a gente teve uma roda com os vereadores, pré-candidatos a vereadores, para cada um falar das suas propostas, para nós falarmos das nossas propostas”. Estiveram na Ocupa candidatos como Marielle Franco e David Miranda – que já não estão entre nós – dentre muitos outros. Este

encontro serviu para refinar o entendimento das pautas políticas entre ocupantes e candidatos, e também mobilizar os manifestantes para a política eleitoral, já que através da disputa dos espaços políticos concretos, podemos de fato avançar com a agenda proposta.

No entanto, no dia 05 de setembro, após forte pressão do MEC contra a UFRJ, a universidade que estava abrigando o movimento em seu terreno, e após longas conversas que levaram a um acordo em comum, os ocupantes retiraram suas coisas e desocuparam o Canecão.

A saída do Canecão foi pactuada. Nós achávamos que o golpe estava consolidado, que a partir dali as coisas iam ficar sérias, nós poderíamos sofrer atentados ali ou sermos vítimas de uma ação da polícia [...] e também havia uma pressão, por parte do governo federal, em cima da reitoria da UFRJ [...] Então nós fizemos uma reunião com a UFRJ que foi compactuado, inclusive, de que o Canecão reabriria depois e que a sociedade civil participaria de um comitê para gerir o Canecão junto com a universidade, mas tudo isso deu para trás depois, na verdade, eu tenho a impressão de que enganaram a gente ali. Aquele papo de que nós participaríamos e que o Canecão reabriria e que seria um espaço de fomento da cultura, uma escola de cultura, de arte, de política, havia essa promessa, mas eu acho que foi só para sairmos mesmo. Eles também ficariam muito mal se tirassem a gente a força, a UFRJ ficaria muito mal. Porque a UFRJ tem um viés mais progressista. Lógico que não é alinhada ao governo federal. Mas nós éramos um incomodo ali porque eles estavam sendo pressionados também pelo governo federal. Então, nós saímos pactuados, fizemos um grande evento de encerramento e a partir dali nós mantemos essa identidade até hoje, todos que participaram da OcupaMinc mantêm essa identidade quando se apresentam em eventos, quando se apresentam em algum lugar, falam “eu fui da OcupaMinc, e participei!” e com muito orgulho porque foi um movimento muito importante e muito feliz (Mauro Marques).

Mesmo após o fim da ocupação Ocupa MinC, percebemos que a força das ruas não morre nunca. Ainda que as ações sejam efêmeras, elas renascem de suas próprias cinzas em formatos de linguagem. A ocupação do antigo Canecão pela Ocupa MinC RJ também foi fundamental na simbologia da resistência política e cultural ao golpe de 2016. Após 30 e poucos dias de breve existência, a Ocupa Canecão foi desmobilizada por pressão do MEC à reitoria da UFRJ.

A luta dos manifestantes continuou e continua através das redes, das manifestações de rua, dos eventos realizados para comemorar os aniversários da ocupação e sobretudo, através da memória coletiva dos participantes e de todos aqueles que foram testemunhas de sua existência. Agenciá-la a partir dos olhares dos ocupantes é nosso objetivo neste trabalho.

Primeiro a palavra. Ocupar. Todo mundo se apropriou dessa palavra. E segundo, é uma forma de fazer política. [...] O quê que é uma ocupação? Diferente de uma manifestação, diferente de uma reunião de sindicato, diferente de qualquer agrupamento em relação a alguma coisa, a alguma causa. Você tá lá morando junto. Então você é atravessado por todas as causas, queira ou não queira, mesmo que você nem brigue pela aquela causa, nem te afete, você é afetado. Impossível você não ser afetado, se tem pessoas que lutam pela aquela causa, se você tá morando junto, você vai ser afetado (Ma Camargo).

Cada ocupante se apropriou da palavra “ocupar” com sua própria ação e, ao mesmo tempo, foi ocupado pela ocupação, atravessado pela convivência, afetado por uma luta da qual fazia parte.

Numa inferência do ato: Ah, nós vamos barrar o golpe, sabe. Eu acho que depois da segunda semana todo mundo entendeu que isso não ia acontecer. Assim, na terceira semana todo mundo entendeu aquilo não iria acontecer. Tipo, cara, não é fazendo show do Caetano que a gente vai barrar o golpe. O que a gente vai fazer aqui, é um outro tipo de trabalho. Que vai levantar essa bandeira, mas que vai ter um outro trabalho: pedagógico, trabalho artístico, trabalhado organizacional em cima das pessoas, assim. Lotar ali o vão do Capanema com três, cinco mil pessoas num show, é, de graça, era também dar uma balançada no cenário cultural da cidade, sabe. Eu lembro de muitos colegas produtores de evento: ah, mas o Ocupa MinC tá atrapalhando as coisas. Eu falava, cara, é o Ocupa MinC que tá atrapalhando, ou você que tá, tipo, preso a uma fórmula e não tá entendendo o seu trabalho? Porque você é um produtor de eventos, então você só vai ali dar uma festa. É isso que você quer? (Anna Karenina)

Um espaço de encontrar pares. Sobretudo na minha geração é uma coisa de a gente... Ah, encontrei pessoas maravilhosas que eu gostei, que eu fiquei muito amiga. A gente é amiga até hoje. E eu acho que tem uma coisa de, sei lá, eu vou repetir uma coisa que eu falei, eu acho que a coisa mais legal é essa possibilidade da gente experimentar, todo mundo que tava a fim de experimentar alguma coisa (Ma Camargo).

Eu estou falando pelo entendimento dali, como as coisas se encaixaram, de certa maneira, até fácil, apesar de conflitos, apesar de alguns problemas, eles eram resolvidos, tudo era resolvido. Era uma sensação muito de ali dentro poder viver o que a gente gostaria que fosse aqui fora. Então era meio que, nesse sentido, era utopia e a distopia foi que criou essa nossa utopia ali (Ique Gazolla).

A Ocupa MinC RJ foi uma espécie de utopia, a realização de um desejo coletivo de unir a luta política com o fazer cultural, que possibilitou uma vivência de aprimoramento democrático para cada ocupante. Através da micropolítica de um cotidiano compartilhado,

pessoas se conheceram, se tornaram amigas e criaram um novo tempo em comum.

Foi um momento de muita união que eu não vi em outro momento histórico na Cultura, pelo menos, eu não me lembro. Então isso era muito revigorante, porque dava força pra gente continuar lutando [...] E a soma do todo é maior do que cada parte, né? A gente funciona melhor em grupo. A arte é coletiva. Tem essa idéia do artista, mas o artista não é o artista sozinho. A gente funciona muito melhor em coletividade. Então as potências da gente, elas são muito mais bem exploradas quando estão em conjunto. A gente se soma e essa soma é maior do que um todo. Muito maior porque ela tem muito mais potência de luta, de reflexão, de crítica, de apoio (Leticia Gelabert).

Eu acho que, se o Brasil em si, além do Capanema, tivesse feito várias outras ocupações que não fossem só da cultura, se tivessem feito de outros movimentos também, a coisa poderia ter andado melhor do que andou depois disso. Mas perante a conjuntura do momento e as nossas possibilidades, eu acredito que chegamos 100% na meta do que a gente queria, que era chamar atenção para um problema, que era mostrar que tinha resistência, que era mostrar que era possível unir cultura e política ao mesmo tempo (Guilherme Imbassay).

Acho que a Ocupa demonstrou que é possível reunir pessoas muito diferentes, com ideologias muito diferentes em prol de uma causa comum. É possível fazer uma programação cultural, na cidade, gratuita, diária. Durante muito tempo (Brenda Lua).

Ficou fortemente marcado no imaginário coletivo a capacidade de realização que um coletivo consegue assumir quando está organizado e pleno em suas intenções. A Ocupa MinC RJ tornou-se um grande centro de produção cultural ao mesmo tempo que se firmou como o principal repositório da resistência política do seu período de existência. Ou ainda uma zona autônoma, como reivindica a ocupante Fátima Verônica:

Para mim, a ocupa foi uma zona autônoma urbana, não só um movimento social, mas também uma experiência mesmo de autonomia, sabe? Totalmente acontecendo em um universo paralelo, dentro do contexto cidade, contexto sociedade. Começou a existir um mundo paralelo ali na zona autônoma (Fátima Verônica).

A Ocupa MinC [...] eu acho que foi um lugar de construção de muitas pontes entre artistas engajados. Acho que foi um lugar de construção de muita ponte de atores culturais. Eu diria mais que artistas. Artistas seria resumir demais, o que transitou ali. Mas eu vejo como um grande lugar de ponte entre esses atores culturais engajados politicamente da cidade do Rio de Janeiro. [...] Eu acho que foi um acontecimento simbólico muito importante. Eu acho que teve uma simbologia de trazer um certo vigor de engajamento político ao campo da cultura na cidade. Das artes aqui principalmente. Falando bem especificamente do campo artístico, que eu acho que é um campo muito desengajado, muito pouco consciente politicamente (Anna Karenina).

A experiência do Ocupa MinC me mostrou muito o inverso disso. Que o artista, ele tem a capacidade de ensinar sobre organização de uma forma que o militante, por exemplo, estudantil, que eu me achava “Ah, eu sou super militante. Eu venho da escola estudantil”, entendeu, e de repente me encontro na militância cultural e eu aprendi muito, muito mais do que eu pensei, que eu estaria pra ensinar, na verdade eu estava lá mais pra aprender. Eu acho que isso é uma das coisas, assim, que eu tiro, que é muito forte a resistência, a classe artística brasileira como resistência, o artista como resistência no Brasil, a arte como resistência. Eu acho que isso é uma das características mais fortes, assim pra mim que ficou da ocupação. [...] acabei de fazer 57 anos e na minha vida, porque eu nasci na ditadura, nasci em 64, então cresci na ditadura e eu não vi por esse tempo, nenhum movimento de cultura deste tamanho e eu sou militante da cultura há muitos anos, então, óbvio que a ditadura teve as suas resistências e teve os seus momentos, mas assim, de uma ação dentro de uma democracia, a gente foi muito potente, muito importante (Bel Gomide).

Apesar de um histórico antigo de engajamento, em épocas quando os artistas se filiavam ao partido comunista ou quando os showmícios eram permitidos em campanhas eleitorais e os artistas colocavam sua arte à disposição de pautas políticas e sociais, as últimas décadas no Brasil apresentaram um setor cultural tímido e em cima do muro. Conscientes de seu poder de mobilização, os artistas mais famosos muitas vezes titubearam em se aliar a um ou outro lado do espectro político. Algumas poucas exceções nunca deixaram de demonstrar publicamente suas escolhas, mas a grande maioria, e em especial os artistas ligados à televisão deixaram de se posicionar em tempos recentes.

A Ocupa MinC, organizada por agentes culturais, trouxe um novo vigor de posicionamento político para o setor cultural, até então tido como alienado ou distraído com vaidades, dando pouca importância à sua responsabilidade de influência popular. A Ocupação ressignificou o papel dos artistas como resistência política no Brasil.

Então, pra mim, o grande legado, é saber que é possível viver em coletivo, ou agir no coletivo, no caso específico de uma ação política. E tomar decisões coletivas, em consenso. Sem uma liderança específica. Isso foi muito bonito. Muito (Brenda Lua).

Talvez a conjuntura do momento e outros fatores fizeram com que a gente conseguisse construir uma organização de luta e resistência que não tivesse rachaduras e que perdurasse por muitos meses. Fomos a última ocupação, fomos a mais resistente das ocupações culturais, foi a nossa. A que durou mais tempo, a que teve mais seguidor, a que teve mais curta, a que teve mais engajamento, então o modelo a referência de ocupação cultural de 2016 foi a ocupação do Capanema do plano aqui do Rio (Guilherme Imbassay).

Demarcação física importante de revelar espaços abandonados. De trazer... teve uma coisa meio de vitrine de artistas novos, teve uma questão também

de espaço de produção livre, que a gente não tem muito na cidade, né, de conseguir grandes audiências, grandes acontecimentos artísticos culturais, e que não são tão fáceis assim de se produzir fora desse tipo de dinâmica. Então, eu acho que tem um caráter de produção cultural muito forte, muito positivo. Que falando assim, até parece que se descola um pouco da ação política, mas, na verdade, é o contrário. Só foi possível por conta desse modo de operação de uma ação política e que... também acho que abre um certo caminho pra novos vislumbres, né, da categoria de trabalhadores da cultura em cima do que é possível. E traz novas possibilidades de organização (Anna Karenina).

Sabemos que a conjuntura do momento contribuiu para que o movimento fosse tão integrado e obstinado em suas pautas de reivindicação. A resistência tornou-se uma afirmação de identidades, subjetividades e agenda política.

A construção de consensos ficou marcada como um dos principais instrumentos inovadores utilizados na ocupação. A atuação política horizontalizada, sem lideranças, exercida por todos em conjunto, permite vislumbres de novas possibilidades de democracia participativa.

Eu lembro sempre de uma frase que a Elisa Lucinda falou no Circo Voador, num evento antes da Ocupa ainda. Que ela falava: ah, eles vão levar, o golpe já tá instaurado, eles vão levar, mas não vão levar na mão grande. Foi essa a expressão que ela usou, e, eu nunca esqueci isso. Então, assim: a gente deu trabalho. A gente deu um bom trabalho (Brenda Lua).

Eu, por exemplo, desconstruí muitos, perdi muitas certezas, sabe? Aprendi a ouvir mais, aprendi a respeitar mais. Aprendi muita coisa que hoje que eu acredito que nesses anos subsequentes, sim, conseguiram servir com uma certa efetividade pra combater o que a gente tá passando agora, assim. A gente vê hoje o movimento LGBTQI, os negros, as mulheres, eles têm hoje um poder de agregar, um poder de chamar o povo pra rua, um poder de fazer coisas que antes não tinha. É um movimento mundial e tal, mas assim, a minha escola disso foi o Ocupa MinC (Pedro Moreira).

O que isso virou? Isso virou muita coisa, sabe. Isso virou até a candidatura da Dyonne. Pô, sete mil e quinhentos votos no Estado. Virou uma briga institucional partidária; quem diria, né, por exemplo. Virou uma briga institucional dentro universidade, pela questão do Canecão, por exemplo. Virou uma consciência da necessidade de se organizar. Virou uma disputa pelo sindicato. Chegaram a disputar o SATED, uma parte da galera do Ocupa MinC, junto com o pessoal do Reage, junto com não sei quem, Mater. Enfim, eu acho que foi um grande celeiro de... um grande despertador para ações políticas dos artistas cariocas, sabe, de certa forma. [...] É ali, eu acho, que muitos artistas começaram de fato a entender modos e formas de se organizar politicamente, de diversas maneiras. Fazer contato com outras organizações, né. Eu vi um fortalecimento muito grande da UJS, ali. Porque a galera mais velha não tinha um reconhecimento, só os secundaristas tinham o reconhecimento da UJS. E aí, eu comecei a ver que a galera começou a entender um pouco mais o que, que era a UNE, o que era a UJS, né (Anna Karenina).

Eu acho que foi muito a cara do Rio de Janeiro, por mais que tivesse tido ocupação no Brasil todo, a nossa ocupação era um resgate da alma do Rio de Janeiro, da alma periférica adaptável. A gente era regido pelo acaso, que era uma outra lógica de vida que é muito da favela. A gente não tinha um planejamento, um plano, a gente não planejava a médio prazo, longo prazo, era tudo muito a curto prazo. Esse blocão era planejado semanalmente, a gente marcava nele por semana, então a gente só trabalhava com curto prazo e com o acaso. Então isso foi uma forma de ser, estar e fazer política muito forte que eu acho muito marcante e amizades, que é uma ferramenta muito forte de vida para a gente. Amigos mesmo, pessoas que eu fiquei amiga na OcupaMinc mesmo, uma espécie de irmandade (Dyonne Boy).

Tem muitas pessoas diferentes, é um momento de inovação também da luta, mas o que eu trago aqui também, a história se repete, sempre e uma das coisas que eu li outro dia, “a história se repete, o que muda são os protagonistas e os opressores”, eles são os atores que mudam e uma outra coisa que li, que é muito importante, então é assim: “quem domina a sua história, domina o seu presente, quem domina o passado, domina o presente”, por isso é tão importante a gente manter o domínio da nossa história e a legitimidade e veracidade dela, entendeu? E eu acho com que o Ocupa Minc continue sendo muito forte, porque temos total domínio da nossa história (Fátima Verônica).

Muitos legados repousam sobre a memória da Ocupa MinC RJ. O vento forte que soprou sobre os ocupantes deixou rastros e indícios que são agora registrados e analisados como a memória política da ocupação. Escola de micropolíticas, espaço de experimentação, nova forma de ação política, inspiração para novas formas de organização de políticas públicas, pequenas grandes contribuições na subjetividade e organização pessoal que este tempo deixou marcado dentro de cada um que o viveu.



Figura 10 – Ocupa Canecão, agosto de 2016, divulgação Ocupa MinC RJ

CONCLUSÃO

Após o golpe de estado e a extinção do Ministério da Cultura em 2016, agentes culturais em ato de resistência ocuparam o Palácio Capanema, sede do MinC no Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 16 de maio e 25 de julho de 2016. Durante 72 dias utilizaram o espaço para a realização diária de atividades culturais, reflexão e reivindicação sobre o momento político que atravessavam, desenvolvendo um processo único de criação social, política e artística.

Depois de serem expulsos do Capanema pela Polícia Federal, os agentes culturais ocuparam o espaço da antiga casa de shows Canecão, pertencente à UFRJ, dando continuidade ao movimento por mais quase 40 dias, até sua saída final.

Os shows, debates, assembleias, rodas de conversa, exibição de filmes, peças, danças, desfile, festas, filmagens, postagens em redes sociais, entrevistas a jornalistas do mundo inteiro, interações, performances, escrachos, exposições, atos de fala, atos de memória coletiva, inúmeras atividades desenvolvidas pelo grupo de memória dos ocupantes culturais, as reflexões geradas, a rede construída e seu impacto político e social constroem o que foi esta ocupação, conhecida como Ocupa MinC RJ.

Esta Ocupação assumiu um formato próprio, sendo organizado por um coletivo que se agregou de forma espontânea e horizontal, sem lideranças formais, e tendo como instrumento de tomada de decisões o consenso entre seus integrantes. Não havia votações, não havia correntes. A instância de deliberação da ação política foram as assembleias livres e abertas a todos os ocupantes denominadas planetárias.

A partir do grande movimento de ocupações no Brasil, que aparece no início da década, expande-se em 2015 com as escolas e atinge seu auge em 2016 com as ocupações culturais, seguido da retomada de ocupações escolares, um novo formato de ação política se delineia, inspirado em ações que ocorreram ao redor do mundo. Mobilizadas, divulgadas e apoiadas através da internet, as ocupações desenvolveram uma nova dinâmica nos atos populares de reivindicação.

Organizadas por coletivos, sem estruturas de hierarquia definidas, a força do conjunto sobressai sobre poderes individuais. O povo reunido constrói sua própria história. Diferentes partidos, distintas formações políticas e ideológicas, trabalhadores de diversas especialidades, unificados por um objetivo em comum.

A memória coletiva enriquece os tons da narrativa oficial da história. O território

público de onde se profere o discurso oficial do Estado foi ressignificado em sua função social através da ocupação de seu espaço por corpos criativos e vivificados.

A Ocupa MinC RJ demonstrou que a categoria dos trabalhadores da arte e da cultura são conscientes da realidade social e política do país e detêm uma capacidade descomunal de luta, empunhando a maior ação de resistência política contra o golpe de 2016. Concluímos que este período reinaugura o aumento do engajamento da classe artística nas questões políticas brasileiras.

“O golpe veio quente, nos já tá fervendo./ Quer desafiar? Não tô entendendo./ Mexeu com a Cultura você vai sair perdendo.” – com estes versos os ocupantes desafiavam o poder instituído, fazendo valer sua força de criação e de resistência. Repetiam inúmeras vezes que só desocupariam quando o Temer caísse. O governo era ilegítimo e ninguém os faria mudar de ideia. Enquanto isso, tocariam um dos maiores centros culturais da América Latina, com atividades gratuitas 7 dias por semana, muitas horas por dia, e com uma capacidade de encantamento sem precedentes recentes. E se transformariam a si próprios, na experiência da convivência cotidiana.

A Ocupa MinC RJ foi um grande laboratório de experiências micropolíticas, que impactaram na vida dos ocupantes e criaram novas formas de convivência, novas organizações sociais, novos meios de relacionamento.

As mulheres se uniram e criaram um espaço autônomo próprio dentro do espaço autônomo da Ocupação, a Formação de Sereias. A Ocupa se auto-regulava em busca de equilíbrio, como um organismo vivo. As tretas eram resolvidas internamente pelo grupo, gerando soluções internas a partir de novas ordens que se estabeleciam coletivamente.

Um coletivo heterogêneo em suas expressões e formações, porém unificado em objetivos, pode conviver harmoniosamente, ainda que inclua diferentes forças políticas. Percebemos que é possível a tomada de decisões por consenso, uma prova de que a democracia participativa pode de fato funcionar e se estabelecer como alternativa de governança.

As novas possibilidades de convivência e organização vivenciadas durante a Ocupação podem se tornar inspiração para novas estratégias de políticas públicas de gestão horizontal e compartilhada.

A democracia não se esgotou, mas ao contrário, está propensa a avanços, não apenas em inclusão e justiça social, como também em formas e instrumentos que possam refiná-la e torná-la um bem verdadeiramente comum. A democracia clama por aperfeiçoamentos e revela-se surpreendentemente melhor em experimentações sociais como as vividas por grupos de agentes culturais durante momentos de resistência a políticas colocadas por imposição.

Se agir é gerar um novo começo, na contramão das condições automáticas que a vida impõe, como queriam Arendt e Han citados nas nossas referências, o novo tempo havia chegado, um mundo novo começou...

CULTURA DE LUTA

O golpe veio quente, nós já tá fervendo.
 O golpe veio quente, nos já tá fervendo.
 Quer desafiar? Não tô entendendo.
 Mexeu com a Cultura você vai sair perdendo.
 Capanema é cultura de luta
 Feminismo é cultura de luta
 O Brasil inteiro é cultura de luta
 Fica preparado que se fecha nós Ocupa.
 Reforma agrária é cultura de luta
 Povo indígena é cultura de luta
 E os Quilombolas, cultura de luta
 Fica preparado que se fecha nós Ocupa.
 LGBT é cultura de luta.
 EBC é cultura de luta.
 Os secundaristas, cultura de luta
 Fica preparado que se fecha nós Ocupa.
 Estado Laico é cultura de luta
 E o SUS é cultura de luta
 E a Democracia é cultura de luta
 Fica preparado que se fecha nós Ocupa.¹⁸



Figura 11 – Ocupantes no mezanino do Capanema deitados sobre o fundo de palco Fora Temer, algum momento de julho de 2016, divulgação #OcupaMinCRJ.

¹⁸ Letra da música Cultura de Luta, postada pela página da Ocupa MinC RJ em 05 de junho de 2016. In: https://www.facebook.com/OcupaMincRJ/posts/583372668534681/?_rdr (Acesso em 19 de novembro de 2024)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **As rebeliões de junho de 2013**. In: OSAL - Observatorio Social de América Latina, Año XIV, No 34, 2013

BENTES, Ivana. **Lembrem-se de 2013**. Site Outras Palavras, 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/blog/ivana-bentes-lembram-se-de-2013/> (Acesso em 25 de setembro de 2020).

_____. **Mídia-multidão. Estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

BRAGA, Ruy. **As jornadas de junho no Brasil: Crônica de um mês inesquecível**. In: OSAL - Observatorio Social de América Latina, Año XIV, No 34, 2013

BOSCO, Francisco. In: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/06/1780296-francisco-bosco-escreve-sobre-a-cultura-dividida-e-o-vaivem-do-minc.shtml?mobile> (Acesso em 25 de setembro de 2020).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**.

BOUTIN, A., & FLACH, S. **O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana**. Revista Inter Ação, 2017, 42(2), 429-446. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.45756> (Acesso em 25 de julho de 2020)

CARNEIRO, Henrique Soares e outros. **Rebeliões e ocupações de 2011** in: Occupy – movimentos de protesto que ocuparam as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.

CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação: Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FARES, Barbara Vida Mefano. **Corpos em estado permanente de revolta: vídeo/atos na Ocupa MinC RJ**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAN, Byung-Chul. **No enxame, perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: a abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime**. Moscou: People's Friendship University of Russia, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador – Bauru: EDUFBA – EDUSC, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

LIFSCHITZ, J. **Em torno da memória política**. In: DODEBEI, V. e outros (ORG) Revista Morpheus, Edição Especial, V.9, N.15, 2016.

_____. **Sobre as manifestações de junho e suas máscaras**. In: Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 6 (4), 699-715, 2013.

<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7442/5985> (Acesso em 24 de abril de 2020)

MACIEL JR, Auterives. **Resistência e prática de si em Foucault**. Trivium [online]. 2014, vol.6, n.1, pp. 01-08 . Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912014000100002&lng=pt&nrm=iso ISSN 2176-4891. (Acesso em 28 de agosto de 2020).

MASSEY, Jonathan & SNYDER, Brett. **Occupying Wall Street: Places and Spaces of Political Action - Surveying a hypercity built of granite and asphalt, algorithms and information.** Places Journal, 2012. Disponível em:

https://placesjournal.org/article/occupying-wall-street-places-and-spaces-of-political-action/?gclid=CjwKCAiA6aSABhApEiwA6Cbm_915jlpMxK87DRg6KPZ9EW7x1jZCvTzr_v_KZNXfHPtJYivXYMAOH4hoC1rwQAvD_BwE&cn-reloaded=1 (Acesso em 21 de janeiro 2021)

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral.** São Paulo: Escala, 2013

OCUPA MINC RJ. **Ocupa Tudo:** manifesto para uma desobediência civil. Fanzine elaborado a partir de 25 entrevistas com ocupantes do Ocupa MinC RJ, julho de 2016.

PARDO, Ana Lúcia. **Estética dos protestos: atores e personagens na cena política de 2013a 2016.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

TAVARES, Beatriz Diogo. **Olha eu aqui de novo!: a tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

TORRES FILHO, Ernani Teixeira. **A crise do sistema financeiro globalizado contemporâneo.** Rev. Econ. Polit., São Paulo, v. 34, n. 3, p. 433-450, Set 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572014000300005>. Acesso em 13 de março de 2021.

TRAVERSO, E. **O passado, modos de usar. História, memória e política.** Belém do Pará:Ed. Unipop, 2012.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. **UBES divulga a lista das escolas ocupadas e pauta das mobilizações**. 11 out. 2016. Disponível em: <http://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/> (Acesso em 25 de julho de 2019)

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. **#OcupeBrasília: UNE convoca acampamento na Esplanada dos Ministérios**. 2011. Disponível em: <https://www.une.org.br/2011/12/ocupebrasil-une-convoca-acampamento-na-esplanada-dos-ministerios> (Acesso em 23 de janeiro de 2021).